

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

ANA FELICIA GUEDES TRINDADE

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS QUE PENSAM A ÉTICA DA VIDA
COM CRIANÇAS E JOVENS**

**Buscas e reflexões de Ética Prática a partir da Bioantropoética e
da Matriz Biológico-Cultural da Existência Humana**

Porto Alegre, pleno verão de 2011.

ANA FELÍCIA GUEDES TRINDADE

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS QUE PENSAM A ÉTICA DA VIDA
COM CRIANÇAS E JOVENS**

**Buscas e reflexões de Ética Prática a partir da Bioantropoética e
da Matriz Biológico-Cultural da Existência Humana**

Dissertação a ser apresentada ao Curso de Pós-Graduação da Faculdade de Educação, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação.

PROF^a. Dr^a. LEDA LÍCIA FRANCIOSI PORTAL

Orientadora

PORTO ALEGRE

2011

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T833p Trindade, Ana Felícia Guedes

Práticas pedagógicas que pensam a ética da vida com crianças e jovens : buscas e reflexões a partir da bioantropoética e da matriz biológico-cultural da existência humana / Ana Felícia Guedes Trindade. – Porto Alegre, 2011.

140 f.

Diss. (Mestrado em Educação) – Fac. de Educação, PUCRS.

Orientadora: Prof^a Dr^a Leda Lísia Franciosi Portal

1. Educação. 2. Bioantropoética. 3. Autopoiese. 4. Ética Prática. 5. Pedagogia. I. Portal, Leda Lísia Franciosi. II. Título.

CDD 370.1

Bibliotecária Responsável: Salete Maria Sartori, CRB 10/1363

ANA FELÍCIA GUEDES TRINDADE

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS QUE PENSAM A ÉTICA DA VIDA
COM CRIANÇAS E JOVENS**

**Buscas e reflexões de Ética Prática a partir da Bioantropoética e
da Matriz Biológico-Cultural da Existência Humana**

Dissertação a ser apresentada ao Curso de Pós-Graduação da Faculdade de Educação, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Aprovada em 20 de janeiro de 2011.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a Orientadora : Dra. Leda lisia Franciosi Portal (PPGE/PUCRS)

Prof^a Dra. Ana Lúcia Souza de Freitas (PPGE/PUCRS)

Prof^a Dra. Valeska Fortes de Oliveira (FACULDADE DE EDUCAÇÃO/PUCRS)

Prof. Dr. Ricardo Timm (PPGE FILOSOFIA/DIREITO/PUCRS)

**Ao meu Pai Alcione (In Memoriam),
o qual foi minha grande inspiração de
Amor Político e de Ética da Vida.**

**À minha Mãe Luiza, a qual foi a grande
inspiração de Ternura, Fidelidade
e Poiesis em minha Vida.**

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao mais sagrado da vida, por elaborar, misteriosamente, as ligações entre tudo o que é vivo.

Agradeço, com lágrimas de amor, aos meus amores de casa, que nas suas maneiras profundamente honestas e éticas de ser, ensinam-me todos os dias movimentos de viver

Meu José, em equilíbrio, simplicidade, paz e ternura

Minha Ana Luiza, em terra, jorro cristalino, paixão e intensidade

Meu Elvio, em constância e permanência . Inteira companhia.

Agradeço aos meus irmãos Paulo e Graça e amigas Doris Couto, Lucia Martinez e Carmen Muller, pela amizade, de tão vasta, oceânica e continental.

Agradeço os movimentos embrionários e ardentes da Escola Cidadã, sem os quais não seria uma Guerreira do Bem. Ao coletivo de trabalho da Parceiros Voluntários, que ensina-me a ser Parceira. Às energias do Bem que inspiram a gestação da Poiesis Agenda Compartilhada. À Rede Municipal de Educação de Porto Alegre por tornar-me uma educadora popular. À Comunidade da Restinga pela capacidade de me ensinar infinitamente o enorme sentimento de realidade.

Agradeço à Professora Silvana Couto e Sá pela fina ética de viver e ensinar amor.

Agradeço aos meninos e meninas do Projeto Brincar, por anunciar ao mundo que o Brincar vence a dor. E que Ensinar a Brincar é estado puro de Amor.

Agradeço à Escola Amigos do Verde , por partilhar suas preciosidades aprendidas e vividas todos os dias em estado de Ética e Estética.

Agradeço à PUC, pelo acolhimento distinto. À CAPES, pela política da inclusão, através das Bolsas de Estudos e dedicação qualificada aos Pesquisadores e Cientistas do Brasil.

Agradeço ao Professor Marcos Villela Pereira, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação 2009-2010 que, como exímio agregador de potências humanas, elevou nosso PPGE para o Conceito 6.

Agradeço à Edgar Morin e Humberto Maturana, por tanto amor pelo ser humano.

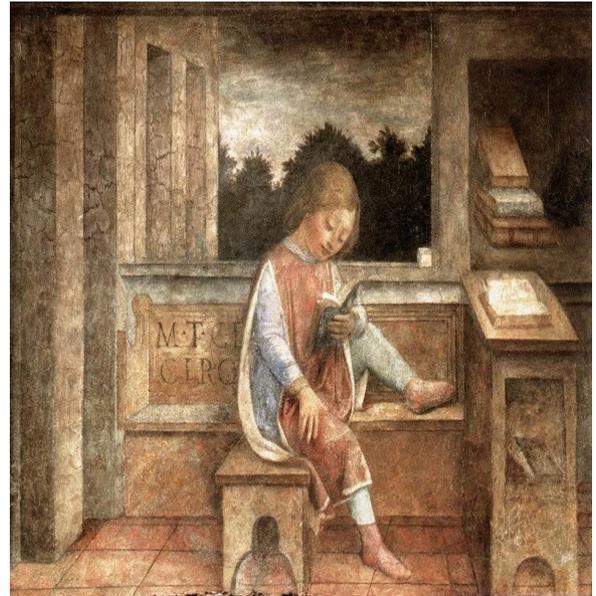
Agradeço, com as mãos em oração,

pela minha Orientadora Leda Lísia: tanta luz, tanta intensidade,
tanta sabedoria .

De todas as horas,

de todas as verdades,

e profundo senso de justiça



“Honrar o Sagrado. Honrar a Terra, nossa Mãe. Os anciões e antepassados. Todos são nossas relações e conosco vivem a Grande Teia da Vida em todas as épocas e em todos os tempos, desde os primórdios até a eternidade. Somos aqueles que caminharam antes de nós. Somos aqueles que caminham e, através de nós, caminha o amanhã.

Que possamos caminhar
com equilíbrio e beleza.”

(May you allways walk in balance and beauty)

RESUMO

O estudo reflete sobre Práticas Pedagógicas que pensam a Ética da Vida com Crianças e Jovens, buscando manifestações e extratos de Ética Prática na Escola, as quais podem constituir valores éticos de caráter duradouro. Nesse sentido, investiga a matriz ética experienciada durante alguns períodos de escolarização na Escola Amigos do Verde e no Projeto Brincar, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Lidovino Fanton, em Porto Alegre. Estuda os âmbitos de Auto-Ética, Sócio-Ética e Antropoética realizando-se nessas experiências. Utiliza a Metodologia de Grupos Focais na Escola Amigos do Verde e Entrevistas Semi-estruturadas para com o Projeto Brincar. Reflete sobre parte da natureza ética que compõe os sujeitos educadores como potência latente, a qual permite a evolução dos seus processos de humanização, possibilitando a socialização dessas construções com os estudantes com quem convivem e produzem. Para isso, investiga, com os educadores envolvidos nessas Práticas Pedagógicas, como a Ética constrói-se e manifesta-se em suas vidas, em suas vidas profissionais, em suas propostas pedagógicas e em seus processos de consolidação de valores éticos com as crianças e jovens com quem trabalham. A Pesquisa desenvolve-se nas bases sociológicas e biológicas da Bioantropoética, em Edgar Morin e na Matriz Biológico-Cultural da Existência Humana, em Humberto Maturana, buscando as aproximações teóricas entre esses estudiosos, com repercussões filosóficas e pedagógicas. Pensando a Ética como um princípio formativo a partir da Natureza Humana e da Cultura, propõe uma Ética Viva, de todo o dia, do cotidiano, através de um novo habitar humano, articulando Ética da Vida, Ética Viva e Ética Prática. Reflete a constituição de valores humanos éticos duradouros na Escola, com crianças e jovens, a partir da formação dos professores, das suas visões de mundo e das suas concepções de Vida, de Ética e de Ser Humano e da qualidade das suas Práticas Pedagógicas. Assim, essa pesquisa acena as possibilidades concretas que a Escola tem de constituir reflexão profunda acerca da Natureza Ética do ser humano e sua potência para assumir a condição mais plena de sua humanidade - a Bioantropoética e a Autopoiese, vivendo exercícios e experiências de reflexões operativas em torno da arte do viver e do conviver humano, pela Complexidade e Matríztica.

Palavras-Chaves: Educação. Práticas Pedagógicas. Ética da Vida. Bioantropoética. Matriz Biológico-Cultural da Existência Humana. Ética Prática. Ética Viva. Âmbitos Ativos de Universo Ético. Autopoiese. Pensamento Complexo. Habitar Humano.

RESUMEN

El estudio reflexiona sobre las prácticas de enseñanza que ellos piensan que la ética de la vida de niños y jóvenes que buscan expresiones y declaraciones en la Escuela de Práctica Ética, que son los valores éticos de carácter duradero. En esse sentido, la investigación de los aspectos éticos de la matriz experimentado algunos períodos de estudio en la Escuela y los Amigos de la Play Proyecto Verde, la Escuela Hall Elementary School Lidovino Fanton, en Porto Alegre. Estudio de las áreas de auto-Ética, Ética y socio Antropoética, llevar a cabo estos experimentos. El uso de la Metodología de Grupos de Enfoque en la escuela y los amigos de entrevistas semi-estructuradas Verde con el proyecto para jugar. Una reflexión sobre la ética de la naturaleza que constituye el poder latente como profesores de las asignaturas, lo que permite la evolución de su proceso de humanización, lo que permite la socialización de estos edificios con los alumnos con los que vivir y producir. Para ello, investiga, los educadores que participan en esas prácticas de enseñanza, tales como la ética se acumula y se manifiessa en su vida, en su vida profesional en sus propueusas pedagógicas y sus procesos de consolidación de los valores éticos a los niños y jóvenes con las que trabajan. La encuesta se desarrolla sobre la base de sociológicos y biológicos Bioantropoética en Edgar Morin y Bio-Cultural Matriz de la existencia humana en Humberto Maturana, la búsqueda de los planteamientos teóricos de estos estudiosos, con implicaciones filosóficas y pedagógicas. Pensar la ética como principio formativo de la naturaleza humana y la cultura, la ética propone un Viva, todo el día, todos los días, a través de una vivienda nueva humanos, la articulación de Ética de la Vida y Vida Ética, Ética Práctica. Refleja el establecimiento de soportar los valores humanos, la ética en la Escuela, con niños y jóvenes de la formación de profesores, sus visiones del mundo y sus concepciones de la vida humana, la ética y ser humano y la calidad de sus prácticas de enseñanza. Así, essa investigación invita oportunidades prácticas que la escuela tiene que ser una profunda reflexión sobre la ética de la naturaleza humana y su poder para asumir la condición de más plenamente su humanidad - los ejercicios que viven Bioantropoética y la experiencia operativa de las reflexiones sobre el arte de ser humano vivo y en directo, lo biológico-cultural de la matriz de la existencia humana. **Palabras clave:** Educacion. Prácticas Pedagógicas. Ética de la Vida. Bioantropoética. Matriz Biológica y Cultural de la existencia humana. La ética práctica. Ética de Vida. Ámbitos Activos universo ético. Autopoiesis. El Pensamiento Complejo. El vivir humano.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 PRIMEIRO ENLACE: A COLHEITA DO ALGODÃO.....	19
2 SEGUNDO ENLACE: MANUAL DO TECER.....	27
3 TERCEIRO ENLACE.....	30
3. 1 ASPECTOS METODOLÓGICOS	30
3. 2 PARTICIPANTES E AMBIENTES DE PESQUISA.....	32
3. 3 AMIGOS DO VERDE: TECENDO GRUPOS FOCAIS.....	33
3. 4 PROJETO BRINCAR: TECENDO ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS.....	40
4 QUARTO ENLACE.....	42
4. 1 O OFÍCIO, A HABILIDADE DE TECER,O MOVIMENTO DO TEAR - A DINÂMICA DA TRAMA.....	42
4. 2 ENTRELACES ENTRE MORIN E MATURANA : ENLACES ENTRE OS SUJEITOS PESQUISADOS	45
4. 3 PREPARANDO OS FIOS PARA A URDIDURA, QUE VAI COMPOR O FUNDO DO TECIDO	58
4.4 MAIS UMA TECELÃ PARA ESSA TRAMA: XIMENA YÃNÈZ	69
4.5 PELOS FIOS DA BIOLOGIA DO AMOR: HOMO-SAPIENS-AMANS-ETHICUS	73
4.6 A AUTO-ÉTICA, A SÓCIO-ÉTICA, A ANTROPOÉTICA : TRAMAS PARA TECER A BIOANTROPOÉTICA.....	88
5 QUINTO ENLACE:	101
5. 1 DO COMPROMISSO INTELECTUAL RESPONSÁVEL: A ORIENTADORA...102	
5.2 DO COMPROMISSO INTELECTUAL RESPONSÁVEL: DA PESQUISADORA APRENDIZ E SUAS ESCOLHAS.....	104
5. 3 DO COMPROMISSO INTELECTUAL RESPONSÁVEL.....	107
_____ DOS SUJEITOS PESQUISADOS.....	107
5.4 DAS ALEGRIAS, DAS REALIDADES E DOS COMPROMISSOS DESSA PESQUISA E DA PESQUISADORA	109
5. 5 DAS PROVISORIEDADES E DOS COMPROMISSOS A HONRAR.....	114

ANEXO A - FOTOS..... 118

ANEXO B – AUTORIZAÇÕES DAS ESCOLAS PESQUISADAS..... 137

INTRODUÇÃO



Os primeiros enlaces vêm pelas primeiras palavras

O CONHECIMENTO COMO O MAIS POTENTE DOS AFETOS

Encanto-me com uma passagem do livro “O Mais Potente dos Afetos”, de André Martins, em que ele dedica-se a contar a aproximação entre Nietzsche e Spinoza e a profunda e belíssima discussão que sintetiza qual seria o mais potente dos afetos. André Martins conta que, feliz, Nietzsche reconhece que não sente-se mais tão só, porque encontra em Spinoza a mesma tendência que é a de “fazer do conhecimento o mais potente dos afetos”. E cita o texto escrito em Aurora, aforismo 550, intitulado Conhecimento e Beleza, no qual Nietzsche faz a delicada explicação sobre isto:

“O Conhecimento da realidade é aquilo que mais nos propicia felicidade e fruição. Aumenta a beleza do mundo e torna mais ensolarado tudo o que há; o conhecimento não somente põe sua beleza em torno das coisas, como também de uma maneira durável, nas coisas. É apenas o conhecimento da realidade que é capaz de gerar em nós esse efeito afetivo, contrariamente à imaginação e à ficção, à intuição dos teólogos, à visão dos místicos e à ação dos pragmáticos. É na realidade que aprendemos a ver o outro como ele mesmo, verdadeiramente. E isto é o conhecimento que produz. O conhecimento é o mais potente dos afetos”. (Aurora, aforismo 550, p. 22)

Mais adiante, reflete as oposições e contradições entre realidade e imaginação, o que nos devolve uma nitidez necessária:

. . . Pois se os homens reservam sempre sua reverência e seu sentimento de felicidade às obras de imaginação e de ficção, não é de espantar-se, diante do oposto da imaginação e da ficção, que eles sintam frieza e desprazer, terminando por acreditar que a realidade é feia. Se esperamos um mundo ideal, se julgamos que a verdade está em outro mundo, se idealizamos as coisas e queremos lhe impor um julgamento moral, somente encontraremos desprazer nas coisas reais, e delas somente tiraremos insatisfação e sofrimento, quando, na verdade, estes afetos são forjados pela própria imaginação de que as coisas deveriam ser como não são, ou que seriam melhores caso seguissem um Bem ficcionado como universal – o que expressa simplesmente o desejo, inevitavelmente frustrante, de que a realidade não nos contrariasse. (Aurora, p. 32)

O que estará fazendo Nietzsche por aqui falando-nos de conhecimento e afeto? O que estará fazendo por aqui, numa produção que deseja discutir a Bioantropoética, substrato da Teoria da Complexidade? E Spinoza, o que desejará? Ambos foram pedras fundantes na caminhada da racionalidade, necessidade premente para discutir a imanência e a afetividade. E que fascinante o texto de Nietzsche em relação a Spinoza tanto em Aurora quanto na carta escrita, em 1881, para Overbeck, colega e amigo seu, teólogo protestante, com quem dividia angústias e alegrias! Nesta carta, ele se coloca como “maravilhado” em conhecer a obra de Spinoza. Ele mesmo percebe as aproximações e as distâncias entre eles, sem deixar de admitir que o que os aproxima é intenso demais para afastá-los por outras ideias dissonantes, o que alguns anos depois o fará, com as devidas ressalvas pelas aproximações que possuem. Que compreensão! Que racionalidade afetiva, capaz de perceber as aproximações e respeitar as diferenças, isto lá por volta de 1880!

Entendo um pouco assim o mundo contemporâneo! Quero entendê-lo assim: conhecendo as raízes filosóficas e epistemológicas das tendências políticas acerca da vida, do Homem, do mundo, para ter clareza política do que defendo e em nome de que defendo, poder me posicionar nestas defesas, mas rastreando, sempre, as aproximações e potências das semelhanças de ideias de pensadores ou paradigmas, que, por ventura, surjam na tecitura dos conhecimentos. Desejo compreender o mundo pela inspiração das ligações, intersecções, conexões e entrelaçamentos. Penso sempre que já fizemos investimentos imensuráveis, de toda a ordem, para criarmos distâncias e verdades absolutas, isolamentos e pensamentos fragmentados que alijaram séculos e séculos de possibilidades humanas. Quando incluo um escrito de Nietzsche, encantada pela potência da declaração afetiva em relação a Spinoza, que mesmo inteligentemente sabia das distâncias em relação a alguns pensares entre ambos, estou buscando, em meu tempo, e neste espaço, a aprendizagem que ele mesmo nos deixa nesta atitude filosófica de mais alto nível: saudar a identidade de ideias e compreender as posições divergentes como juízo de direito.

Assim, entendo que Nietzsche e Morin não provêm das mesmas fontes, mas quando as suas águas se jorram e se espalham, sempre haverá as possibilidades delas se encontrarem e até marejarem juntas, em algumas circunstâncias teóricas. Procurei produzir esse Trabalho de Pesquisa nessa perspectiva de aberturas, claros e democráticos espaços de pensamentos, transitando pelas margens das contradições, visto que o conhecimento é tomado de transitoriedade e inconclusão.

Quando Morin traz seus substratos de transcendências pela Teoria da Complexidade, foi porque ele já andou pelos caminhos das imanências, e jamais negou suas existências. Muito pelo contrário. Diz ele que para transcender é imprescindível caminhar pela imanência e avançar sempre nas questões históricas, sociais e econômicas. Quer o autor discutir os atravessamentos materialistas-históricos. E os discute, mas nos traz à tona o mundo das contradições, da dialética e da dialógica. E nos traz à tona as possibilidades de viver aceitando as contradições. E também defende, incansavelmente, em sua vasta obra, não necessariamente nesses termos, que o conhecimento é o mais potente dos afetos. No livro *O Conhecimento do Conhecimento*, Morin expressa a grandeza do conhecimento em si, por meio de “ato” e da interdependência dele com a vida:

“O ato de conhecimento, ao mesmo tempo, biológico, cerebral, espiritual, lógico, linguístico, cultural, social, histórico, faz com que o conhecimento não possa ser dissociado da vida humana e da relação social.”(2008,p. 26).

Nos termos de Spinoza (1665), “é preciso afirmar a realidade, amar tragicamente a vida, o real, a existência, o conhecimento”. Nietzsche percebe esta felicidade suprema como “o conhecer”, este afeto do viver, que é um entendimento exercitado para encontrar e inventar e que é capaz de transformar a existência a partir dela própria, como também fundamenta André Martins.

E eu concordo com eles que o mais potente dos afetos é o Conhecimento.

O Conhecimento é a força motriz e matriz das relações humanas. É o que gera e o que gesta os afetos e as interações. É o que fornece a mínima possibilidade e cria a ação. É o que fornece o movimento dos movimentos humanos, o conhecimento da realidade do outro, dos entornos do outro, da realidade de si mesmo, das fronteiras e dos horizontes de si mesmo, da natureza ética que nos compõe .

E é com a intenção de desvelamento das articulações entre o Conhecimento Ético e a Natureza Ética do Ser Humano que busquei pesquisar os seus resquícios, as suas manifestações e os seus extratos na Escola, organizados e articulados pelos fazeres de algumas Práticas Pedagógicas. À luz da Bioantropoética, pelas sendas da Teoria da Complexidade, com o apoio

incondicional da produção bibliográfica singular de Edgar Morin no campo da Sociologia do Conhecimento, procurei investigar algumas matrizes e tatuagens éticas que se imprimem e se constituem como "Ética Prática" durante alguns períodos de escolarização da Educação Básica nas vidas dos estudantes.

Pretendi estudar a natureza ética que compõe os sujeitos como uma potência latente que pode permitir a evolução dos seus processos de hominização e humanização. Pensar sobre esta Ética percebida à luz da Biologia que tece nossas humanidades, da Antropologia que nos pertence, das Culturas que estruturam nossos pertencimentos e nas quais nos envolvemos desde sempre, junto com os próprios sujeitos sociais participantes da Pesquisa trouxe-me a dimensão da Ética na Vida Prática Escolar.

Permeando a pesquisa pelos ares, ainda úmidos, para a maioria de nós, da Bioantropoética que Morin nos apresenta, investiguei como os conhecimentos de valores humanos éticos, entendidos como duradouros, podem ir se constituindo, na caminhada viva da juventude escolar com a contribuição que a Escola faz a partir das suas visões de mundo e das suas concepções de vida e de ética. Investiguei como algumas experiências escolares se articulam no complexo exercício diário de "cuidar" da Vida dos estudantes por meio de práticas pedagógicas saudáveis e que atendem suas demandas, enquanto eles "habitam", no mínimo, quatro horas diárias, neste espaço dito de "conhecimentos formais".

Estudei, em leituras, com Humberto Maturana, e ainda com Ximena Yáñez, sua colaboradora na Escuela Matriztica do Chile, a Matriz Biológico-Cultural da Existência Humana, em que a arte do viver e do conviver humano e a busca do pensar sobre a construção de uma linhagem ética natural que reorienta o Viver Humano são aprofundadas.

Dessa forma, pensando a Ética como um princípio formativo a partir da Natureza Humana e da Cultura, Maturana funda um pensamento que tem como esteira e colunas a Ética. Anuncia a presença permanente da incompletude humana e propõe uma Ética Viva, de todo o dia, do cotidiano através dos habitares humanos.

Esses dois autores, Morin e Maturana, são humanistas por escolha política e por amor ao mundo. Política e amor que sempre foram confessáveis, explícitos, orgânicos. Os dois proclamam as urgências. Todos os dois denunciam nossa falta de amor, nossa falta de fome, nossa falta de saber conviver. Todos os dois anunciam nossas potências para constituir processos de cura e de reconciliação. Ambos são intelectuais orgânicos, como diria Gramsci, que colocam, a serviço do bem-viver de toda a sociedade, as suas produções. Ambos fazem parte do mesmo campo definidor que defende a Vida Sistêmica, em permanente movimento, plena de incertezas e atravessada por conversação e dialogicidade.

Amparada por estes dois estudiosos amorosos e preocupados com o destino da Humanidade, cujos estudos e campos epistêmicos encontram-se alinhados e articulados, senti-me muito fortalecida para buscar e investigar Práticas Pedagógicas que representassem estes pensamentos e que se responsabilizassem pelo desenvolvimento da inteireza dos sujeitos com quem convivem e educam.

É possível que esta pesquisa tenha investigado sinais consistentes de Conhecimento Ético. E é possível que entendamos com mais nitidez a longa conversação entre Spinoza e Nietzsche sobre o Conhecimento como o mais potente dos afetos citado no início dessa Introdução, ao finalizar este estudo.

A Insígnia que escolhi para essa investigação foi a Trama. Não por tendência estético-teórica academicista muito utilizada ultimamente, mas porque representa, de fato, o processo que se desenvolveu desde os primeiros estudos em Morin e Maturana até a pesquisa das Práticas, nas Escolas pesquisadas.

A Trama. A Trama carrega em si o mistério da Rede, dos Fios, da Tecitura, do Tear, das Urdiduras, dos Nós, dos Enlaces e Entrelaces, do Tempo sendo tramado, do Desenho pensado ao Desenho tecido e das subjetividades de cada tecelão e tecelã e das trocas e socializações cambiadas entre eles e elas. O Conhecimento como o mais potente dos afetos se dá sempre em tramas e tecituras, nos múltiplos teares da vida, tecidos com uma infinidade de fios, por sujeitos tecelões e tecelãs do drama que se faz pelo Conhecer e Desconhecer, Fazer e Desfazer, Tramar e Destramar, tecendo sempre com a incerteza presente da possibilidade do fio que rebente ou do nó cego ou do tear enferrujado ou do laço e do embaraço e com a certeza obstinada dos tecelões que acreditam que Conhecer é a possibilidade mais evidente de “tornar tudo o que há mais ensolarado”, como Nietzsche tece com Spinoza.

Assim, em meio ao ofício sagrado de tecer pensamentos, falas e fazeres, fui tecendo este estudo que, aqui, apresenta-se em escritos, os quais desejo compartilhar com você, que me lê.

No Primeiro Enlace, senti necessidade de explicar a Gênese do Desejo por este Tema de Pesquisa, o qual pensa Práticas Pedagógicas nutridoras da Ética Humana, a partir da Bioantropoética e da Matriz Biológico-Cultural da Existência Humana. Gênese esta que se estende desde os meus primeiros movimentos de pensar, como pequenina estudante, a ética no ato pedagógico até o encontro com estas perspectivas complexas e sistêmicas complementares que estremecem nossos pensares em relação à constituição da Ética. Nesse Enlace, apresento A Gênese da Escolha do Tema.

No segundo Enlace, apresento o Tema, sua Delimitação, a Justificativa e os Objetivos que me levaram a desenvolver este estudo, bem como o Problema de Pesquisa e as Questões que, como

um manual de Tear, orientaram as tecituras, criando um corpo compreensivo do passo a passo necessário.

Será no Terceiro Enlace que trarei, ao seu conhecer, os Aspectos Metodológicos, os Participantes dessa tecitura toda e os Ambientes da Pesquisa.

O Corpus de Análise da Pesquisa, trazendo a Trama propriamente dita das Práticas Pedagógicas de Ética Prática pesquisadas, dos sujeitos pesquisados tecendo e se tecendo, do meu ofício de pesquisadora de também tramar, olhando, percebendo, observando, questionando, registrando, pensando sobre, analisando e a conclusão provisória do que tem sido tramado neste processo, será encontrado no Quarto Enlace, com certo encantamento, adianto, por tudo o que foi encontrado, ou leia-se, muito além do que se imaginava encontrar. Esse enlace é de feitio duplo: vai tecendo o fio da pesquisa em si e da análise das falas com os fios teóricos ,aproximando Morin e Maturana ,constituindo Feixes Teóricos que a Pesquisa se propõe a sustentar: Bioantropoética e Matriz Biológico-Cultural da Existência Humana, com recortes na Complexidade, Sistêmica e Autopoiese, os quais não são da mesma nascente epistemológica, mas co-existem nos afluentes sociológicos e biológicos, com repercussões filosóficas e pedagógicas, elaborando um sentido rizomático complementar fundamental.

O Quinto Enlace traz a expressão de três sentimentos que me tomam como Pesquisadora: o da Alegria Cultural, parafraseando Snyders, o de Enorme Sentimento de Realidade criado a partir do olhar do Conhecimento como o mais potente dos afetos, pelas mãos de Spinoza, Nietzsche e André Martins e o de Compromisso Intelectual Responsável, tocada por Carlos Rodrigues Brandão, que me guia, juntinho com Leda Lísia Franciosi Portal – minha Orientadora Científica, amorosamente transcendental, nos passos do olhar científico maduro. Nesse Enlace, também apresento algumas ideias que, na provisoriedade desse trabalho, servem, não como horizontes longínquos e fadados a cair no esquecimento ou adiamento, mas para o tamanho dos nossos braços e pernas de professores e professoras que pesquisam - históricos e históricas, viventes mortais, concretos, gentes, de carnes e ossos, fazedores de mundos, que no dia a dia, se debruçam para pensar, descobrir, desvelar e anunciar os muitos mundos que são inventados para os diferentes habitares humanos, um deles a partícula Escola, uma das partículas desta Grande Teia chamada Vida. Ideias simples, de chão de Academia, de Oficina de Escritos de Pesquisadores, possíveis de realizar, como milhares de produções científicas existem e se fazem Luz no mundo do Conhecimento do Conhecimento, da Humanidade da Humanidade, da Vida da Vida.

O Sexto Enlace socializa aquelas sem as quais jamais teria chegado à busca da Pesquisa em si: as Referências Bibliográficas. Por elas, dá para se fazer ideia das minhas companhias ao longo destes dois anos. As Referências de Os Métodos de Morin, as três obras de Maturana com outros

pesquisadores e as quatro obras de estudos de Pesquisa em Moraes, Brandão e Vieira Pinto foram minhas companheiras de cabeceira (e de “travesseiro”, também). Obras que me inspiraram a gerar, a gestar e partejar esse trabalho, que foi parto normal, para a alegria de todos: com as dores, as contrações e as dilatações previstas, velhas conhecidas por todos os que pesquisam, sem esquecer do sentimento fascinante da Alegria da Criação.

Assim, remeto você, que me lê, à leitura de todos esses Enlaces, com o terno convite de se deixar tramar junto, no feitiço maravilhoso das tecituras, que se dão sempre com muitos e muitos fios de muitas cores e de muitas texturas.

1 PRIMEIRO ENLACE: A COLHEITA DO ALGODÃO

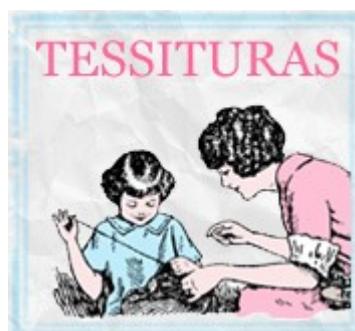
_____ a gênese do desejo por esse Tema de Pesquisa

Início essa escritura desejando explicar a gênese do desejo por esse Tema de Pesquisa, pois é exatamente ela que vai justificar o lugar de onde falo e o que levou-me a tecer esse estudo.

Nessa madureza de caminhada que venho experimentando tenho percebido que a história de vida de um educador dá-se numa circularidade retroativa fabulosa. Nossos movimentos de sujeitos ensinantes que são aprendentes e ensinantes-aprendentes e vice-versa estão totalmente imbricados. Nesse momento, como pesquisadora, debruço-me sobre os principais acontecimentos de minha vida em relação ao conhecimento e percebo que nunca estive em um lugar apenas. Nem só aluna, nem só aprendente. Nunca só professora. Nunca só ensinante. Percebo que esses lugares e estados se mesclaram e se mesclam muitas vezes. Muitas vezes se fundiram e se fundem. Muitas vezes separaram-se e separam-se para logo, logo se tramarem. E assim vão se dando, até hoje, em uma dança circular inusitada.

Em meio a essas constatações pessoais, transporto-me para um tempo em que só a minha memória não dá conta, mas as minhas emoções precisaram ser convidadas a participar.

Algumas lembranças se cruzam desconexas e confusas, outras, nítidas e claras, prontas para serem revividas. Um tempo e um espaço, já não os mesmos, são convidados a retornar. E, nessa busca transcendente, encantada com a Escola, surge uma criança.



entre fios, retalhos e tecidos

_____ *se aprende, fazendo*

A lembrança mais antiga que tenho em relação às minhas aprendizagens são cenas de eu e minha mãe, numa profunda interação, entre retalhos, tecidos, tesouras, em que ela ia me

respondendo com quais letras eu escreveria as palavras que eu lhe perguntava. Nesse jogo, eu construía as palavras com os retalhos, no chão. Também lembro meu pai ,abrindo um jornal maior do que eu, à noite, enquanto eu ganhava o seu colo. . . e ali, entre mimos e letras, apaixonava-me por tudo aquilo que via meio sem entender. Assim fui me letrando e me alfabetizando até ir para a Escola, quando ,muito cedo, entendi que aquele lugar eu o queria para sempre.

Segui vida de estudante afora sempre tendo muita sorte com minhas professoras de Português, o que mais tarde ,influenciou minha escolha para ser Alfabetizadora. Fiz o curso de Magistério no Instituto de Educação com uma base sólida, o que proporcionou tornar-me uma professora de Séries Iniciais referência em minha cidade. Todos os meus ciclos de estudante sempre pareceram-me muito normais e felizes, até o dia em que, já com vinte e cinco anos, iniciei estudos na Universidade. Pedagogia. E a disciplina adorável: Estudos da História da Educação Brasileira. Tais estudos chegaram em um momento de minha vida em que eu estava buscando a história crítica dos acontecimentos políticos do Brasil. Então ,tudo foi se tornando claro como a luz do sol. Fora alfabetizada em plena Ditadura Militar. Justificaram-se, assim, as filas, uma cabecinha atrás da outra, tremores ao falar com a diretora, Hino Nacional todos os dias em pleno sol escaldante, todos os silêncios, todos os “nãos”, todos os erros tingidos de vermelho, todos os gritos e decorebas, todos os meus colegas negros que ficavam enfileirados nas últimas classes e reprovavam quase sempre – Como eu fora estudante ,durante vinte anos ,em tempos de Ditadura Militar, essa descoberta e tomada de consciência fez-me rever tudo o que eu havia aprendido até ali. Digamos que me dispôs para uma “Metamorfose Inesquecível”. Meus olhares críticos e reflexivos ampliaram-se, dirigindo-se quase como de um “Ensaio sobre a cegueira” a um “Ensaio sobre a lucidez”, brincando com Saramago. Foi o momento mais crítico e revolucionário que aconteceu em minha juventude: a constatação dolorosa da história da Ditadura, através das leituras feitas para a disciplina de História da Educação Brasileira.

Ao mesmo tempo que exercitava a auto-crítica e construía um pensamento mais inteiro em relação ao Brasil, ia pensando, triturando e elaborando um novo paradigma para “viver”. A Tempo, salvei-me. Convivi com pessoas com pensamento mais alargado e mais consciente, debrucei-me sobre autores e livros em que eu desconfiava que me levariam além, estudei muito de forma autônoma – mesmo nos anos que estive impedida de frequentar a Universidade, construí um estilo de vida em que realizava uma autoformação com muita fome de aprender - e, nesse processo, fui questionando minhas antigas “fontes”, apropriando-me de pensamentos teóricos, construindo aproximações teóricas, desenvolvendo argumentação crítica sobre o que lia, – Montessori, Piaget, Rogers, Marx, Paulo Freire, Bouerdieu, Foucault, Edgar Morin, Humberto Maturana...sempre com muita curiosidade epistemológica.

Nessa reconstituição, tomo com zeloso cuidado, minhas lembranças em relação ao Grupo de Estudos e Pesquisas Político-Pedagógicas Escola Cidadã da Região da Fronteira. Foi em mesas e mesas de estudos que amadureci linhas pedagógicas, superei paradigmas, optei por outros, delineando minhas convicções profissionais. Esse lugar foi decisivo para que eu afirmasse sonhos e desejos em relação à Educação e revolucionasse concretamente minhas práticas nas Escolas Públicas onde trabalhei. O que faltava-me era viver uma experiência forte e profunda como Educadora Popular. Sonhava em vir definitivamente para Porto Alegre e trazer meus filhos para estudar em uma cidade que oferecesse mais espaços culturais para a juventude. Eu desejava trabalhar na Periferia e voltar a estudar. Fiz o concurso para a Rede Municipal de Porto Alegre. Fui aprovada e logo chamada para assumir a docência. Escolhi trabalhar na Restinga Velha e lá, entre livros, tiroteios e risco de vida encontrei o meu maior e melhor **risco**: constituir minha formação viva como Educadora Popular, com toda a autenticidade e verdade que esse lugar preconiza.

Atualmente, trabalho quarenta horas semanais na Escola Municipal Lidovino Fanton com Alfabetização de Educação de Jovens e Adultos e com Letramento e Alfabetização de crianças de A10 – 1º Ciclo. Por puro compromisso amoroso.

A busca do Mestrado vem representar a continuidade desse compromisso amoroso com as pessoas com quem trabalho e comigo mesmo na perspectiva da assunção de minha condição humana de estar sempre reinventando-me para partilhar saberes e promover construções vivas a partir do que consigo produzir.

Antes do Mestrado iniciei uma Especialização em Psicopedagogia Social pela FACOS /UERGS. Aprofundei meus estudos na temática da Produção de Violências Simbólicas, sempre acompanhada por Bourdieu, Foucault e Lacan, numa intenção investigativa de desvendar, a partir dos poderes simbólicos constituídos na escola, a produção de micro- violências geradas pelo poder escolar, movida por todas as representações de violência simbólica escolar que presenciei ao longo dos meus vinte anos em escolas públicas estaduais. Na condição natural de defensora e ativista em Direitos Humanos, as violências simbólicas que presenciei muitas e muitas vezes representavam a negação da dignidade humana das crianças e jovens. Sempre ficava estarecida e perplexa com a banalização e naturalidade com que aconteciam estas reproduções de violências escolares quer explícitas ou implícitas. Jamais concordei. Jamais me omiti. Muitas vezes consegui reverter situações, em outras, vi-me impotente. Entretanto, jamais deixei de me postar, nas Escolas onde trabalhei, como alguém que defende a Educação humanizadora, a dignidade do ser humano, independente da onde ele venha ou o que ele demonstre ser. Natural, então que, ao deparar-me com o lugar de Pesquisa, desejei tratar dessas questões que sempre marcaram-me muito.

Ao me aprofundar nesses estudos, na tentativa de desvendar a face oculta das ideologias que se desenvolvem no subterrâneo das relações sociais e como a escola serve como “máquina de reprodução”, fui, nesse novo momento como pesquisadora, construindo a clareza necessária para compreender, definitivamente, que algumas lutas e intervenções éticas devem ser assumidas pela própria escola. Compreendi algumas urgências nessa viagem feita por dentro da engrenagem das microfísicas do poder e decidi que queria, agora, pesquisar agendas positivas, alternativas e práticas viáveis que assim se realizam por estarem envolvidas por um estado de Ética Prática.

Teoricamente como Comunidade Científica já produzimos muito acerca da Ética. Escolas de Filosofia Clássica gravitam em torno da reflexão sobre o Ser. Como Humanidade deste estágio de civilização em que nos encontramos também sempre enfatizamos e concordamos, senso comum ou não, empírico ou científico, que a crise planetária existencial que vivemos é uma questão de Ética. Sabemos. Concordamos. Mas em nossos processos de convivência prática e de Habitar Humano há muito ainda que caminhar para produzirmos, de forma mais consistente, este entrelaçamento imprescindível entre tudo o que já acumulamos de conhecimentos e a vida da vida.

Embora nosso horizonte, nossa consciência humana apontem para a existência dessas possibilidades e que juntos podemos constituir uma nova ética para viver, conviver, aprender e ser, a partir da Escola e de todas as outras relações comunitárias que tecemos e a que pertencemos, não podemos deixar de perceber e compreender que essa é uma luta extremamente política, que se organiza na contramão da própria História que temos fabricado e vivido – uma História marcada pelo assujeitamento, pela escravidão e exploração, pela destruição, pelo consumo exacerbado, pelo capitalismo selvagem, pela brutalidade nas relações competitivas, pelas micro-violências cotidianas, pelas barbáries cometidas contra a própria espécie, pela destruição das outras espécies, pela morte de tudo o que é vivo e capaz de garantir a própria vida.

Para constituirmos o contraponto prático e não cairmos na tentação de reflexões sumamente teóricas é preciso elaborarmos alternativas necessárias possíveis que, se não reverta o mundo caótico que construímos para o nosso viver, pelo menos minimize os efeitos destrutivos. Uma ética ecológica, do chão da vida, que se sustente por valores humanos de natureza filosófica-antropológica e que acene possibilidades de crescimento dinâmico com a comunidade de aprendizes com quem estamos envolvidos. Acreditamos que uma ética que tenha compromisso com os modos de viver e de conviver poderá ser a plataforma alternativa de uma nova humanidade. Sabemos dessas possibilidades e não podemos ignorá-las por se apresentarem tão complexas.

Os espaços em que poderemos fazer esta construção são os espaços do Habitar Humano, que transcende os espaços locais físicos, mas que inclui todos os espaços em que se pense, se sinta, se signifique, se fale e se comunique, se aja e se produza – A Antroposfera, para Humberto Maturana.

Como alguém que já muito estudou a produção das violências simbólicas na Escola, as quais lançam os sujeitos para o campo da desconstituição e exclusão, estou movida para estudar, hoje, algumas dessas agendas positivas que lançam o sujeito para o campo da re-constituição e recuperação da sua natureza ética e do seu lugar cultural, incluído e resgatado em sua Dignidade Humana, que é o lugar natural de todo o ser humano. Desejo estudar e pesquisar experiências humanizadoras que nos sirvam de referências básicas para uma prática escolar amorosa e verdadeiramente comprometida com as pessoas. Nessa busca, também desejo aprofundar minhas referências em relação à reintegração da vida no Homem e em minha própria vida. É uma busca de algumas saídas para a espécie como um todo, nesta tríade inseparável Espécie-Sociedade-Indivíduo. Essa Pesquisa tem uma importância que vai além de estudos paradigmáticos e teóricos. Ela também busca um movimento meditativo sobre as nossas vidas. É uma busca que deseja compreender melhor nossos processos de vitalidade, para nos reorientarmos e buscarmos saídas inteligentemente sustentáveis de viver em comunidade.

Existem milhares de experiências que se inclinam e trilham caminhos sustentáveis. Milhares de pessoas acreditam neste por-vir e estão dispostas e convictas a construir esta outra possibilidade de convivência, e para isto, tem disponibilizado seus tempos de vida, seus esforços, suas potências, suas esperanças e suas energias. Milhares de redes virtuais e reais estão se constituindo a favor desse novo Habitar Humano. Muitos educadores têm se esforçado para a suspensão dos modelos cartesianos de educação, percorrendo novas sendas. E eu me considero um destes educadores. Então, como contribuição concreta e vívida, desejo pesquisar uma partícula desta agenda positiva que já se encontra em semente por todo mundo.

Entre tantas urgências e sem poder abarcar todas, defini, então, como estudo para o Mestrado investigar a Bioantropoética na perspectiva do Pensamento ecossistêmico e da Teoria da Complexidade. Em meio aos labirintos que me vi com Morin, encontrei a Autopoiese com Maturana, discutindo-a com Ximena Yñès. Percebi a contemporaneidade e a aproximação científica de ambos. Embora os focos de Pesquisas se dêem em diferentes campos, eles dialogam substancialmente, constituindo permanente entrelaçamento e interlocução científica.

Entre tantas urgências que se cruzam e se manifestam e com uma decisão humanamente comprometida com o meu tempo e a história das crianças, jovens e adultos com que diariamente me encontro, afeto e me afeto, defini como desejo pulsante para o Mestrado pensar e refletir com essas mesmas pessoas a natureza ética que compõe a cada um como uma potência latente que pode permitir a evolução dos nossos processos de hominização e humanização. Nessa direção, o desejo de desenvolver uma pesquisa que pensasse investigar em algumas dezenas de sujeitos sociais a contribuição que a Escola tem dado na formação de suas naturezas éticas e como tem percebido a

intensidade ética em si mesmos, como lidam com isso e como podem se pensar, reorganizando seus próprios processos éticos me seduziu, me instigou, me alegrou. Mas a possibilidade de refletir, coletivamente, o sentimento de ética à luz do que supõe a Nova Biologia, a Antropologia, os estudos da Sociologia e da Filosofia Contemporâneas contrapôs o medo e, assim, me preenchi de coragem, tudo muito em nome da perspectiva de trabalhar com a potência humana. Tudo muito em nome da Humanidade de cada um de nós. Tudo em nome de uma possível Bioantropoética, em que cada um de nós, um dia, possa viver o máximo de sua potência ética, cuidando da vida e da existência humana sempre pensada como inteira e complexa.

Uma ética ecológica, do chão da vida, que se sustentasse por valores humanos de natureza filosófica-antropológica e que acenasse possibilidades de crescimento dinâmico com a comunidade de aprendizes com quem nos envolvemos, que tivesse compromisso com os modos de viver e de conviver: isso era o que eu andava procurando para investigar, pois também é isso que desejamos construir como perspectiva de vida.

E nesses arroubos e paixões com Morin e Maturana, obviamente, com as ressalvas de linguagens, formas e abordagens diferentes, busquei a sólida aproximação nessa dupla: o ser humano como potência.

Assim, com tanta fome sempre, contive-me, decidindo estudar esses dois teóricos que se alinham e possuem identidade em suas plataformas de lutas: a vida como uma experiência que se dá no sentido e no amor e um ser humano que se organize em sua dignidade, autoprodução e potência. Em meio a essa identidade afirmada, desejei desenvolver meus estudos de forma sólida e muito honesta e verdadeira.

Desejo, como Mestranda, colaborar na consolidação de algumas novas perspectivas que, no dia-a-dia escolar faça sentido e tenha valor. Desejo colaborar nesse movimento de reconstrução planetária que já vem acontecendo a partir de novas bases e paradigmas para educação, com uma reflexão e agir local, movimentos promotores do respeito à existência e a vida humana, por meio de uma ética viva e concreta. Essa intenção encontrei de forma muito bonita e bem constituída na Bioantropoética que Morin funda.

Para Morin (1998), a Bioantropoética supõe a necessidade de se assumir a condição humana estabelecida pela relação indivíduo-sociedade-espécie na complexidade do nosso ser. Supõe a necessidade de cada um de nós assumir o destino humano na plenitude. Esse é um dos pensamentos fundamentais em Bioantropoética, o qual necessita ser aprofundado posteriormente.

Para ele a defesa dos valores da vida necessitam de uma Ciência da Vida e de uma Política da Vida. Necessitam de estudos teórico - práticos capazes de moldarem uma nova ética para viver,

conviver, aprender e ser. Uma ética ecológica, da vida, que se sustente por valores de natureza antropológica e que assegure crescimento dinâmico para a comunidade envolvida.

Humberto Maturana, nessa perspectiva, discute conosco, pela Nova Biologia, um Habitar Humano que considere a natureza cultural do sujeito, em que pelas conversações e conviveres, os sujeitos possam constituir um Bem-Viver que dê conta do respeito à diferença, do acolhimento, da solidariedade, de um viver colaborativo. Discute conosco a capacidade dos seres vivos se autoproduzirem, se regenerarem, se reinventarem.

Movida pela esperança de que estamos caminhando para um estágio mais evoluído como humanidade, desejo contribuir com a construção de processos e metodologias possíveis de serem desenvolvidas nas comunidades de práticas educativas nessa perspectiva-de convívio solidário e humanizador.

A PUC foi a Universidade que escolhi há algum tempo, por observar o seu PPGE como um lugar de investigação séria, assim como o seu corpo docente altamente qualificado. Embora dependendo inteiramente de uma bolsa de estudos para realizar o mestrado, ao entrar em processo de seleção, trouxe comigo a afirmação do meu compromisso ético com a educação. Com a Bolsa Capes e com o compromisso assumido, feliz, muito feliz de me encontrar “Mestranda”, desejei pesquisar um tema que me fizesse muito sentido

Os resultados dessa Pesquisa desejam mostrar algumas partezinhas desse Todo que se movimenta silenciosamente e opera uma revolução pacífica no Planeta. Um Todo que nos serve de horizonte, de esperança, de devires e porvires. Desejam anunciar como, em algumas salas de aulas, os sujeitos estão juntos para esclarecerem suas identidades, ampliarem suas consciências acerca da vida que lhes toma, refletirem sobre a natureza de sua ética e pensarem sobre a imersão cultural que constitui parte do que são. Pretendem acenar a possibilidade da criação de condições para uma mudança cultural ética que nos resgate dos modelos patriarcais-matriarcais competitivos para um Bem-Viver profundamente Humano. A pesquisa pretende ser um convite reflexivo que chame para a responsabilidade pelo próprio mundo que geramos com nossos viveres e conviveres. Pretende mostrar que se tem gente já fazendo é porque é coisa de gente fazer. É coisa possível de se fazer.

Como bem diz Edgar Morin, no O Método 2 – A Vida da Vida (2005), “temos de reagir, com o amor da vida, com a vida do espírito, com uma política de vida”. E também assim, Humberto Maturana, quando nos convida a ler sua obra Habitar Humano (2009), escrito com Ximena Yáñez, em que diz que “o fundamento para desejar e viver um conviver ético no mútuo respeito, desvencilhando-nos das ideologias do poder e da apropriação *está em nós mesmos*, em nossa biologia, e que *depende de nós adotá-lo ou não*”. Penso que essa Pesquisa é uma reação com o amor da vida e com a vida do espírito. E que ela, em si, é uma política de vida.

Nunca estamos livres dos atravessamentos políticos e sociais, econômicos e culturais que definem nossas escolhas e decisões. Mas sabemos o que queremos, porque somos Humans Humans. O que ainda precisamos é aprender mais uns com os outros. É aprender com quem já faz. É aprender a amar com quem ama. Penso que, assim, essa Pesquisa e todos os estudos que a envolvem se justificam.

Desejo aprofundar saberes, problematizar questões, aprender novos conhecimentos, buscar alternativas inéditas-viáveis e constituir o direito de exercer o Magistério Superior, na lógica da partilha de conhecimentos. Portanto, essas etapas de construção do Mestrado estão sendo profundamente desafiadoras, marcantes e vigorosas. Há uma vibração diferente em mim. O Mestrado me acolheu e eu respondi a ele que o amei desde sempre. É o desejo político intenso, muito intenso, de aprender mais para partilhar mais.

Por amor ao Mundo. Por uma Ética da Vida. Assim, justifico essa busca.

2 SEGUNDO ENLACE: MANUAL DO TECER

Práticas Pedagógicas que pensam a Ética da Vida com Crianças e com Jovens

Foi com esse tema que tramei toda a sequência de ações que viabilizaram essa Pesquisa. Um Tema de Pesquisa é uma proposição, um foco de interesse, um objeto de desejo, um assunto em seu pleno exercício, uma essência. O tema da minha Pesquisa seria, pois, a minha proposição viva, encarnada de pensar Ética na Escola. Entendi que nele precisaria existir a ação em si (Práticas Pedagógicas), os sujeitos (explícitos ou implícitos), o coração da Pesquisa (Ética da Vida) e as abordagens epistemológicas que constituiriam as bases teóricas da Pesquisa (Bioantropoética e Matrízica). Minha escolha se deu pela inquietação política, pela efervescência que existe dentro de mim quando a ausência é de Ética ou quando a presença é de Ética. A intenção política focada desse estudo delimita o tema, demonstrando as suas dimensões e abrangências, bem como seu movimento de busca reflexiva.

Desejei investigar possibilidades concretas que a Escola tem de constituir reflexão mais profunda acerca da Natureza Ética do ser humano e sua potência para assumir uma condição mais plena de sua humanidade, buscando escutas de exercícios e experiências que são vivenciados como reflexões operativas de Bem-Viver .

Busquei, então, duas escolas que vivessem Práticas Pedagógicas preocupadas com a construção ética em crianças e adolescentes: A Escola Amigos do Verde, escola da rede particular e a Escola Municipal Lidovino Fanton, ambas de Porto Alegre , com a intenção de ampliar o olhar sobre as diferentes realidades e dimensões, embora isenta de estabelecimento de comparações entre elas.

Pensei que os sujeitos pesquisados deveriam ser professores que desenvolvessem Práticas Pedagógicas afinadas com os objetivos que havia definido para esse estudo, e desejaria, assim, conhecer quais os movimentos éticos eles constituíam em suas vidas capazes de entrelaçar com suas atividades profissionais, mais especialmente, com suas produções cotidianas com crianças e jovens. Desejaria investigar, num processo colaborativo, em quais os valores de natureza antropológica eles tem se apoiado para realizar experiências de bem-viver. Esse seria o grão, o miolo, a essência da Pesquisa.

Meu problema de Pesquisa era muito claro: como alguns Educadores têm trabalhado as essências, as potências e latências da juventude, desenvolvendo Práticas Pedagógicas que pensam a Vida e a Ética da Vida, inspirados em que, movidos pelo que, com que bases?

O espectro de questões que norteavam, orientavam meus primeiros passos se faziam muito amplas, grandes, enormes. Eu gostaria de investigar quais os lugares e tempos que existem na Escola para pensar sobre valores éticos, que Práticas Pedagógicas estão incluídas no seu currículo que pensam a vida, que estudos, reflexões e vivências de Ética vem sendo propostos na escola, nesse sentido, como estas Práticas Pedagógicas tem trabalhado o valor da vida com a infância e a juventude, em que valores de natureza antropológica estas Práticas tem se apoiado para realizar experiências de bem-viver no seu cotidiano, como a Escola tem se constituído em um lugar de exercícios de formação de comunidade humana solidária, que preparo e formação estes educadores tem para trabalhar Ética com crianças e jovens. Muitas as questões e, obviamente, eu não daria conta. Precisei me definir, delimitar meu tema, constituir uma síntese, o que não foi tão simples.

Parti para as definições fundamentais que construíram o que esse relatório apresenta.

Penso ser bem importante trazer para o corpo dessa produção, a ocupar espaço legítimo, as Questões de Pesquisa ,em tecituras interligadas, que orientaram a Pesquisa:

TECITURA 1: A Ética na minha vida e a ética presente na experiência profissional

Essa Tecitura produziu as seguintes questões: O que é Vida? O que é Ética, para você? Como você tem experimentado a Ética em seus viveres pessoais? Quais os valores que sustentam a tua vida? E que, portanto, sustentam a tua ética de viver? Você tem conseguido estabelecer uma relação prática entre a ética da sua vida e a sua vida profissional? Como isso se concretiza no seu trabalho? Que dificuldades aparecem nesse sentido? E como você lida com essas dificuldades?

TECITURA 2: A Ética da minha vida e da minha vida profissional na minha Proposta Pedagógica

Essa tecitura inspirou as questões que precisariam se entretecer com as questões primeiras: Como se concretiza na sua proposta pedagógica a Ética da sua vida e a Ética que você considera ter em sua vida profissional? E como aparece essa presença em sua prática pedagógica? Se considera que a sua forma de viver influencia na sua relação pedagógica, conte alguma vivência que construiu em você esta certeza. O debate e a afirmação do Valor da Vida aparece claramente nas suas práticas pedagógicas? De que forma?

TECITURA 3: A Ética da minha Prática Pedagógica consolidando valores na vida do estudante

Chega-se, aqui, a uma Ética mais ampliada, em que o educador partilha com seus estudantes suas construções éticas.

Na prática, como você tem planejado para que seus trabalhos estejam entremeados pelo conceito e valor ético? Que estudos, reflexões e vivências você tem proposto para ajudar no processo de consolidação de valores éticos dos seus educandos? Como você percebe que os estudantes têm compreendido e assimilado essas intenções? Como você tem se nutrido para trabalhar assim? E em relação à auto-afirmação desses valores humanos, à sustentação, à resistência, à resiliência, à capacidade de se auto-organizar: como você têm observado esses movimentos na vida desse estudante? Você pode nomear os valores que mais você tem investido em sua prática pedagógica com os estudantes?

Essas questões orientaram os caminhos da Pesquisa, das Entrevistas, constituindo, assim, nitidez que eu viria, imprescindivelmente, precisar como pesquisadora.

3 TERCEIRO ENLACE

3.1 ASPECTOS METODOLÓGICOS

preparando-se a urdidura começa o trabalho da tecelagem

Estudos que realizei durante o Curso afirmaram que na pesquisa qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural; a forma de registro é descritiva; o interesse principal são os processos e não os produtos e resultados; os dados são analisados na maioria das vezes de forma indutiva e o significado é de importância vital; os investigadores estão preocupados em considerar as experiências dos pesquisados, conectando-as com o modo como vivem e dão sentido a esses viveres. Nesse sentido, a busca da compreensão da realidade se dá na análise de situações interativas e multidimensionais. Como traz Brandão (2003, p.23), “as dimensões da vida (. . .) são diversas o bastante para caberem dentro de um mesmo molde de busca de conhecimento”.

Como estou estudando as bases da Teoria da Complexidade e da Matríztica, naturalmente precisei optar por práticas de pesquisa que se alinhassem e reconhecessem os estudos da complexidade e sistêmica de Morin e Maturana como estudos de valor.

Para a Teoria da Complexidade, a realidade é dinâmica e multidimensional, estando a mudar sempre, num movimento contínuo e descontínuo, estável e instável. Essa forma de pensar destaca a multidimensionalidade da realidade, dos processos e dos sujeitos, bem como a presença do indeterminismo, da incerteza, do acaso, a qual se constitui de processos globais, integradores, não-lineares e auto-eco-organizadores, como explicam Moraes e Valente(2008).

Tentando situar-me epistemologicamente em relação à pesquisa que desejava realizar, na perspectiva da complexidade e da sistêmica, percebi a trama que se tece por relações subjetivas e intersubjetivas, efetivando-se o caráter ativo e histórico do sujeito, que reconhece a sua subjetividade e a dinâmica relacional que se dá entre ele e o meio em que vive. Nessa ótica, não existem separações de realidades objetivas e experiências subjetivas.

“A realidade manifesta-se a partir do que somos capazes de ver, de perceber, de interpretar, de construir, de desconstruir, de reconstruir tanto o conhecimento como a realidade. Conseqüentemente, a realidade revelada pelo pesquisador não é uma representação fiel do real, mas uma de suas possíveis interpretações, a partir de processos co-determinados ocorrentes nas relações sujeito/objeto. Portanto, é uma realidade revelada

pela pesquisa e dependente do sujeito observador que a está pilotando”(MORAES e VALENTE, 2008).

Assim, o pesquisador se enreda em suas metanarrativas, pois objetividade e subjetividade são complementares, um influenciando e alterando o estado de ser do outro.

Para Maturana(1997, p.89), toda a objetividade é sempre uma objetividade entre parênteses, pois o pesquisador/observador está sempre incluído naquilo que observa e pesquisa. Para ele, todo o pesquisador participa da realidade que busca conhecer. Para Morin (1987, p.39), a objetividade é sempre impura. Não é possível isolar nossas crenças, emoções, desejos e afetos nem o espírito humano, diz ele.

Em meio a essa trama desejante de participar da realidade que se busca conhecer, escolhi realizar uma Pesquisa Colaborativa, portanto, uma pesquisa Qualitativa Cooperativa, a qual carrega o espírito científico e o compromisso cooperativo de troca de saberes.

Segundo Goulart (2009, p.102), “ a Pesquisa Cooperativa envolve um trabalho conjunto e uma interação progressiva entre o pesquisador e os pesquisados. O Objetivo da pesquisa cooperativa é contribuir para modificar as concepções das pessoas que participam da pesquisa, gerando inovações educacionais. ”

A comunicação entre os participantes da investigação é muito importante, pois a mesma está condicionada ao crescimento de todos que estiverem envolvidos no processo de reflexão, enfatiza ainda Goulart (2009, p. 102).

Portanto, todo conhecimento que provém de uma pesquisa qualitativa e cooperativa provém de mundos intersubjetivos, corporeificados, revelador da *biopsicossociogênese do conhecimento humano* (Assmann,1998). Assim, existindo múltiplas realidades porque existem múltiplas experiências, essa Pesquisa precisou de múltiplos instrumentos de pensar e refletir.

AMARRANDO OS FIOS PARA FIRMÁ-LOS NO TEAR



3. 2 PARTICIPANTES E AMBIENTES DE PESQUISA

Essa Pesquisa desenvolveu-se em duas Escolas de Porto Alegre: na Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental Amigos do Verde e na Escola Municipal de Ensino Fundamental Lidovino Fanton. Na Amigos do Verde, a Pesquisa desenvolveu-se pela Metodologia de Grupos Focais. Assim deu-se pela potência do grupo de educadores de estarem profundamente alinhados na produção das Práticas Pedagógicas, da identidade coesa coletiva das práticas e pelas disponibilidades de tempo, em razão de abrir espaços em suas reuniões pedagógicas para realizarmos os Grupos Focais em três necessários encontros. Na Escola Municipal Lidovino Fanton, tendo buscado o Projeto Brincar como interesse de Pesquisa, optei por trabalhar com Entrevista Semi-Estruturada por duas questões: tempo e momento de campanha política para eleição de Direção. A Escola tem um ritmo alucinante, pelas demandas enormes que a Comunidade traz, o que causou muita dificuldade para que conseguíssemos alinhar os tempos de todos os educadores que trabalham no Projeto Brincar. Também a Escola esteve em ritmo de campanha, de eleições para a Direção, eleições de projetos, o que constitui um clima político, de discreta disputa, mas em que todas as pessoas naturalmente se posicionam e acirram conversas e pontos de vista. Fizemos algumas tentativas de combinar os tempos, as quais não deram certo. Então, redimensionei a metodologia de Grupos Focais para Entrevista Semi-Estruturada, utilizando as questões norteadoras do Grupo Focal. Por uma questão simples mas fundamental de olhar, perceber e atender a realidade, redimensionei a abordagem, o que demonstrou, ao longo do tempo, ter sido a melhor escolha, prudente e madura.

"Há males que vem para o bem, dizia a velha tecelã, enquanto destecia."
(Anna dos Povos, 2011, p. do imaginário dez)

Inicialmente, desejei um único instrumento metodológico para ambas as Práticas Pedagógicas - os Grupos Focais. Preparei-me para essa organização. À medida que a realidade de uma delas foi se manifestando, pressionando-me a pensar alternativa diferente daquela que eu havia programado, redimensionei e mudei um pouco o rumo da Pesquisa. Assim, precisei utilizar multi-instrumentos, necessariamente. Esses multi-instrumentos acabaram promovendo o encontro

entre diferentes níveis de percepção e de realidades, o que acabei reconhecendo a imprescindibilidade da consideração à realidade e de como sempre ela nos surpreende.

Essas duas Escolas têm desenvolvido Práticas Pedagógicas que pensam a Ética da Vida com crianças e jovens de forma contínua. Como essa Pesquisa desejou investigar agendas positivas, práticas pedagógicas que têm feito a diferença na formação dos estudantes, esse foi um pré-requisito – a escolha de ambientes de pesquisa que tenham seus fazeres valorizados pelo senso comum, pelas comunidades, por profissionais da Educação, por pais de estudantes, ou seja, vistos como fazeres positivos; além da investigação se, de fato, estas falas eram condizentes com as realidades constituídas nesses espaços educativos, desejei pesquisar a potência dessas práticas, olhando-as mais de perto, sempre sem caráter comparativo, obviamente.

3.3 AMIGOS DO VERDE: TECENDO GRUPOS FOCAIS

A Escola Amigos do Verde é uma Escola da rede privada, com quase duzentos estudantes, existe há vinte anos e situa-se na Zona Norte de Porto Alegre. Tem como missão proporcionar a aprendizagem integral do indivíduo. Dentro de uma visão ecológica de sustentabilidade, acredita na interdependência de nossos atos humanos, comprometidos na formação em parceria com a comunidade Amigos do Verde. Acolher a diversidade é uma meta que a Escola se propõe, respeitando as particularidades e a riqueza inerentes a cada um. Através de práticas ecológicas (auto(eco)conhecimento, agroecológicas, artísticas. . .) possibilita a expansão da consciência, contribuindo para o desenvolvimento de um ser mais criativo, reflexivo, autônomo e solidário. É uma Escola com Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental que trabalha alinhada com o Paradigma Ecológico, cujos educadores tem como um dos referenciais os estudos de Humberto Maturana, o qual já esteve na Escola, inclusive, desenvolvendo formações.

Meu Ponto de Pesquisa nessa Escola foram os professores, com os quais desenvolvi três Grupos Focais. Também realizei acompanhamentos de trabalho, permanecendo nas aulas, sem agenda formal, com circulação muito livre pela Escola, em seis turmas de Maternal, Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental, convivendo com os estudantes e percebendo a dinâmica de uma Prática Pedagógica que pensa a Vida e a Ética da Vida. Além dos acompanhamentos em sala de aula, acompanhei propostas de pátio, recreios e aulas de música ao ar livre.

Um dos instrumentos que se identificou plenamente nesse movimento foi a experiência de Grupo Focal. E como esse é um instrumento pouco utilizado ainda no campo educacional, tomo a

liberdade de, ao fazer as colocações sobre a metodologia de Pesquisa utilizada na Amigos do Verde, tecer e socializar, na tecitura desses escritos, conhecimentos que adquiri ao preparar-me para essa vivência.

O Grupo Focal é uma técnica de pesquisa de natureza qualitativa que se dá a partir de sessões grupais cujos participantes compartilham de traços comuns e debatem um tema específico, olhado de vários ângulos. Possibilitando o desvelamento de percepções, opiniões, conceitos, expectativas, representações sociais, os Grupos Focais identificam e analisam problemas a partir de pontos de vista das próprias pessoas envolvidas, atingindo um maior número de pessoas ao mesmo tempo.

Pelo que andei estudando em várias obras, existem pelo menos três progenitores dos grupos focais: a tradição da terapia de grupo do Tavistock Institute – Bion (1961), a avaliação da eficácia da comunicação - Merton e Kendall-1946 e a tradição da dinâmica de grupo em Psicologia Social-Lewin-1958. Também encontra-se menções de estudos com Grupos Focais com alguns desses autores em uma investigação sobre o potencial da propaganda durante a Segunda Guerra Mundial.

Mais recentemente é que os cientistas sociais retornaram ao uso da técnica de Grupos Focais. É uma técnica bastante usada pelos profissionais da saúde para avaliar programas educativos existentes em saúde, devido à possibilidade de atingir um maior número de pessoas ao mesmo tempo, com um certo nível de profundidade.

Nas Ciências Humanas, a experiência de Grupos Focais ainda é tímida, mas já dá seus sinais de presença em trabalhos que desejam salientar a tessitura de grupo e a dinâmica da conversação de um grupo sobre o mesmo tema. As pessoas, nos grupos, estão mais propensas a acolher novas ideias e a explorar suas implicações.

O Grupo Focal é um ambiente mais natural onde as pessoas consideram os pontos de vista dos demais e contam suas próprias experiências. Na metodologia de Grupos Focais, os participantes deverão ser convidados com antecedência, recebendo todos os devidos esclarecimentos sobre os objetivos dos encontros e os objetivos da Pesquisa. O local dos encontros é um detalhe importante desse trabalho. Muito necessário que seja um lugar em que as pessoas convidadas sintam-se à vontade para participar das discussões, que não tenha ruídos e que esteja afastado de outras interferências. Ao iniciar os trabalhos é importante que o Pesquisador crie um ambiente de cordialidade entre os participantes para que todos possam sentir-se muito à vontade. O ideal é de que o grupo possa estar sentado em círculo, para que todos se olhem e se percebam. O Pesquisador deve buscar um lugar que garanta uma boa gravação, certificando-se de que o material que possui é suficiente para o desenvolvimento de todo o trabalho. Os participantes deverão ser apresentados ao se iniciar os trabalhos e, mais uma vez, os objetivos deverão ser esclarecidos ao Grupo Focal. A

assertiva sobre a gravação das discussões deverão ser lembradas. O convite para que cada participante se apresente deverá ser feito, de forma breve. Esses cuidados farão com que os participantes sintam-se confiantes a ponto de engajarem-se na Pesquisa com dedicação e compromisso. Essa preparação cuidadosa inicial será pedra fundante de um processo exitoso que irá se desencadear. Gaskell e Bauer chamam a isso de Rapport. À medida que o Rapport é posto em ação, dizem eles, o entrevistado vai se sentir mais à vontade e expansivo, para pensar e falar as coisas além do nível das opiniões superficiais e com menos probabilidade de oferecer uma racionalização normativa. É importante destacar a sinergia emergida da interação social, a possibilidade da observação dos processos do grupo, as dinâmicas nas próprias atitudes e mudanças de opiniões e o nível de envolvimento emocional que floresce no grupo. Assim, procedi. Fiz vários contatos com a Escola, estabelecendo as combinações, agenda, os dias, o tempo, tudo de forma muito respeitosa.

Já é uma cultura os professores chegam para os encontros e irem para um tapete, onde tiram os calçados e sentam em roda, no chão. Com uma bandeja de chá e pãezinhos integrais e biscoitos de soja, harmonizamos antes de começar os trabalhos, com a Coordenadora Pedagógica encaminhando o início de cada encontro. Tive sempre a presença de todos os educadores, em um grupo, então de dezoito pessoas.

A Partir de rodas muito bem planejadas, em que as pessoas expressaram suas diferentes percepções sobre as experiências vividas, fatos ou produções, num ambiente democrático, nossos encontros não ficaram restritos a alternâncias de perguntas e respostas entre pesquisador e participantes, embora considere como uma espécie de entrevista de grupo, conforme a metodologia de Grupo Focal permite. Os educadores discutiram e debateram os vários aspectos éticos de suas Práticas Pedagógicas.

Grupos Focais com poucas pessoas reduzem a diversidade de pensamentos e opiniões, influenciando o aprofundamento do trabalho. Com mais de doze pessoas, poderá ocorrer a falta de tempo para que cada participante coloque os seus pensamentos em tempo necessário de exposição, bem como poderá proporcionar dispersão ou conversas paralelas. Em nossos Grupos Focais, devido à riqueza de experiências do grupo em si, sempre me parecia faltar tempo, embora não tenha nunca havido dispersão ou conversas paralelas. Os educadores da Amigos do Verde trabalham muito com as crianças a escuta sensível do outro. Nos Grupos Focais, foi muito bonito ver a prática dessa escuta entre eles. Todos falaram muito, mas as falas nunca foram sobrepostas .

O objetivo do Grupo Focal, segundo Gaskell (2000,p. 55), é estimular os participantes a falar e a reagir àquilo que outras pessoas no grupo dizem. Assim, esse grupo se torna um exemplo da unidade social mínima em operação, tornando-se uma entidade em si mesma. A emergência do

grupo caminha lado a lado com o desenvolvimento de uma identidade compartilhada, esse sentido de um destino comum presente quando dizemos “nós”, afirma-nos ele.

A grande essência do Grupo Focal é apoiar-se na interação entre seus participantes para colher dados, a partir de tópicos que são fornecidos pelo pesquisador. Ao interagirem uns com os outros, haverá trocas de ideias, formação de opiniões, reversão de posicionamentos, o que confere uma riqueza para a Pesquisa, muito diferente de dados colhidos em questionários fechados. Nesse caso, o objetivo principal é a coleta de informações geradas a partir do debate, o qual não tem a responsabilidade de regrar convergência de opiniões. Concordar ou discordar não é um pressuposto desse trabalho.

O pesquisador será o moderador do grupo que proporá várias questões para os participantes, a partir de um roteiro previamente testado e preparado de acordo com os objetivos do estudo. Como Moderadora, eu era responsável por criar um ambiente que facilitasse a expressão das múltiplas percepções, a fim de que os pontos de vista aflorassem e se manifestam sem pressões, sem tutelas, mas com necessária liberdade, criando um espaço de livre de troca de experiências e perspectivas. É claro que, como moderadora precisei conduzir a dinâmica do encontro, encaminhando as questões norteadoras, escutando, gravando as falas e cuidando do tempo. Diria que não é fácil. No primeiro encontro, meio que atrapalhei-me para coordenar todos esses elementos, sem perder a atenção da riqueza de tudo que eu estava escutando. Mas, aos poucos, fui dominando a técnica, e tudo correu bem. Já no segundo encontro, eu estava muito mais segura.

Levando-se em consideração os movimentos de um pesquisador, os quais se aproximam de um “malabarista” que precisa harmonizar seus gestos, suas ações com seu objetivo final, existem, nessa técnica dos Grupos Focais algumas diferentes funções que o Pesquisador precisa tomar como fazeres seus. Ele precisará mediar, observar, relatar, operar a gravação e transcrever as gravações, já que se encontra sozinho nessa função.

Como mediadora, fui responsável pela motivação, pelo desenvolvimento e pela conclusão da conversação, intervindo e interagindo com os participantes. Dependeu dessa função a qualidade dos dados levantados, a integração dos participantes, no controle do tempo e na garantia de fala de todos, na valorização das diferentes opiniões e na isenção de posturas formadoras de opinião. Como relatora, precisei anotar as falas, registrar a linguagem não verbal expressa pelo grupo. Esses registros subsidiariam as análises posteriores. Ao mesmo tempo precisaria analisar e avaliar o processo do Grupo Focal como observadora, bem como preocupar-me constantemente com a qualidade do trabalho que estava se desenvolvendo. Precisei gravar os debates, transcrever as gravações de forma correta e íntegra e digitar os dados sistematizados, organizando o material. Que trabalhoso e que alegria cultural!

A Aplicação Experimental de Grupo Focal requer organização e clareza do objetivo que se quer atingir. O próprio material a ser obtido será a transcrição de uma discussão em grupo, focada em um tópico específico, realizada de maneira fidedigna à experiência proposta e vivida.

Os participantes a serem selecionados para um Grupo Focal deverão ser aqueles que possuem vivências com o que está sendo pesquisado. Aparecerá, certamente, o contraste entre essas diferentes pessoas que serão convidadas a participar desses grupos. Nessa experiência com os educadores da Amigos do Verde, pouquíssimos contrastes ou contrapontos existiram; as falas foram harmônicas, muito sintonizadas. Os educadores trabalham em uma Linha Pedagógica que eles vivem, acreditam e sabem desenvolvê-la, na prática. Então, as falas se entrelaçavam e se complementavam a todo o instante.

O tempo ideal e produtivo de duração para as reuniões de Grupos Focais é de aproximadamente 1(uma) a 2 (duas) horas, onde questões-chaves propiciarão o levantamento das informações acerca dos objetivos propostos pela pesquisa. O debate de cada questão deverá durar em torno de 20 (vinte) minutos. Deverá ser planejado alguns minutos para avaliação, no final, em que cada participante possa expressar suas impressões do encontro. O tempo com que trabalhamos foi de uma hora, que foi o tempo disponível das reuniões que a Escola pode conceder à Pesquisa. Não foi insuficiente, visto a riqueza do material coletado, mas quando as questões se problematizavam, sentia que existia um universo muito maior que poderia ter sido mais explorado, caso tivéssemos mais tempo. No final do primeiro encontro fizemos uma pequena avaliação, muito positiva. Eles afirmaram, em geral, da necessidade de poderem olhar suas Práticas Pedagógicas e todos os valores que se consolidam a partir delas, em um coletivo. Levei para o grupo pequenas pedras de cristais, para que cada um recebesse a pedra da transparência, da coerência, da Ética, como um mimo e lembrança de nossa convivência. Falaram do quanto foi carinhoso esse gesto de minha parte. No segundo encontro, já na chegada, perguntaram-me se eu não gostaria de acompanhar eles nas dinâmicas de aulas. A confiança foi construída, o vínculo se estabeleceu. Voltei para casa, já muito noite, dançando debaixo da chuva. Feliz. Estava aprendendo a Pesquisar.

A escolha de Pesquisa através de Grupos Focais anuncia uma postura imanente que é a dialógica, a partir da crítica e da própria dialética que naturalmente estarão presentes. A Dialógica impõe-se como imprescindível à medida que os pontos contraditórios possam ser superados. A técnica de Grupos Focais tem crescido muito na Pesquisa Social, nos últimos anos. Isso se deve ao reconhecimento de que essa técnica está afinada com as demandas de uma Pesquisa mais participativa, cooperativa e democrática. Embora, esse compromisso esteja presente nessa técnica, precisamos demarcar limites. Ela não é capaz de sozinha dar conta de uma Pesquisa Social. Ela não possui uma verdade epistêmica capaz de abarcar tudo o que buscamos. Mas ela pode fazer uma das

partes mais fundamentais de uma Pesquisa Social, porque carrega, no seu bojo, a dinâmica do encontro dos pensares, num coletivo afinado por uma mesma proposta: provocar o debate e a troca.

Das maiores riquezas da técnica de Grupos Focais está a possibilidade de se trabalhar com as reflexões expressas pelas falas dos participantes. A partir das colocações de suas impressões e concepções sobre o tema em estudo e debate, as quais são de cunho qualitativo, é possível realizar desdobramentos através de discussões com o próprio grupo, ampliando, para o pesquisador, o campo de observação. Por isso mesmo que as questões que o pesquisador trará precisam ser instigativas, ricas e reflexivas, capazes de alimentar estas conversações entre os participantes.

Existem duas possibilidades basilares nessa técnica que também passam pela escolha do pesquisador. Existe um proceder que é o de manter os mesmos participantes e realizar com eles quantos encontros forem necessários, propondo novos temas de reflexão ou um segundo proceder que é o de manter os mesmos temas, substituindo os participantes. A escolha de uma dessas formas passará, necessariamente, pelos objetivos da Pesquisa. No caso dessa Pesquisa, todos desejaram retornar, vivê-la na inteireza dos encontros, pois observei o mesmo número de pessoas em todos os encontros e com o mesmo nível de participação: bem falantes, dispostos, alegres e desejosos de contar experiências e se posicionar.

Quando nos perguntamos quantos encontros focais são necessários, reporto-me ao Gaskell (2000, p. 87) que nos questiona “que comprimento tem uma corda?” Na realidade, a resposta é “depende”. Depende da natureza do tema, dos diferentes questionamentos, dos ambientes, dos recursos. Contudo, há algumas considerações gerais que guiam a decisão. Um ponto-chave que se deve ter em mente é que, permanecendo as coisas iguais, mais entrevistas não melhoram necessariamente a qualidade ou levam a uma compreensão mais detalhada, afirma ele. E com muita coerência e verdade nos traz assim a justificativa:

Há duas razões para esta afirmação. Primeiro, há um número limitado de interpelações, ou versões, da realidade. Embora as experiências possam parecer únicas ao indivíduo, as representações de tais experiências não surgem das mentes individuais; em alguma medida, elas são o resultado de processos sociais. Neste ponto, representações de um tema de interesse comum, ou de pessoas em um meio social específico são, em parte, compartilhadas. Isto pode ser visto em uma série de entrevistas. As primeiras são cheias de surpresas. As diferenças entre as narrativas são chocantes, e às vezes, ficamos imaginando se há, ali, algumas semelhanças. Contudo, temas comuns começam a aparecer, e progressivamente sente-se uma confiança crescente na compreensão emergente do fenômeno. A certa altura, o pesquisador se dá conta de que não aparecerão novas surpresas ou percepções. Neste ponto de saturação do sentido, o pesquisador pode deixar seu tópico-guia para conferir sua compreensão, e se a avaliação do fenômeno é corroborada, é um sinal de que é tempo de parar. (GASKELL,2000,P.89)

Conseguimos construir três encontros muito produtivos, os quais se complementaram com os acompanhamentos para os quais fui convidada, as partilhas de pátio, recreios aulas ao ar livre

que participei, com vários grupos, de várias idades, em dias diferentes, que eu mesmo os escolhi, livremente.

Conduzir uma Pesquisa que traga como técnica o Grupo Focal é uma tarefa minuciosa e de muito compromisso. O pesquisador precisará estar munido de um Roteiro de Debate, para que o auxilie e norteie durante o desenvolvimento do Grupo Focal. O Roteiro de Debate precisa ser elaborado partindo do pressuposto de que o grupo estará em movimento, debatendo, refletindo, questionando, portanto ele precisará ter um movimento assim, dinâmico. Não pode ser um instrumento duro, estático, rígido que não possa ser modificado quantas vezes for necessário.

O Pesquisador deverá ter um bom domínio do Roteiro de Debates, para que o encontro constitua-se produtivo e as conversas fluam de maneira espontânea; não havendo rigor na sequência das questões, o Pesquisador deverá concatenar os temas com o objetivo de atender as demandas do debate, incorporando elementos de qualquer uma das questões previstas e cuidando-as para que nenhuma se omita ou se repita.

Nesse sentido, o roteiro de conversas que eu possuía, foi elaborado com os focos muito definidos, sob a orientação bem minuciosa de Leda Lísia. Elaboramos as questões, organizando-as por Blocos, com o combinado muito claro da flexibilidade ao operar com os Blocos, ou seja, eles serviriam para uma certa orientação do que se desejava extrair do Grupo enquanto pesquisa, mas não poderiam criar conversas engessadas, de perguntas e respostas nas ordens em que as questões estavam agrupadas. Como as falas representam a essência do Grupo Focal, as questões serviam para orientar a direção das falas, de maneira muito flexível e com a minha atenção rápida de quando uma já respondia outra questão ou uma adentrava em outra.

Sempre uma lembrança imprescindível ao Pesquisador deve permanecer: a de que a qualidade dos dados dependerá muito de sua atuação. Portanto, ele precisará estar muito disposto a lançar mão de alternativas que possam estar extraindo maior quantidade possível de informações aos participantes.

A passagem de uma questão-chave para outra também é fator de cuidado. O Pesquisador deverá fazer essa passagem com a maior sutileza possível, para que o curso natural do debate siga e não seja abruptamente interrompido. Por isso, o domínio dos temas e do Roteiro de debates é imprescindível.

Ao terminar todas as questões previstas, o Pesquisador deverá solicitar aos participantes que façam breves comentários sobre o desenrolar dos trabalhos, mencionando pontos que não foram abordados e que podem ser inclusos no próximo encontro. Agradecerá a participação de todos, encerrando o encontro.

A essência da técnica de Grupo Focal, essa não é possível traduzir em texto _ ela está na própria energia do grupo, na partilha esfuziante entre os participantes e no labor da negociação de realidades que a própria experiência proporciona a cada um e a todos, pois o grupo se torna maior do que a soma das partes.

3.4 PROJETO BRINCAR: TECENDO ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Lidovino Fanton classificada pela Secretaria Municipal de Educação como Escola M, ou seja, tamanho Médio por ter 1000 estudantes matriculados, situa-se Restinga Velha, absorvendo as crianças, jovens e adultos de uma quarta parte desse bairro. Nessa Escola, meu Ponto de Pesquisa foi o Projeto Brincar. Esse Projeto existe há sete anos na Escola, envolvendo estudantes de todas as idades. Tem sido uma referência para a Escola e para a Comunidade. Trabalha com a intencionalidade política de construção da Ética a partir da natureza e cultura. Desenvolve uma dinâmica baseada ,entre outros autores, nos estudos de Edgar Morin.

O Projeto Brincar nasceu pela demanda que havia na Escola em relação aos recreios. Os recreios, anos a fio, eram espaços de agressão e violência. As crianças e jovens agrediam-se, trazendo um grande transtorno para toda a comunidade escolar.

O Projeto nasceu por iniciativa da Professora Silvana Bittencourt que, por ser Orientadora Educacional e Coordenadora de Turno acompanhava o drama da convivência nos Recreios. Iniciou uma observação direta sobre os recreios, o que lhe proporcionou a constatação de que as crianças não sabiam brincar, por isso faziam aquilo que estava muito próximo as suas realidades vividas: brigavam. Como os jovens também tinham suas dificuldades, a professora iniciou o esboço de um Projeto que pudesse dar conta das crianças e dos jovens. Escreveu o Projeto, levou à Comunidade Escolar, foi apoiada e iniciou a prática. Os jovens ensinariam as crianças a brincar, a partir de uma formação que teriam, desenvolvida por alguns professores da própria Escola dispostos a contribuir. Os recreios tornaram-se mais pacíficos, colaborativos. As crianças aprenderam a brincar juntas, a combinar e respeitar regras, desenvolveram cuidado consigo e com os outros. A Ludicidade passou a ser experienciada e o ato de brincar, extremamente prazeroso.

Hoje, o Projeto Brincar forma Recreacionistas, jovens educadores qualificados, comprometidos e responsáveis com suas ações e vivências a respeito da importância e utilização do

brincar (momento lúdico) para o desenvolvimento infantil, tendo em vista que a construção dos sujeitos se inicia e sedimenta através do ato de brincar. Envolve também adultos da Eja, como uma forma também de qualificação profissional e inserção no mercado de trabalho.

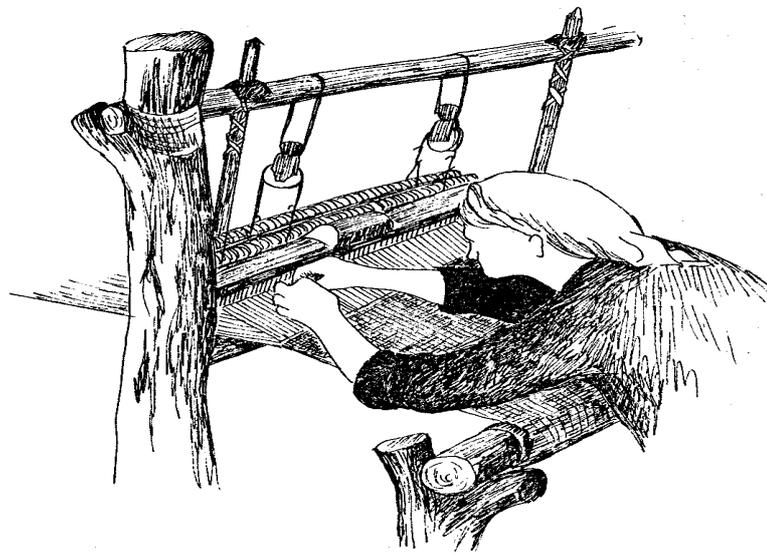
Para pesquisá-lo, apliquei a metodologia de Entrevista Semi-Estruturada com a professora Coordenadora do Projeto Brincar e com professores que trabalham, voluntariamente, na formação dos estudantes recreacionistas, enriquecendo-as com observações dos recreios orientados pelo Projeto Brincar e com rodas de conversas informais com os meninos e meninas recreacionistas. Essa metodologia é bastante utilizada, portanto não vejo necessidade de maiores detalhes acerca do seu universo.

O instrumento foi constituído com perguntas relacionadas em Blocos, iguais às questões dos Grupos Focais, com o fim de construir uma conversação que permitisse levantar dados e indícios daquilo que buscava pesquisar. Foi estruturado a partir de categorias que, por estarmos trabalhando no Pensamento Complexo e na Linha da Matrízica, poderemos chamá-los de Âmbitos Ativos de Universo Ético, os quais me ajudaram a pensar e a compreender a complexidade deste trabalho investigativo. As Entrevistas foram aplicadas individualmente. Com as crianças, desenvolvi conversações espontâneas, muito livres, em rodas ou recreios, para ouvi-las acerca dos seus sentimentos em relação ao Projeto Brincar.

Foi uma experiência fascinante assistir meninos e meninas, jovens e adultos da EJA como pacificadores, ativistas da Paz. Hoje, eles podem ensinar aos professores como ajudar as crianças a ter mais tolerância, aprender a esperar, tratar o outro com carinho e cuidado, desejar brincar em companhia, relacionar-se, construir amizades, ser “do Bem” como eles falam.

Todas as entrevistas trazem contações, fatos, histórias emocionantes. Mas a Entrevista realizada com a professora Silvana trouxe a evidência, para essa Pesquisa e esse estudo realizado com o propósito de pensar a Ética da Vida, que a Escola pode ser um espaço de poder amoroso e solidário e que o Projeto Brincar, lá, bem lá no Extremo Sul de Porto Alegre, perto da Estrada do Barro Vermelho, no Bairro Restinga Velha, numa Escola Municipal, como uma Prática Pedagógica que pensa a Vida muda a realidade de muitas crianças e jovens, todos os dias. Então, muda o mundo.

4 QUARTO ENLACE



4. 1 O OFÍCIO, A HABILIDADE DE TECER, O MOVIMENTO DO TEAR - A DINÂMICA DA TRAMA

“Todos possuem a incerteza do que afirmam.”

João Guimarães Rosa

Na introdução desse trabalho surgiu de mãos dadas com Spinoza e Nietzsche, com uma intenção clara – solidarizar-me, com eles, a favor do Conhecimento como o mais potente dos afetos. Um conhecimento sistêmico, complexo, que pense a Existência Humana, a potência do humano e da própria ética humana como possibilidades vivas em Educação .

Nesta trama, ressurgiu com Spinoza para iluminar esse estudo em relação a uma das bases filosóficas que Morin e Maturana tem se apoiado. Spinoza serviu como uma das principais referências para os estudos de Edgar Morin e Humberto Maturana.

Com o máximo de cuidado, fiz uma viagem silenciosa e solitária em busca de pensadores que se alinhassem com o pensamento sistêmico ,cujas ideias tenham servido de bases para os seus estudos, a fim de constituir um corpo autoral capaz de fortalecer a Pesquisa que propus e defender essa escolha com certa consistência, bem como defender a sua importância para a Educação Contemporânea. Fui buscar as bases de Edgar Morin e, entre Henry Atlan, Moscovici, Laszlo, Bohr, Bachelard, encontrei Spinoza. Procurei autores que ,de uma forma ou de outra, demonstraram se

alinhar com Morin, encontrando Michel Serres, Varela, Castoriadis, Bateson, Gueertz, para ler por puro deleite quando, inclusive, encontrei Maturana. Foram duas inevitáveis paixões essas por Morin e Maturana.

Em Edgar Morin, encontrei um sujeito afirmando “não construir seu conhecimento em uma rocha de certeza”(2004,p.98). Em Humberto Maturana, um sujeito que nos convida, o tempo todo, para rever nossos viveres e conviveres. Esses acenos espantosamente reais, possíveis e necessários lançaram-me a um rito de passagem, absolutamente desejado. Em Morin, fui vislumbrando a possibilidade da religação, não só dos saberes, mas da vida como um todo. E da proposição de viver a Ética de forma viva, concreta, prática, a partir da assunção de nossa condição humana. Em Maturana, fui descobrindo a reflexão sobre a Potência humana, sobre a energia do viver, sobre a Autopoiese enquanto capacidade presente e viva em cada um de nós. Fui descobrindo as aproximações teóricas entre os dois, o que me deixou muito claro que a Teoria da Complexidade não provém da mesma nascente do Paradigma Sistêmico, nem esse daquele, mas nas afluições ambos se aproximam, interagem e co-existem, fundindo-se nas corredeiras e correntezas mais profundas de pensar a Ética da Vida.

Desses encontros teóricos aproximados, decidi alinhar esses estudos e desenvolver conversações possíveis e necessárias que representassem uma aliança essencial para pensar a Ética da Vida ,de uma maneira mais profunda,em processos de reorganização de comunidades.

Nesse por-vir que se descortina, em que caminharemos desde essa reflexão do humano nas suas relações estabelecidas enquanto espécie, indivíduo e sociedade ,o que constitui a ética do viver e conviver, até o olhar mais aproximado sobre experiências que simbolizem, confirmem e vitalizem esse processo, surge este sujeito, que está situado, datado, cercado de ritos, comprometido com as realidades e / ou sistemas, e que poderemos chamar de espaço Escola–Comunidade de Aprendizizes–Coletivo de educandos e educadores constituindo redes de saberes. Toda essa caminhada, essa tecitura, comprometidas com as ajudas teóricas dos dois pensadores principais que acompanham e sustentam esses estudos todos tramados aqui. Assim, revisão teórica e análise das falas dos educadores tecem-se juntas,daqui para frente.

Ao buscar Práticas Pedagógicas que vivenciassem a constituição ou a nutrição de processos bioantropoéticos e autopoieticos, fui e assumo, cuidadosa. Por meses a fio, observei processos pedagógicos com uma intencionalidade política de compromisso com tudo o que eu acredito, enquanto princípios teórico-práticos. E como traz a sabedoria popular tão viva e real, “*Quem procura, acha*”. Encontrei, sim ,o que desejara encontrar: duas experiências pedagógicas que preencheram minhas expectativas, surpreendendo-me nas suas grandezas . Daquilo que eu observara e entendera como experiências apropriadas para as conversações teóricas que se dariam

no percurso do caminho, acabaram expandindo-se, ou seja, foram muito além do que eu buscara. Tanto o Projeto Brincar, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Lidovino Fanton quanto a Proposta Pedagógica da Escola Amigos do Verde estiveram e estão numa plataforma filosófica-epistemológica prática muito acima do que eu imaginara encontrar.

Mesmo que as circunstâncias das diferentes realidades, sujeitos, espaços e tempos não tenham auxiliado plenamente na realização daquilo que inicialmente foi pensado, no sentido de constituir essa Pesquisa puramente na Metodologia de Grupos Focais para as duas práticas a pesquisar, mesmo assim, os movimentos foram extremamente profícuos, profundos e valiosos, os quais coloco-os em meu “Relicário de Vivências Inesquecíveis”.

No decorrer dos trabalhos uma reorganização natural foi acontecendo, definindo a vivência de Grupos Focais na Escola Amigos do Verde e Entrevista Semi-Estruturada no Projeto Brincar. Assim, mais uma vez se cumpre ideias complexas de que a realidade não é dada, a realidade não é um dado e que “Deus não joga dados com o universo”, afirma Einstein (1953, p.33). Nos próprios andamentos de uma Pesquisa, o tempo pode se apresentar *Kronos ou Kairós, matemático, relativo ou quântico. Os espaços também estão em movimento dinâmico, os sujeitos estão em latências e pulsações, os próprios observadores são observados e os observados são observadores. Ou assim, definitivamente: A vida não está congelada. Portanto, nada que lhe componha em dinâmica organiza-se em estruturas, e sim, em processos.

Compreendi que se o movimento dessa Pesquisa é o de pesquisar as complexidades e os movimentos sistêmicos autopoieticos, tranquilo seria me recolocar como Pesquisadora, no sentido de constituir as mobilidades que foram se apresentando necessárias.

Assim, as próximas reflexões estarão ancoradas sob vivências metodológicas distintas, embora as questões norteadoras utilizadas tenham sido as mesmas nos dois processos de Pesquisa, salvaguardando, é bom lembrar, as interferências e interações naturais que aconteceram nas experiências, independente da organização que foi criada para o desenvolvimento de ambas. Na tecitura dos textos em que estarei expondo os resultados sempre parciais dessa Pesquisa, trarei os mesmos de forma relacionada, apenas citando o Projeto ou Instituição.

4. 2 ENTRELACES ENTRE MORIN E MATURANA : ENLACES ENTRE OS SUJEITOS PESQUISADOS

Muitos sujeitos, muitos fios e a urdidura



O espectro filosófico de Edgar Morin tem se desdobrado e sido aprofundado em primeiras ideias desde o século XVII. Já naqueles tempos, Spinoza refletia algumas pensamentos que são chaves na Teoria da Complexidade, como bem coloca Humberto Mariotti em *As Paixões do Ego: Complexidade, Política e Solidariedade*:

Baruch de Espinosa é, com toda a justiça, considerado um dos grandes da história da filosofia — “o filósofo dos filósofos” ou, como disse Bertrand Russell, “o mais nobre e o mais amável dos grandes filósofos”. Ainda assim, suas idéias foram amplamente rejeitadas em sua época. Mesmo antes de escrever suas obras principais, ele foi excomungado pela comunidade judaica de Amsterdã em julho de 1656. Tinha então 24 anos de idade. Seus livros, quase todos publicados postumamente, foram proibidos e postos no Índice do Vaticano. O filósofo morreu em 1677, aos 44 anos. O empenho de Espinosa na reforma do intelecto exprime uma tendência proeminente em sua época. A partir de então, pouco se falou sobre esse assunto. Nos últimos tempos, porém, autores como Morin falam em reformar o sistema de pensamento atualmente hegemônico — o modelo linear-cartesiano, que freqüentemente chamo também de raciocínio binário ou lógica do “ou/ou”. As propostas atuais para tal reforma podem parecer diferentes da espinosana, mas em essência não o são. Por isso, importa reconhecer no pensamento complexo da escola moriniana as mesmas orientações básicas da filosofia de Espinosa: a imanência e o diálogo incessante entre pensamento e sentimento, objetividade e subjetividade, a razão e as paixões. (Mariotti, 2000)

Entre tantos pressupostos, defendia que a compreensão do Todo não é tão somente um exercício intelectual, mas um exercício de liberdade. Conhecer a realidade em seu todo é uma possibilidade para os homens construírem um mundo melhor. Defendia que é preciso examinar o

pensamento no seu próprio processo, não depois que já está estruturado; mas que buscar o desvelamento de como o conhecimento é produzido, buscar a gênese do que se pretende conhecer, o passo-a-passo do seu próprio pensamento é o princípio de tudo. Isso, para Spinoza, seria uma das essências do Método Reflexivo que defende, porque deseja lidar com a ideia da ideia, o conhecimento do conhecimento, que para Morin, é o auto-exame, no qual o pensamento retrocede sobre si mesmo e se auto-investiga.

Nosso pensamento deve investir no impensado que o comanda e o controla. Nós nos servimos de nossa estrutura de pensamento para pensar. Será preciso também nos servirmos de nosso pensamento para repensarmos nossa estrutura do pensamento. Nosso pensamento deve retornar à sua fonte em forma de circuito interrogativo e crítico. (Morin, A natureza da Natureza, p. 27,2008)

Reconheço aproximações fundamentais entre Spinoza e Morin, bem como entre Spinoza e Maturana.

Spinoza discute a ideia de que construímos o mundo em que vivemos por meio de nossa interação com ele; afirma que o corpo se regenera constantemente, produzindo seus próprios elementos constitutivos, mediante o ambiente, explicitando que “o corpo é uma individualidade dinâmica e intercorpórea”(2009, p. 40).

Essa ideia de que, para Spinoza, a Natureza é autoprodutora, causa de si, em que a realidade se autoproduz, em que o produtor produz o produto e vice-versa, é hoje um dos estudos de Maturana – a Autopoiese, a qual se encontra lá em Aristóteles, e antes dele, em Plotino, o qual já estudava a autocausalidade e afirmava que “Poiésis” é pura “Energéia”.

Discussões como a “Laetitia”, ou seja, a alegria, felicidade e amor como possibilidades vivas que aumentam nossa potência para o agir, assim como a “Tristitia”, que despotencializa o desejar e o agir fazem parte de estudos de Morin e Maturana.

Spinoza retoma que o homem é livre quando tem potência para agir e que liberdade de conhecimento é liberdade de pensamento. Enfatiza que o homem livre é aquele que se preocupa o tempo todo com a vida e não com a morte.

Por isso, propõe a radicalização da horizontalidade nas relações, refuta a lógica binária,propõe a dialógica, afirma a necessidade do conhecimento da totalidade e o conhecimento da realidade como ponto de partida e a compreensão do ser vivo a partir das suas relações com o ambiente.

Nesse sentido, em que a compreensão do ser vivo se dá no conhecimento das suas relações com o ambiente onde vive, a partir da sua natureza e da cultura construída, faz-se o enlace fundamental entre Morin e Maturana.

Edgar Morin, em *O Método 2, A Vida da Vida*, traz a seguinte aliança de compromisso quando refere-se ao entrelaçamento de interação entre indivíduo, espécie e sociedade:

“Neste caso, a concepção complexa do gênero humano comporta a tríade indivíduo/sociedade/ espécie. Os indivíduos são mais do que produtos do processo reprodutor da espécie humana, mas o mesmo processo é produzido por indivíduos a cada geração. As interações entre os indivíduos produzem a sociedade e esta retroage sobre os indivíduos. A Cultura, no sentido genérico, emerge destas interações, reúne-as e confere-lhes valor. Indivíduo/sociedade/espécie sustentam-se, pois, em sentido pleno: apoiam-se, nutrem-se e reúnem-se”(Morin, 2005,p. 85).

Dessa forma, essa tríade, porque não inseparável, é co-produtora uma da outra. Há um desenvolvimento conjunto das autonomias individuais e de pertencimento à espécie humana. Aqui emerge a consciência – no âmago dessa tríade, que se responsabiliza pela continuidade da história humana, fundando ou refundando, produzindo ou reproduzindo, criando ou colonizando valores humanos que inventam o lastro da sobrevivência humana coletiva ou a sua destruição. Fala-se aqui de Vida. Fala-se aqui da Vida da Vida. Fala-se aqui da Ética que mantém a Vida ou da Vida que se mantém na Ética .

No Entrelaçamento Um da Pesquisa, em que o cerne das conversações foi “A Ética na minha Vida e a Ética na Minha Vida Profissional”, e onde as questões de Pesquisa se tramaram em torno do que é Vida, do que é Ética e como os educadores que tiveram suas práticas pesquisadas experimentam a Ética em seus viveres pessoais, além de quais os valores que tem sustentado sua Ética de Viver, as respostas vindas foram afinadas.

Ao tentar definir o que seria Vida, as respostas assumem uma escala de compreensão muito uníssona. Trouxeram eles que

“Vida é um conceito muito grande que vem desde a trajetória que, como humanos percorremos, passando por toda a manifestação de existência, relações que estabelecemos ao longo desta existência, que é o fazer acontecer a cada instante até estado de consciência, capacidade de conexão, ação, emoção e relação com a energia do ambiente. Mas que Vida é complexa, bem complexa para ser compreendida”.

A Vida traz em seu bojo todas as contradições que fazem parte de si; todos os mistérios; todos os pensamentos; todas as supostas ordens e desordens; todas as interações; todas as disjunções, abstrações e reduções que banham o pensamento humano; todo o tecido complexo da realidade. Não é simples e não pode ser simplificada .

A Vida é Complexa e é com Edgar Morin que poderemos realizar essa reflexão e com as mãos em concha, bebendo na suas fontes, que também são complexas , posto que é fruto de muitas e muitas outras mãos.

A carga semântica que a palavra Complexidade carrega assusta muitos de nós. Apesar de sermos parte de um campo educativo que, por si só, é complexo, vivemos numa sociedade que reduz, desintegra, simplifica, descarta o tempo todo, o que influencia barbaramente e altera nossa forma de viver .

Embora o desejo do Pensamento Complexo seja o de articular os conhecimentos, constituindo a sua multidimensionalidade, é certo que ele próprio carrega a sua incompletude, ou seja, a impossibilidade de ser completo. Assim, Morin conta:

O Pensamento Complexo também é animado por uma tensão permanente entre a aspiração a um saber não fragmentado, não compartimentado, não redutor e o reconhecimento do inacabado e da incompletude de qualquer conhecimento. Esta tensão animou a minha vida. (Introdução ao Pensamento Complexo, 2005, p. 49)

Nessa luta permanente com as contradições em que a busca do conhecimento multidimensional se confronta com o saber fragmentado é que Morin assume a impossibilidade de eliminar as contradições. Percebe a riqueza também posta nos antagonismos e percebe a função complementar que brota nas incertezas e ambiguidades. Na dança infinita entre separações e junções, concretudes e abstrações, isolamentos e integrações vivemos. Também vivemos em meio ao controle do pensamento cartesiano desde o séc. XVIII – um pensamento que fraciona e disjunta. Vivemos no campo de luta entre as verdades e as incertezas, esmerando-nos para tomar partido de apenas uma delas. É nesse campo contraditório que Morin esboça nuances do pensamento complexo, numa postura muito esclarecedora:

O que é a Complexidade? A um primeiro olhar, a complexidade é um tecido de constituintes heterogêneas inseparavelmente associadas: ela coloca o paradoxo do uno e do múltiplo. Num segundo momento, a Complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico. Mas então a Complexidade se apresenta com os traços inquietantes do emaranhado, do inextricável, da desordem, da ambiguidade, da incerteza. (Introdução ao Pensamento Complexo, p. 75)

Devido à uma herança cultural conservadora, nosso pensamento se confunde com este caos da desordem, do incompleto. Assim colocamo-nos a ordenar, separar, especializar, o que acaba produzindo cegueiras, pois ao apartar e segregar em nome da ordem, reduzimos o pensamento

reflexivo e excluímos a diferença. A nossa hipersimplificação impede de ver a complexidade da própria realidade. Acabamos superficializando nossas buscas, nossos projetos e nossas relações. Não nos aprofundamos. Acabamos constituindo camadas e camadas de verniz em nossas convivências. Buscamos respostas prontas para solucionar os problemas que geramos. Acabamos gerando pensamentos adoecidos, formas de ver distorcidas, jeitos preconceituosos de compreender as coisas. Viramos doutrinários e dogmáticos. Dessa forma, viemos construindo arremedos de processos civilizatórios. Distorcemos as formas de nos relacionarmos uns com os outros. Não cuidamos da essência da Vida. Atrapalhamo-nos com o pensamento conceitual sobre os fenômenos. Aquilo que poderia ser constituído como “Bem-Viver”, é constituído como “Qualidade de Vida” - conceito gerado no processo esmagador das relações do trabalhador com o capital chamado Globalização, por exemplo.

O que buscamos tem raízes profundas. Queremos descobrir como trabalhar com toda esta tecitura, a qual envolve conceber uma revolução paradigmática e nos despirmos de quaisquer certezas.

Pensarmos Vida, por exemplo, a partir desse lugar de seres vivos que participamos exigem-nos um olhar mais inteiro e profundo sobre nossos existires e ao mesmo tempo mais sereno, na turbulência, que é provocada dentro de nós em pensarmos propriamente o que é Vida. Alguns dos professores pesquisados sentiram-se exigidos a pensar mais antes de dar uma resposta. Senti, neles, a preocupação de não dar qualquer resposta ou de responder de forma rápida. A Pergunta trouxe silêncio no Grupo Focal. A Pergunta remeteu, a cada um, a necessidade do silêncio, do pensar mais claro, da elaboração desse pensar, de organizar esse pensar para ser expresso, porque quando pensamos em Vida, pensamos em tudo que implica Viver. E, de fato, nos silencia.

Um dos professores entrevistados expressou, depois de um longo suspiro: “não sei bem definir o que é Vida. Mas acredito que um pouco dela é a Consciência e a Conexão com tudo o que existe.”

Para pensar Práticas Pedagógicas que pensem a Ética da Vida implica em começar a pensar o que é Vida. Como construir Ética sem pensar na Vida? Na minha Vida, na tua Vida, na Vida dos Outros, nas nossas Vidas que é a minha na tua, a tua na minha, as nossas minhas e nossas tuas em todas as outras e assim imbricadamente? Como diz Brandão, no livro Flores de Abril (2010, p.24), “o Universo é o meu mundo e o Planeta Terra é a minha casa”, estamos todos interligados e a vida de um é a vida de todos. É aquilo que Morin chama de Vida Singular-Plural.

Supõe-se que no processo de constituição dos valores humanos éticos, a Vida seja considerada, também, como um Valor. Supõe-se que a vida seja pensada e cuidada como um Valor é pensado e cuidado.

Desfazer a massaroca dos fios para enxergar a cada um é imprescindível na tessitura de uma Trama. Saber o que é a Vida para os professores que pilotam Projetos considerados experiências de afirmação da vida, projetos constituídos de princípios bioantropoéticos e autopoieticos ,ajuda a devolver parte da nitidez dos elementos que estão impregnados em Práticas Pedagógicas saudáveis ,socializando parte importante de como se produz trabalhos assim em relação às concepções de vida que os sujeitos educadores têm. Professores entrevistados da Escola amigos do Verde expressam:

“A vida pode ser pensada sob vários prismas. Posso pensar a Vida pela Biologia ou pela Sociologia ou pela Filosofia. Mas também posso simplificar a Vida e dizer que ela é os fatos, do dia a dia e o que me acontece diariamente. Cada um de nós pode ter um pensar diferente do que seja a Vida. Acho que quanto mais conservadora a pessoa é, mais empobrecido é o seu jeito de pensar o que é a Vida. Porque a concepção da pessoa tem a ver com o que ela constrói como viver a sua Vida e a pensar o que é Vida e como ela deve ser.”

“Vida são todas as relações que estabelecemos entre nós, seres vivos, e com tudo o que vamos conseguindo construir. Essa é a minha concepção sobre o que é a Vida”.

Dessa maneira colocada acima, os professores trouxeram seus pensares em um dos Grupos Focais. Falam de relações e concepções e relacionam a organização da vida com o pensamento que constituíram acerca dela.

Estamos em plena vivência das brechas que se abrem no quadro epistemológico da ciência clássica. Segundo Morin (2005, p.160), a brecha microfísica tem revelado a interdependência do sujeito e do objeto, a inserção do acaso no conhecimento, a desreificação da noção de matéria. A microfísica une, numa mesma entidade, os conceitos até então absolutamente heterogêneos de espaço e de tempo. Assim, não há mais solo firme, expressa Morin.

Esses movimentos antagônicos do mundo e da própria ciência esboçam a Complexidade da Vida na sua essência. Aberturas teóricas surgem na Física, na Química, na Biologia. Os sistemas abertos se interpõem. Os ecossistemas se inscrevem ... “O mundo passa a ser um horizonte de realidade mais ampla”, completa Morin (2005, p.171).

Nesse processo, o sujeito em conexão emerge. Emerge trazendo sua subjetividade, sua individualidade e coletividade, na sua ambiguidade, nas suas contradições, nas suas reflexões, nos seus pensares e daí, na sua Consciência de Si. Nessa Consciência, ele traz a vida e a morte, a

companhia e a solidão, a bondade e a maldade, o finito e o além, a solidariedade e a mesquinhez. Entre a metafísica e o positivismo, entre a moral e a ética, entre a incerteza e o determinismo, esse sujeito se gesta historicamente. A esse sujeito indagamos o sentido de Viver e a sua Ética de viver. A ele, perguntamos que tipo de Ética ele tem construído em seu viver. A ele, perguntamos o que é Ética. Talvez, surpreendido, como O Pensador, de Rodin, ele se postará para pensar. Ao buscar as compreensões dos professores sobre o que é Ética, percebi que eles também silenciaram, nos primeiros momentos. Porque falar em Ética é complexo. Assim como é complexo falar em Vida. E tentar conceituar Ética, para obter dos seus pensamentos a clareza necessária também se faz complexo. É um pensamento que virá tecido por muitos elementos. Será tecido junto com tantos outros elementos como Vida, Sujeitos, Indivíduos, Espécie Humana, Sociedade, História, Historicidade, Cultura. E outros e mais outros. Uma Ética bio e antro. Uma Bioantropoética.

Os Professores do Grupo Focal gostaram muito de conversar sobre Ética. Numa sessão de 60 minutos, além do planejado, relacionaram o conceito de Ética com a vida na amplitude do que isto representa. Trouxeram exemplos práticos que os ajudavam a conceituar Ética e contaram histórias cotidianas atravessadas por questões éticas. Falaram com jeito de quem refletia bastante ao mesmo tempo em que iam ajudando-se nas formulações do conceito em si.

“impulso”. . .

“sustentação”. . .

“respeito à vida”. . .

“maneiras de como as relações vitais são estabelecidas”. . .

“princípios e valores”. . . e

“ação com consciência”. . .

Um dos professores conceituou Ética como:

“as maneiras como vou estabelecer essas relações de vida, convivendo e respeitando os outros seres que vivem sua vida no mesmo mundo que eu.

Um outro professor problematizou:

“Ética é ser correto. Mas o que é ser correto? É seguir regras? Cada um tem um entendimento do que é Ética. Cada um entende o certo e o errado de acordo com a sua forma de viver. A Ética é relativa.

A maioria dos professores relacionou o conceito de Ética com os valores e princípios que norteiam a vida. Estabeleceram relações de ética com os pensamentos, ações e emoções. Uma das professoras da Amigos do Verde, com um perfil muito intenso de se expressar, trouxe assim seu pensamento:

“Respeito é a Ética para mim. Poder olhar o outro, enxergar as qualidades. Quando entrei na Escola, eu de novo entrei nesta busca. Isso é muito legal na Escola. A gente acredita porque a gente se retroalimenta no processo. Estas práticas de autoconhecimento que são vividas na Escola também voltam na tua vida com força. Aqui tem valores que se vive que já casaram com a minha vida, que estão colados na minha vida. Esta oportunidade que a gente tem aqui como grupo, de fazer na prática, de levar para a nossa vida pessoal é um construir. É uma via de mão dupla, eu já vivo isso e por isso eu faço, mas eu aprendo e aí eu faço lá na minha casa, com os meus amigos, com a minha família. . . e daí de novo, sabe? Parece uma questão de círculo que vai produzindo esta energia, que vai se movimentando, cada vez a gente vai se movimentando mais dessa ética global.”

Em meio aos rasgos epistêmicos que as ciências produziram de um jeito ou de outro, a Teoria da Auto-Organização trouxe a abertura e a reflexividade. Trouxe junto a possibilidade das relações ecossistêmicas. Nela não há rigidez obrigatória, o que há são movimentos que se conectam da teoria à metodologia, do filosófico ao antropológico, do antropológico ao biológico, do biológico ao físico ou tudo inverso. Edgar Morin, em relação a esta multidimensionalidade coloca que

“Não existe uma única rede de relações, há realidades que não são essências, que não são uma única substância, são compósitos, produzidos pelos jogos sistêmicos, mas, entretanto, dotados de uma certa autonomia. Enfim, o que tentamos e acreditamos encontrar, foi este lugar de cruzamento para as pesquisas fundamentais, um conjunto teórico-metodológico-epistemológico ao mesmo tempo coerente e aberto. Esta é a Scienza Nuova.”(Introdução ao Pensamento Complexo, 2005, p. 22,).

Assim, a perspectiva aqui de Ética e de Vida é transdisciplinar. Sem perder suas identidades, deixam de ser blocos isolados de pensamento único, mas feixes de pensamentos múltiplos. Nestes processos abertos, não se fabrica pensamentos homogêneos, formas iguais de pensar, conceitos encapsulados. Vibra-se com a diversidade de pensares.

Quando estudamos a gênese dos paradigmas, descobrimos que um paradigma é um sistema de pensamento. Quando este sistema paradigmático é afetado, toda uma ontologia é afetada, metodologia e epistemologia são afetados, bem como a prática social, a própria sociedade e a política. Se pensarmos nos paradigmas conservadores e fundamentalistas, suas ontologias basearam-se em entidades fechadas, então, as metodologias eram reducionistas, as avaliações quantitativas, expulsava-se os erros. Podemos pensar que esse paradigma amputaram milhares de desejos, de criações humanas. Engessaram sociedades, transfiguraram políticas, enrijeceram as relações humanas.

Defender o pensamento transdisciplinar significa acolher as diferenças, olhar com mais profundidade o mundo, perceber a natureza em seu transe com a cultura. Essa defesa, porém, não é fácil. É absolutamente perigosa e fascinante como tudo o que é perigoso e fascinante. Envolve escolha, tomada de consciência, consciência de si.

Defender o pensamento transdisciplinar significa estar atento para o cotidiano, para o olhar de como as coisas acontecem e podem se conectar; implica busca de como tudo se constitui, busca de possibilidades, coragem de conviver com a desintegração. Defender o pensamento transdisciplinar é, de quebra, defender a complexidade e, como diz Morin (2005, p. 69), “a aceitação da complexidade é a aceitação da contradição”.

Na direção desse pensar, o sujeito vai se gestar no berço do indeterminismo. Onde há determinismo não há sujeito, para Morin e também para mim. O sujeito se toma à luz da criação, da liberdade, do pensamento livre. O sujeito se gesta à luz da autonomia, de um lugar “seu”, de uma posição, de um pensamento.

Quando partimos para conversar sobre a Ética da Vida, ou como têm experimentado a ética em seus viveres pessoais e profissionais, os professores pesquisados tiveram certa dificuldade de separar Ética e Vida ou Ética na vida pessoal e Ética na vida profissional. Isso ficou muito evidente quando perguntei aos professores sobre como conseguiam estabelecer relações entre a Ética da vida pessoal e a Ética da vida profissional. Praticamente, todos eles concebem que ambas estão entrelaçadas e são interdependentes. Foi mencionado, com muita força, a vivência dos mesmos valores em ambas as dimensões, pessoal e profissional. Apresentaram dificuldades em olhá-las individualmente, afirmando que

“Na minha vida profissional é que fortaleço a Ética de minha vida pessoal, mas uma está na outra”. . .

“As coisas que sustentam a minha ética são aplicadas em minha vida profissional, de maneira natural, por serem as coisas em que acredito”. . .

“Minha vida profissional faz parte da minha Vida como um todo. Não dá para pensar, sequer, separadas”. . .

“Não consigo separar aquilo que me foi ensinado e vivenciado no ambiente familiar do profissional. Ambos se mesclam, se completam, se integram”. . .

As questões sobre Ética na Vida Pessoal e Ética na Vida profissional causaram certa confusão na reflexão dos professores pesquisados, ficou evidente, e chegou a ser expresso por alguns deles que a perplexidade se dava em razão de que não haviam pensado nisso ou nunca haviam refletido de que é uma mesma Ética que se constrói que vale para a Vida na sua Totalidade. Expressaram isso, dizendo que pouco pensavam, mas já faziam, naturalmente. Mas que ao olhar sua interdependência se confundiram de certo modo, justamente porque a Ética é definidora da existência na totalidade.

Ao serem questionados sobre os valores que sustentam suas vidas, as respostas vieram na mesma direção. Respeito foi o valor mais citado, se consagrando com o valor da Justiça, logo depois do Afeto, Responsabilidade, Amorosidade, Compreensão, Acolhimento, Alegria, Esperança,

Cooperação, Humildade, citados com muita ênfase. Uma das professoras da Amigos do Verde trouxe uma fala que relaciona alguns dos seus valores com o investimento que faz sobre eles mesmos:

“Respeito a todas as coisas vivas, aos pensamentos, ações, escolhas; procuro construir Amor, e muito Amor em tudo. Procuro investir meu tempo, sentimentos e ações de forma amorosa. Tenho um espírito inquieto, curioso; procuro conhecer e viver todas as experiências que se apresentam em minha vida com espírito de aventura, nada tão pré-determinado.”

Essa é a mesma professora que, ao ter sido perguntada de como tem experimentado a Ética em seus viveres pessoais, colocou:

“Eu escolhi uma profissão que me ajuda a definir quem eu sou . Por isso, sou a melhor educadora que posso ser neste momento, tempo e espaço, com as crianças, jovens e adultos. Não sou uma Instituição, mas contribuo com os valores que acredito e que carrego comigo, estando eles presentes ou não nos espaços em que trabalho”.

A expressão primeira da escolha de uma profissão que lhe remete à constituição do ser que é, ajuda-me a pensar no caráter formativo da Educação. Sujeitos que ensinam, aprendem, e os mesmos que aprendem, ensinam. Nesse movimento dinâmico em que, balizados pelos conhecimentos, sujeitos se encontram em uma infinita rede de relações e fazem suas formações humanas no mesmo caldo de interações, a Ética assim, também se funda. Por se fundar nestes entremeios de relações de sujeitos históricos, atravessados pelos DNAS da Espécie-Sociedade-Indivíduo, não é, então, apenas uma Ética que se funda. É uma Antropoética. Mas pelos entremeios biológicos-culturais, não é só Antropoética. É a Bioantropoética. Mas a Bioantropoética, por si só, não se sustenta. Precisa estar em estado de produção, de movimento dinâmico, pois o sujeito que a habita ou que, por ela é habitado, é vivo, sistêmico e complexo. Então, alimenta-se das energias que resultam das fusões antropológicas, biológicas e filosóficas que envolvem a tríade inseparável. Esse é um processo que se retroalimenta, que possui circularidade ativa e retroativa, que constitui combustões, que gera autoproduções, gesta num caldo antropológico de linguagem, cultura, poder e saber. Gesta as próprias temperaturas e se gesta na síntese deste caldo. No pensamento proveniente deste caldo. No desenvolvimento das ideias desse pensar sobre esse caldo cultural da linguagem, da cultura, do saber e do poder. Ela, a própria Bioantropoética também é Complexa porque é atravessada pelas contingências do meio, da história do sujeito, da subjetividade do sujeito, do poder que circunda o sujeito. Convive com outros elementos, tece e é tecida, tece e destece, autoproduz e se reproduz. Tem, então, relação com a Autoprodução e com a Autopoiese.

Quando Morin se refere à Auto-Produção, o sentido que é resguardado em seus estudos afina-se com o sentido em que Maturana constrói a Matrízica. Pensar a produção de uma existência que promova uma mudança cultural ética a partir da auto-produção, da Autopoiese, da Consciência de Si, da Potência Orgânica, Espiritual, Social e Relacional que somos, sem a pretensão de que tudo isto esteja debruçado sobre as certezas, é um paradigma que beira as pesquisas de Morin e Maturana há dezenas de anos.

As Metodologias utilizadas nos ambientes pesquisados foram Grupos Focais e Entrevista Semi-Estruturada. Também foram olhados, investigados e sentidos por Acompanhamentos de Campo e registrados em Diário de Campo, mais informalmente.

Os Acompanhamentos de Campo se deram em situações diversas e em número significativo. Em todos os movimentos observados, constatei a vivência constante da Potencialização do que os sujeitos trazem de seus contextos, do acúmulo de experiências de vida, das suas histórias e das suas subjetividades: a potencialização, que se produz e auto-produz.

Em ambos os Projetos existe uma preocupação regular de estudos, planejamento pedagógico e continuidade de ações. A preocupação com a elaboração dos processos presentes, com o que acontece hoje e agora com as relações grupais e com o movimento de compromisso do grupo com a sua evolução. Eu digo que os Acompanhamentos que fiz, observando os grupos em seus movimentos naturais, emocionaram-me sempre. A busca da colaboração e da solidariedade foi algo que mais impressionou-me enquanto pesquisadora. Oportunamente, estarei relatando alguns desses acompanhamentos.

A Biologia-Cultural, substrato epistemológico dos estudos de Maturana e Ximena, considera a natureza em toda a sua multidimensionalidade. Considera o tempo presente, a vida presente. Considera que o mundo em que vivemos foi gerado por nós. Considera a necessidade de nos responsabilizarmos com o mundo que geramos para viver e conviver. Considera o jogo sistêmico entre as nossas condições sociais e culturais e afirma que este jogo é um dos berços das mudanças que temos vivido. Considera a possibilidade viva da existência da Ética da Vida como curativa e liberadora da dor. Estuda o habitar biológico-cultural e quer aprofundar a conversa sobre o surgimento de uma linhagem ética-cultural que nos torne mais colaborativos e solidários, nos orientando para a Biologia do Amor.

Para Maturana e Varela, essa linhagem ética-cultural se desdobra a partir das relações entre a linguagem, as ações e as convivências:

“Todo ato humano ocorre na linguagem. Toda a ação na linguagem produz o mundo que se cria com os outros, no ato de convivência que dá origem ao humano. Por isso, toda a ação humana tem sentido ético. Essa ligação do humano ao humano é, em

última instância, o fundamento de toda ética como reflexão sobre a legitimidade da presença do outro.” (A Árvore do Conhecimento, 2001, p. 98)

Nesse sentido, como pesquisadora, observei, nessas situações, a intencionalidade política dos educadores envolvidos construir e consolidarem um nova linhagem cultural-ética. Os estudantes, tanto crianças como jovens, exercitam um repertório bem amplo de linguagens, ações e convivências que caminham para a formação de um ser humano capaz de amar mais.

O conhecer humano é sempre vivido numa tradição cultural. Nessa vivência do conhecer, encontramos-nos com o nosso próprio ser. Entre as linguagens, os linguajares, as conversações, as ações e os conviveres é que se constituem o fundamento do conhecer humano. Essa circularidade que é cognitiva, social, psíquica, espiritual fundamenta a explicação científica do conhecer o conhecer. Nessa trama, o conhecimento do conhecimento pressiona-nos a assumir mais cuidado com as certezas, a reconhecer que nossas certezas podem não ser verdadeiras. Também nos convida a refletir sobre “o mundo” que vemos e constituir relações com “um mundo” ou com “os mundos” que construímos com os outros.

Essa cadeia interdependente gesta a Ética. Uma Ética que se gera pelas estruturas biológicas e sociais do ser humano e também pelas estruturas culturais e históricas do ser humano. Ela se gesta no âmago, no ápice, na culminância do Conviver. Ela se gesta na profusão da gestação do mundo que construímos com os outros, com nossos pares de conviveres, num acoplamento estrutural social humano inerente à natureza humana. Por isso, ela é uma Ética antropológica, uma ética Cultural, uma Ética Biológica. É uma Bioantropoética.

A Bioantropoética é a Ética que permeia essas dimensões comprometidas pela concretude da existência humana, de onde consciência e espírito humano emergem, de um indivíduo que se trama com a sociedade em que habita e com a própria espécie de que faz parte.

A Bioantropoética supõe, essencialmente, a assunção da condição humana indivíduo/ espécie/ sociedade na complexidade do que somos; supõe alcançar o nosso melhor ou máximo de humanidade; supõe a assunção do destino humano que portamos, em suas contradições e plenitudes, sempre problematizado.

Assim, a Bioantropoética pode estar instruindo-nos a trabalhar mais pela humanização da humanidade, respeitar no outro a diferença e a identidade quanto a si mesmo, a desenvolver a ética da solidariedade, da compreensão e do gênero humano. Estas emergências complexas manifestam-se imperativas para uma vida coletiva pacífica e solidária.

A Bioantropoética se faz viva. Não é uma Teoria complexa perdida no meio dos livros e dos pensamentos de alguns estudiosos. A própria espécie, o indivíduo e a sociedade sempre estiveram e permanecem elaborando em todos os tempos, em todos os espaços, a existência da Bioantropoética

ou a negação dela. Nos múltiplos espaços sociais, a Bioantropoética se faz presente, sempre num movimento alucinante de produção e auto-produção.

A Escola é um espaço vivo e nobre da Produção da Bioantropoética. Gestam-se ali encontros infinitos de seres dinâmicos e sistêmicos. Nobre, pela incidência e reincidência desta dinamicidade e perpetuação sistêmica.

Quando desenvolvemos Práticas Pedagógicas com sujeitos sociais, em que a eles foi resguardado espaço respeitoso de compreender sua natureza humana, a trajetória de sua espécie, os atravessamentos materialistas-históricos, seus contextos vivenciais e os compromissos políticos e sociais deles mesmo com a sociedade da qual fazem parte, estamos realizando a Bioantropoética. Estamos exercitando a Bioantropoética. A Bioantropoética está criando um corpo. Existindo.

Quando desenvolvemos Práticas Pedagógicas que constituam a decisão individual consciente, e logo após a organização coletiva consciente, a partir da compreensão imprescindível de assumir sua condição humana como sujeito/indivíduo e espécie/coletivo, estamos produzindo a Bioantropoética.

Práticas Pedagógicas que pensam a Ética da Vida são constituíveis, embora complexas. Exigem, também dos educadores que as elaboram, um próprio movimento bioantropoético, no que se refere à superação da reprodução das próprias práticas que vivenciamos como estudantes, civilizando nossa relação com ideias de superioridade e possessão, ou de manter a consciência que nos permite simultaneamente a auto-crítica, a crítica e a compreensão, como traz Morin (2005, p. 159). E como o segue na próxima página de sua obra “Ética – O Método 6:

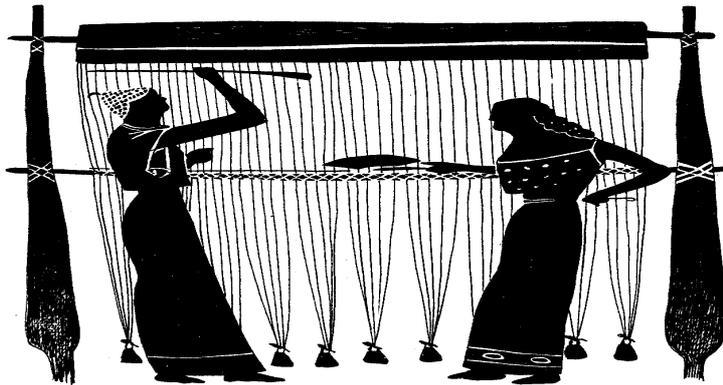
“A antropoética contém o caráter trinitário do circuito indivíduo-espécie-sociedade e assim nos faz assumir o destino humano nas suas antinomias e na sua plenitude. Ergue no nível ético a consciência antropológica que reconhece a unidade de tudo o que é humano na sua diversidade e a diversidade em tudo o que é unidade: daí a missão de salvaguardar por toda a parte a unidade e a diversidade humanas. A Bioantropoética liga a ética do universal e a ética do singular.”(2005, p. 160)

Questionei os professores pesquisados de que forma a Ética aparece em seus fazeres profissionais, já na tentativa de inserir um entrelaçamento visível para eles e para mim, como pesquisadora, que nos mantivesse no foco e referência da onde queríamos chegar, e as respostas se organizaram de forma muito sintônica, embora com sujeitos de projetos diferentes e com todas as suas peculiaridades e contextos de vida também tão diferentes. Apontaram, então, o Diálogo e a Amorosidade como combustíveis alimentadores desse processo; a Escuta sensível surge como movimento ético presente em seus fazeres cotidianos na Escola; a Valorização dos estudantes, dos seus fazeres e tentativas e o respeito a eles pelas pessoas que são apareceu repetidamente; a possibilidade concreta e diária de resolução de conflitos a partir da reflexão são práticas cotidianas.

Uma professora do Projeto Brincar usou o termo “Entrega sem restrições”. Vejamos este termo na inteireza de sua fala:

“Eu concretizo a ética no meu fazer numa relação muito direta com as crianças. Com elas, essa entrega é sempre sem restrições.”

Nessa gestação imprevisível, que busca elementos em todas as direções e constrói um amplo espectro para refletir, o Pensamento Complexo sempre considera a história e a historicidade dos sujeitos, sua natureza e sua cultura. Considera que o sujeito, a espécie e a sociedade é uma tríade inseparável que constrói a dinâmica ética e estética do viver .



4. 3 PREPARANDO OS FIOS PARA A URDIDURA, QUE VAI COMPOR O FUNDO DO TECIDO

A Bioantropoética é essa concepção de Ética que entende que “este bem-estar de convivência humana” não cai do céu. Não surge com a ideia de que o Homem nasce bom e a sociedade o corrompe” da Filosofia Clássica. Não é regido pela Igreja, nem pelo Estado, nem pela Moral, nem pela fala do Mestre sobre o discípulo. Essa Ética se gesta na dramática convivência

humana, permeada pelas realidades históricas, sociais e culturais que essa convivência carrega em sua essência. E é nessa trama complexa em que as humanidades se encontram e se confrontam, e se defrontam, e se comparam, e se seduzem, e se encantam e desencantam, se afinam e desafinam que essa Ética surge.

Ao buscar pesquisar o Projeto Brincar, entrei em águas profundas dessa experiência em que humanidades se encontram e se encantam e se afinam ou desencontram, desencantam e desafinam, gestando-se, sim, na dramática convivência humana.

O Projeto Brincar foi criado e pensado para a redução da violência do Recreio Infantil Escolar, já que as crianças literalmente não sabiam brincar, transformando o recreio em um tempo-espaço de brigas, desentendimentos e agressões físicas e simbólicas. Assim nos conta Silvana Bittencourt, professora Criadora e Coordenadora do Projeto:

“Pensar os espaços de tempo da Escola foi sempre uma matéria de pauta nas reuniões pedagógica, seja do coletivo de profissionais ou da Equipe Diretiva. Porém, o espaço de tempo do recreio era motivo de muita preocupação, tendo em vista que era um momento de muita tensão. O que deveria ser espaço de lazer, por muitas vezes se transformava no palco de violências de toda ordem. A Escola já havia tentado várias alternativas e movimentos para buscar mudar a lógica violenta de recreio e nada havia funcionado. O recreio era um espaço que eu frequentava diariamente, e o que mais me angustiava era perceber que as crianças não sabiam brincar.”

Ao escutar a professora Silvana, lembrei de Gilles Brougère, filósofo francês, que desenvolve pesquisas em torno do universo do brincar e como um dos maiores especialistas em brinquedos e jogos na atualidade, estuda a cultura lúdica da perspectiva da sociedade na qual a criança está inserida. Diz ele:

“É o contexto social que determina quais serão as brincadeiras escolhidas e o modo como elas serão realizadas. Os pequenos se baseiam na realidade imediata para criar um universo alternativo. Toda criança começa com uma referência a algo que existe de verdade. A brincadeira não é inata. Ela sempre é resultado de uma construção social. Brincar precisa ser aprendido.”(2009,p.56)

Mais adiante, Silvana, a professora do Brincar, coloca algo bem fundamental em relação à constituição da criança que não brinca ou não brinca por não saber brincar:

“Isso me preocupava como educadora, pois me perguntava que adulto iria emergir de uma criança que não brinca.”

Nesta direção, Brougère (2009, p.56) coloca que aprender a brincar para uma criança tem o valor do trabalho para um adulto. A partir do brincar todo um processo de socialização é construído, importando bases relacionais para toda a existência do sujeito. Evidencia que as regras do brincar vão conferindo uma

moral infantil que se desdobrará ,mais tarde, em atitudes éticas. Ele afirma que o sentimento de justiça e de partilha iniciam seus processos de formação no jogo, na brincadeira, no ato de brincar.

O Projeto foi ampliando-se. Os adolescentes foram sendo incluídos e os educandos da EJA também. Percebamos o sentido de inclusão deste Projeto pela fala de Silvana Bittencourt:

“Por outro lado, preocupava-me também com o adolescente que não brincou quando pequeno e que estava apresentando posturas desagregadoras. E além disso, como ter um olhar sensível sobre aqueles que estavam na EJA e que também mereciam um espaço de acolhimento e qualificação? Para os pequenos seria oferecido a oportunidade de operar dentro do lúdico por meio de jogos e brincadeiras, vislumbrando um mundo cheio de novas possibilidades e desafios construtivos. Aos adolescentes, principalmente aqueles com posturas mais destrutivas, a possibilidade de rever seus conceitos e posturas revisitando questões ligadas ao eu e o mundo dentro de um diálogo e um fazer permeados pela afetividade. Afetividade que afeta que transforma. E para a EJA a possibilidade de se reinventar e se tornar produtor de um fazer qualificado por meio de um curso de formação. O Projeto Brincar iria formar atendentes recreacionistas, através de um curso que seria ministrado pelos profissionais da escola com formação necessária e que estivessem interessados em participar, sendo que o estágio do curso seria no espaço do recreio. Para buscar conquistar colaboradores, forneceria certificados de palestrantes para os interessados em compartilhar o Projeto. Inicialmente, embora tivesse o respaldo de ter sido eleito o Projeto, não havia credibilidade quanto ao seu sucesso, pois eu iria trabalhar justamente com aqueles alunos que ninguém queria por perto, sendo que eles é que iriam tornar o recreio dos pequenos mais prazeroso. Parecia piada aos olhos de muitos, porém, já ao final do 1º ano eram visíveis as mudanças.

Todo o ato de conhecer gera mundos, afirma Morin(2004,p.69). Além de que, brincar, agora, seria um desafio, e no seu próprio ato um jogo a ser aprendido, também seria um espaço de apropriação de invenção, de imaginários, de criação. A partir da perspectiva de gerar espaços para si, espaços para os outros também começou a ser possível, o que Brougère afirma como a aprendizagem de ritos tradições e mecanismos de um pátio para jogar, de um espaço para jogar e de um companheiro para brincar. Isso constituiu o sentimento de que brincar é partilhar, é acolher, é incluir,é produzir cultura como “algo que se compartilha”.

Ao longo de sete anos, a Escola se reorganizou muito através do Brincar. Assim conta Silvana:

“O recreio baixou o índice de agressividade em 72% e as crianças estão mais tranquilas, os adolescentes participantes do curso mudaram suas posturas e melhoraram seu rendimento escolar, os alunos cursistas da EJA, além de obterem um princípio de qualificação profissional, resgataram a auto-estima, e vários colegas profissionais da Escola buscaram se engajar no projeto, no sentido de dar sua contribuição.”

Da perspectiva da Bioantropoética e da Autopoiese, o Projeto Brincar afina-se com seus princípios.

O Projeto Brincar elabora a capacidade Ética que pertence à linhagem humana, a partir da organização de coletivos que interagem solidariamente, por se desafiarem a enfrentar o processo de reflexão-ação-reflexão, de enfrentarem seus antagonismos compreensivamente e agirem amorosamente uns com os outros, reconstituindo a relação de convívio entre espécie, indivíduo e sociedade.

Elabora com os sujeitos suas potências, a partir da ação, do fazer, do agir, do planejar, do realizar, do constituir, do protagonizar. Reelabora a sua figura, o seu ser e reelabora o outro como igual ou como diferente. Nesse ver o outro como igual ou como diferente é que surge/ressurge a Ética, a qual Maturana e Varela chamam de Amor, sem medo de parecerem piegas, mas com toda assunção do compromisso científico que a Nova Ciência carrega.

“A esse ato de ampliar nosso domínio cognitivo reflexivo, que sempre implica uma experiência nova, podemos chegar pelo raciocínio ou, mais diretamente porque alguma circunstância nos leva a ver o outro como igual ou diferente, um ato que chamamos de Amor. Além do mais, tudo isso nos permite perceber que o Amor ou, se não quisermos usar uma palavra tão forte, a aceitação do outro junto a nós na convivência é o fundamento biológico do fenômeno social. Sem Amor, sem aceitação do outro junto a nós não há socialização, e sem esta não há humanidade.” (A Árvore do Conhecimento, p. 118, 2005)

Vejamos: sem a aceitação do outro junto a nós não há socialização, e sem essa não há humanidade. Tão forte a afirmação soa em nós pela sua própria verdade que podemos concluir que toda a exclusão, toda a indiferença, toda a forma de rejeição é falta de Amor. Todas as barbáries cometidas entre nós, sujeitos da mesma espécie, compartilhando a mesma História humana, o mesmo presente, o mesmo espaço-tempo é falta de Amor. É falta desta Ética que fundamenta o Amor. É falta desse Amor que fundamenta essa Ética que queremos também tratar nesse trabalho.

Tudo o que possa destruir o outro seja indiferença, competição, perseguição, posse impede o desenvolvimento deste fenômeno social. Impede, engessa, fragmenta, desintegra. Ao longo da nossa linha histórica da convivência humana temos centenas de exemplos em que este fenômeno social chamado Amor e dinamizado pela Ética esteve ameaçado, foi fracionado e até exterminado. Quantos crimes contra a Humanidade se deram porque no lugar do Amor e da Ética estiveram o Poder, com suas manifestações práticas de posse, competição e indiferença à humanidade do outro! Quantos sujeitos humanos já foram lesados em suas humanidades! Quantas comunidades sofreram e sofrem invasões culturais e desconstituição de suas dignidades! Temos retido em nossas memórias, de séculos passados ou do nosso próprio século, fatos que corromperam aquilo que, junto com Paulo Freire, podemos chamar de Ética Universal Humana.

Vivemos muitas crises éticas ao longo de nossa História. Esta crise planetária que ora vivemos também é uma crise de Ética. Portanto, é uma crise de falta de Amor. É uma crise que

prescinde da Natureza Humana. Nega a Cultura Humana. Nega nossa História de três bilhões de anos, como conversam conosco Maturana e Varela, na *Árvore do Conhecimento*:

“Descartar o Amor como fundamento biológico do social, bem como as implicações éticas dessa dinâmica, seria desconhecer tudo o que a nossa história de seres vivos de mais de três bilhões e meio de anos nos diz e nos legou. Não prestar atenção ao fato de que todo conhecer é um fazer, não perceber a identidade entre ação e conhecimento, não ver que todo ato humano, ao construir um mundo na linguagem, tem um caráter ético porque ocorre no domínio social – tudo isso é igual a não permitir-se ver que as maçãs caem para baixo. Somos humanos na dinâmica social.” (*A Árvore do Conhecimento*, p. 127, 2005)

O que temos, assim, de fato, é o mundo que criamos uns com os outros e que o Amor e a relação Ética que funda esse Amor é o que nos permite criar um mundo ou mundos em comum uns com os outros.

Mas se essa é uma reflexão científica, não bastará afirmar o que existe. É preciso conversarmos sobre o que gera o que existe (aquilo que Morin chama de “o conhecimento do conhecimento”). Por isso, todo meu encantamento com o diálogo entre Spinoza e Nietzsche, em que eles concordam que “o mais potente dos afetos” é o conhecimento. Ambos se debruçam sobre a gênese do conhecimento para nos legar que quanto mais conheço, mais me comprometo; quanto mais conheço, mais me aproprio da realidade; quanto mais conheço mais me responsabilizo em mudar, em interferir, em questionar, em fazer, em agir. Quando conheço mais, minha ação transcende. Foi nesse movimento de responsabilidade com um novo habitar humano que desejei conhecer melhor a Escola de Ensino Fundamental Amigos do Verde. E de todas as preciosidades que a Escola tem, a que me despertou maior reflexão foi a relação cuidadosa e amorosa das pessoas umas com as outras. Observemos a missão da Escola:

“A Escola Amigos do Verde tem como missão proporcionar a aprendizagem integral do indivíduo. Dentro de uma visão ecológica de sustentabilidade, acredita na interdependência de nossos atos humanos, comprometidos na formação em parceria com a comunidade Amigos do Verde. Acolher a diversidade é uma meta a que a Escola se propõe, respeitando as particularidades e a riqueza inerentes a cada um. Através de práticas ecológicas (auto(eco)conhecimento, agroecológicas, artísticas. . .) possibilita a expansão da consciência, contribuindo para o desenvolvimento de um ser mais criativo, reflexivo, autônomo e solidário. ”

É uma Escola com Educação infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental. Seus educadores tem como referencial teórico o Paradigma Ecológico. A Escola apoia-se nos estudos de Humberto Maturana, o qual, inclusive, já esteve na Escola, desenvolvendo formações com os professores. Apoiam-se também em Morin e Capra .

Tanto nos encontros dos Grupos Focais, quanto nas salas de aulas em plenas atividades, quanto nos encontros informais, quanto nos encontros e atividades de pátio, observei o quanto a Escola preserva e cuida do potencial humano com significativo diferencial. Dirá Maturana: “muito pela Autopoiese, a contínua produção de si próprio” (p. 66, 2009).

A Escola trabalha na perspectiva da Visão Ecológica, desenvolvendo toda sua prática pedagógica voltada para o cuidado ético consigo, com os outros, com o meio ambiente, com o planeta. As crianças são estimuladas a estabelecer conversações, negociar, constituir senso de justiça, equilíbrio. Desenvolvem atividades de relação direta com a natureza, cuidando de animais criados na própria escola em ambientes livres e cuidados pelas crianças, composteiras são construídas e acompanhadas, hortaliças são plantadas e colhidas, os espaços de alimentação se dão debaixo das árvores em rodas de partilhas amorosas.

A Escola preocupa-se muito em trabalhar com as potências das crianças e com suas demandas. As crianças aprendem o que tem necessidade de aprender. A todo conflito estabelecido em sala de aula, as crianças são convidadas a desenvolver a reflexão sobre aquele ato praticado, naturalmente. Vivem e vivenciam experiências artísticas e jogos que trabalham a sensibilidade e as emoções.

Os professores são muito preparados para captar os movimentos mais sensíveis e explorá-los, no sentido de ensinagem mesmo de que cada criança possa ir mapeando o mundo sensível, as relações fraternas, o olhar cuidadoso em relação a todo tipo de sentimento que as pessoas estejam experimentando.

Uma das atividades de rotina da Escola é a Harmonização. As crianças de todas as turmas se reúnem no pátio, numa grande roda, e desenvolvem dinâmicas mais sensíveis e espiritualizadas, onde experimentam a alegria de estar com o outro, de tocar no outro, de perceber o outro de forma mais suave. Após observar uma destas rodas, senti-me muito emocionada. Ver crianças de 2 anos com crianças de sete, oito anos estabelecendo movimentos afetivos, de relação, de conversação, de emoção, me encantou. Ali, não existiam turmas separadas, criança deste ou daquele professor. Ali, existia uma comunidade de aprendizes de amorosidade. Quando conheci a “Harmonização” deles, desejei apenas ficar olhando para ver o movimento na inteireza. Mas eles estavam preocupados comigo, e me chamavam para a roda, insistentemente. Estavam preocupados com a minha “solidão”. Até que uma pequena de não mais de três anos, ao passar por mim, esticou a mão. Portavoz do grupo, inseria-me no processo. Assim como esta, vivi muitas atividades que enriqueceram meu movimento de pesquisadora. Em nenhum momento encontrei experiências pedagógicas empobrecidas pela repetição ou reprodução. Em todos os espaços que andei, muito livremente, as propostas foram sempre extremamente desafiadoras, criativas, dialógicas e emocionantes. As

propostas tinham um teor de Alegria Cultural, lembrando Snyders. Uma alegria fundante do desejo de responder aos desafios, de inventar e criar. Esta Alegria Cultural existindo conscientemente para todos eles, com espaços inúmeros de vivência da Dialogicidade e da Emoção.

Se são as emoções que fundam todos os espaços das ações humanas, então nos espaços das relações humanas é preciso olhar, com cuidado, as emoções. Elas se tramam e tecem o tecido social da convivência. Os espaços sociais surgem sob a Emoção de aceitação do outro, sob o Amor. O Conversar e o Emocionar são fundantes. E a cada vez que isso acaba, acaba a dinâmica social.

Na Amigos do Verde, o Conversar e o Emocionar são basilares. Toda a Escola está na mesma sintonia: A Escola conversa muito e se emociona muito. Os professores constituem um ambiente de conversação permanente, seja para desenvolver os conhecimentos daquele dia, seja para explicar os processos, para justificar frente à questões levantadas, seja para elaborar conflitos. Mas o marcante é que lá, realmente o professor é o mediador. Ele não ritmiza a conversação por ser o mediador ou segundo seu desejo ou organização. A Conversação é um valor para aquela Escola. Portanto, toda a conversação é constituída naturalmente. As conversações são construídas por todos, sem tempos definidos, ou horas, ou espaços. A conversação existe. Por necessidade humana e ponto.

Nos espaços sociais se formam as Redes de Conversações – redes de coordenações de ações e de emoções, como ensina Maturana. Nessas redes, tudo o que fazemos parte das emoções e tudo o que é conduta racional passa pelo campo de significação – o espaço que produz sentidos e significados.

Quando perguntados sobre como a Ética da Vida vai se concretizando no trabalho e construindo campos de sentidos e significados aos professores desta Escola, um deles foi assim me respondendo:

“A reflexão gera um aprendizado ímpar. É algo que fica meio tatuado em ti, para sempre. As questões de minha área, Biologia, são também de Filosofia, e vice-versa. No nosso trabalho é assim. Volta e meia, a gente tem que conversar se dá para cortar aquela árvore, ou se tu estás capinando e passa uma minhoca, e não dá para matar a minhoca, e a gente já faz uma roda e sai uma conversa que esclarece melhor. . . vai vendo junto qual a melhor solução. Uma verdade existe: tu levas para qualquer lugar aquilo que tu constrói de ético. E aí, já nada mais se separa.”

Se o sujeito está mergulhado num processo neutro em relação a tudo o que se passa ao seu redor, dificilmente reterá as informações tratadas neste espaço. É preciso que estas informações se transformem em uma experiência pessoal, ou seja, que se comuniquem com seu campo de significação. Assim, a Emoção interagirá com o Desejo que interagirá com as Percepções que

interagirão com a Atenção que interagirão com a Motivação que interagirão com os Pensamentos, os Sentimentos e as Ações. Claro que nada disso de forma linear, mas entrelaçados e desordenados.

Emoção e Desejo dão sentidos às nossas vidas e determinam nossos sentimentos e nossas ações. Somos todos seres desejantes. Não apenas desejamos mas desejamos ser desejados por outros. Como essência dos seres humanos, é o Desejo que convive com a Vontade, com os motivos interiores e os fins exteriores da ação concreta. Consciência de Si, Desejo e Vontade formam parte da vida ética e do movimento e dinâmica da vida humana.

O Desejo nos habita. Ele mora nos múltiplos lugares dos nossos múltiplos corpos: corpos dos pensamentos, corpos das memórias, corpos de sonhos, corpos de silêncio, corpos de louvores, corpos emocionais, corpos de pulsões. . . E, nessa Rede de Conversações, na qual o sujeito se movimenta pela Emoção e o Desejo um processo de Auto-Regulação, Auto-Produção, Auto-Manutenção da Vida se desdobra e se concretiza: A Autopoiese.

“Como seres vivos, existimos na contínua produção de nós mesmos e contínua construção do nosso viver. Nestas construções, o viver nos acontece e acontecem nossas emoções. Eclodem classes de conduta relacionadas: Ternura, Colaboração, Amor, Agressão. Tudo se dá em rede de conversações, em que os fazeres e as emoções se entrelaçam. Portanto, geramos os mundos que vivemos com Redes de Conversações.” (Maturana e Varela, p. 73, 2005)

Essas Redes de Conversações geram o Habitar. Tudo definido pela Emoção. Quanto mais distintas forem as Emoções, mais distintos os Habitares. Podemos gerar um Habitar amoroso ou destrutivo, dependendo das aberturas às conversações reflexivas. Quanto maior abertura, mais vejo e escuto, mais sou visto e escutado pelo outro. Quanto mais vistos e escutados, mais “pessoa” nos tornamos. Quanto mais “pessoa” nos tornamos, mais nossas inteligências e criatividade se expandem, mais nos auto-produzimos, mais produzimos com o mundo, mais criadores de mundo ficamos.

Autopoiese ainda é um termo pouco conhecido em Educação, considero. Humberto Mariotti traz sua contribuição em um texto chamado Cultura e Sociedade. Neste texto, ele trata sobre a Autopoiese para discutir as tramas sociais, e traz uma definição clara da introdução deste termo na Literatura.

Poiesis é um termo grego que significa produção. Autopoiese quer dizer autoprodução. A palavra surgiu pela primeira vez na literatura internacional em 1974, num artigo publicado por Varela, Maturana e Uribe, para definir os seres vivos como sistemas que produzem continuamente a si mesmos. Esses sistemas são autopoieticos por definição, porque recompõem continuamente os seus componentes desgastados. Pode-se concluir, portanto, que um sistema autopoietico é ao mesmo tempo produtor e produto. Para Maturana, o termo "autopoiese" traduz o que ele chamou de "centro da dinâmica constitutiva dos seres vivos". Para exercê-la de modo autônomo, eles precisam recorrer a

recursos do meio ambiente. Em outros termos, são ao mesmo tempo autônomos e dependentes (2005).

O processo autopoiético, atravessado e contaminado pelas estruturas dissipativas, as quais como sistemas dinâmicos estão sempre sujeitos a transformações – ordena, desordena, auto-organiza, vira caos, interage, reordena. . . Nesse processo, é preciso ter abertura estrutural em relação ao ambiente externo para que surja contínuo fluxo nutridor. Maturana e Morin se encontram por aqui também, assegurando que é por meio desses fluxos de energia, matéria ou de informação que os sistemas vivos realizam as trocas com o meio ambiente e mantêm o seu equilíbrio e sua identidade organizados. São os Circuitos da Vida ou a Teia da Vida se manifestando.

Essa reorganização, essa auto -produção precisa existir para que o sistema vivo possa continuar vivendo. Assim, é da natureza humana a capacidade de se auto-organizar. Todos os organismos possuem a capacidade de auto-organização. É claro que essa reorganização está exposta a reações internas e externas, interferências do meio, alterações inesperadas e provocadas pelo ambiente, intercâmbios e trocas permanentes.

Quando os professores falaram de suas dificuldades e interferências do meio para concretizar um trabalho voltado para a construção da Ética, estas alterações provocadas pelo ambiente,colocando os objetivos das propostas sujeitos à reorganizações ficaram evidentes. Constatamos pela fala ,a seguir, da Coordenadora do Projeto Brincar e de uma das professoras de Formação no Projeto:

“ No início, a maior dificuldade estava nos diferentes olhares que perpassam diariamente o ambiente escolar. Refiro-me tanto no sentido do ambiente profissional quanto na cultura emergente do contexto. Se por um lado sempre estive compartilhando com profissionais de excelente qualificação teórica, por outro, isso não era garantia que esses trouxessem para prática suas teorias. Além disso, enxergar o ser humano na sua essência é ir além da sua aparência, é mergulhar na sua alma, buscando decifrá-lo. Essa tarefa, às vezes, esbarra na miopia pedagógica que distorce ou quase aniquila um trabalho. Ainda existe o entrave da cultura local com peculiaridades de carências em todos os sentidos e a viol~encia como caminho para resolução de problemas. Isto faz com que o ato educativo seja um desafio diário.”

“As dificuldades surgem quando entra o adulto com a censura, com a falta de olhar, de discriminação. Percebo, aí, a necessidade do meu trabalho em fazer a mediação para que a criança tenha seu espaço respeitado.”

A Coordenadora do Projeto Brincar conta como consegue lidar com as dificuldades que vão surgindo e de como ela entende que isto faz parte do processo de construção das pessoas.

“Sempre busco lidar com o otimismo frente as adversidades. Hoje, muitas coisas mudaram. Os olhares já estão mais sensíveis e o ato pedagógico mais verdadeiro. O trabalho que desenvolvo e compartilho vem sendo construído em bases valorativas, nas quais acredito e imprimo ao meu fazer diário. Como o Projeto Brincar é um espaço de inclusão, reflexão, construção e desconstrução, as ações e os sentimentos vão sendo repensados, transformados, incorporados.”

O processo autopoietico por ser, ao mesmo tempo, dependente e autônomo, cria um pensamento paradoxal, em que a visão sistêmica acolhe, mas que o pensamento linear refuta, pois sua lógica binária não permite essa condição sistêmica de relação, de comunicação, de complexidade.

Os sistemas poieticos são ao mesmo tempo produtores e produto. Portanto, podemos dizer que eles funcionam numa circularidade produtiva.

Segundo Maturana e Varela, os seres vivos são determinados por sua estrutura. O que nos acontece num determinado instante depende de nossa estrutura nesse instante. A esse conceito, eles chamam de determinismo estrutural. A estrutura de um sistema é a maneira como seus componentes interconectados interagem sem que mude a organização. Vejamos um exemplo simples, referente a um sistema não-vivo — uma mesa. Ela pode ter seus pés encurtados, alongados ou reposicionados e seu tampo mudado de retangular para circular, sem que isso interfira na sua configuração. O sistema continuará sendo identificado como mesa (isto é, manterá a sua organização), apesar dessas modificações estruturais. No entanto, se desarticularmos os pés e o tampo e os afastarmos, o sistema se desorganizará e deixará de ser uma mesa. Dizemos então que ele se extinguiu. Da mesma forma, num sistema vivo a estrutura muda o tempo todo, o que mostra que ele se adapta às modificações do ambiente, que também são contínuas. Mas a perda da organização (a desarticulação) causaria a sua morte (2005,p.131)

Assim, vejamos como se dá essa organização:

A organização é a determinante de definição e a estrutura a determinante operacional. A primeira identifica o sistema, diz como ele está configurado. A segunda mostra como as partes interagem para que ele funcione. O momento em que um sistema se desorganiza é o limite de sua tolerância às mudanças estruturais. O fato de os sistemas vivos estarem submetidos ao determinismo estrutural não significa que eles sejam previsíveis. Em outras palavras, eles são determinados, mas isso não quer dizer que sejam predeterminados. Com efeito, se sua estrutura muda constantemente e em congruência com as modificações aleatórias do meio, não é possível falar em predeterminação e sim em circularidade. Para evitar dúvidas sobre esse ponto, basta ter sempre em mente este detalhe: aquilo que acontece em um sistema num dado momento depende de sua estrutura nesse momento (2005, p.132).

Nos Grupos Focais da Amigos do Verde, a constituição do conversar, negociar e mediar conflitos aparece muito na essência dos fazeres dos professores como movimento autopoietico.

“Porque é nisso que a gente acredita. Quando duas crianças tem um desentendimento, não deixamos cada um para um lado. A gente senta, todo mundo junto, cada um conta a sua versão; na grande maioria das vezes a gente funciona como mediador; as crianças maiores já se resolvem, já encaminham as negociações e, se preciso, elas mesmas propõem a roda...”

Tanto para Maturana como para Morin o mundo em que vivemos é construído a partir de nossas percepções. E as estruturas com que contamos basificam estas percepções. O mundo em que

vivemos é a nossa visão de mundo. E o mundo em que vivemos foi e é construído por nós. Nesse sentido, Silvana, a professora Coordenadora do Projeto Brincar coloca:

“O Projeto Brincar é uma ação junto aos movimentos do mundo. Nele, reelaboramos o mundo. Reelaboramos a vida, em busca de uma cultura de Paz. Todos que por ele passam, se modificam e ensinam muito sobre o poder que o ser humano tem de se reinventar através do outro.”

Um outro conceito importante para estudarmos aqui é o acoplamento estrutural. O sistema vivo e o meio mudam o tempo todo. Maturana dá o exemplo do pé que está sempre se ajustando ao sapato e vice-versa. Ambos se alteram numa reação circular. A isto eles deram o nome de acoplamento estrutural. Um sistema pode influenciar o outro e durante a influência, o influenciado passa por uma mudança. Ele replica. O outro também se altera. Nesta relação, ambos informam um ao outro as alterações. Um diálogo se interpõe. Uma conversação se estrutura. Neste diálogo entre os sistemas naturais, há colaboração.

“Em nossas convivências, existem regras. As regras não tem sentido de imposições. São combinações que faam sentido para a nossa convivência daquele ano, com aquela turma, com aquelas pessoas. E a autonomia se constitui muito também pelas regras claras. Por exemplo, quando a gente está na roda, não dá para pegar brinquedos. Porque chegamos à conclusão de que aquilo atrapalha a roda, o coletivo. Eles mesmos se chamam atenção. Um aluno novo que entrou levanta a mão para falar. Para nós, na Escola, não existe isso de levantar a mão. Fala-se e pronto. Eles questionaram o amigo de levantar a mão. O amigo respondeu que era para ter a sua vez de falar. Então, eles explicaram ao amigo que para falar não precisa levantar o braço, mas esperar que dê um tempinho, um intervalo entre falas e daí, pode falar. Só não pode é falar junto com o outro, pois daí não vai escutar o que ele diz, e isso não é legal. Todas estas vivências são experiências éticas. A ética é aquilo que está sempre permeando a Vida. Vida e ética se misturam, se mesclam. Um ainterfere na outra e vive na outra. Uma modifica a outra.”

Quando a Cultura se junta à Natureza, a paisagem é outra. A produção cultural está condicionada aos sistemas de poder e de capital. Conforme o domínio de determinada cultura serão os condicionamentos colocados. Nesse sentido, a cultura pode produzir sujeitos alienados, assujeitados. Alguns professores contam as dificuldades que encontram para acoplarem suas maneiras de pensar a Educação em bases éticas em outros espaços de trabalho que se mostram culturalmente engessados pelo poder e moral.

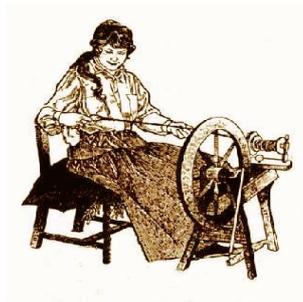
“Eu e mais algumas colegas trabalhamos em outras escolas. . . como é chocante dar aulas em outras escolas, mais convencionais e dar aulas aqui. . . te dá um desgosto na Vida!!!Como podem se estabelecer relações assim,entre as pessoas,sem falar nas questões alimentar, ética,ambiental. . . essa proposta sistêmica te prende aqui na Escola. O que a gente idealiza aqui com as crianças vai de encontro à sociedade de consumo, à sociedade do capital, não é bem-quisto. De certa forma, a Escola convencional é uma grande maravilha para o sistema, para esta sociedade de consumo. . .”

Humberto Mariotti lembra do psicanalista Félix Guattari que chama isso de produção de subjetividade. Ele quer discutir conosco a idéia de uma subjetividade industrial, fabricada, moldada pelo capitalismo.

Trata-se da introdução de gigantescos sistemas de formatação e condicionamento, por meio dos quais o capital (hoje em sua fase de triunfalismo neoliberal) constrói e mantém o seu imenso mercado de poder. É disso mesmo que se trata: transformar artificialmente em sujeito um sujeito natural. Ou seja, implantar e levar adiante a violência sobre a característica mais básica dos sistemas vivos – a autopoiese . (MARIOTTI,2005)

A presença destes elementos sociais, gerados por interesse econômicos se interpenetram em nossos viveres, e todos são fundamentais de serem percebidos exatamente porque estamos discutindo o Habitar Humano, o Viver Ético considerando Natureza e Cultura.

4.4 MAIS UMA TECELÃ PARA ESSA TRAMA: XIMENA YÃNÉZ



O HABITAR HUMANO

Constituindo esses entrelaces que estão me auxiliando a compor as identidades entre estes autores, bem como a sustentação teórica desta pesquisa, desejo trazer a figura de Ximena Yãnez, pesquisadora do Laboratório Matríztica, no Chile, aliada a de Maturana. Ambos estão desejando conversar conosco sobre o Habitar Humano. Essa é uma discussão profunda, mas sem densidades, já que trata de algo bem conhecido por todos nós que é o Viver Humano envolto na Ética da Vida.

Ao nos responsabilizar pelo mundo que estamos produzindo, estes autores desejam criar um espaço daquilo que chamam de “conversar liberador”. Transitaremos justamente por uma das essências desta pesquisa que é o Habitar biológico-cultural, em que procuraremos reconsiderar a compreensão do viver humano assumindo a consciência ética .

Gosto de ler o que eles escrevem sobre a Antroposfera. Vivemos na Biosfera. Mas Maturana e Ximena nos encaminham para pensar a Antroposfera - aqueles habitares que inclui tudo o que pensamos, sentimos e agimos.

“Entendemos por Antroposfera o âmbito de coerências ecológicas onde se realiza e se cria o humano, que surge com o viver humano como um modo humano de estar inserido na biosfera e ser parte dela. Tudo o que constitui nosso viver humano (desde nosso operar biológico natural até as maiores fantasias de nossos artificios criativos) é parte da Antroposfera e, como tal, é parte da biosfera, assim como é o modo de viver de qualquer ser vivo”. (Maturana e Yáñez, 2009, p. 49.)

Nessa Antroposfera, para Maturana e Ximena vivemos num presente cambiante contínuo em que o passado e o futuro são “modos de viver o contínuo presente cambiante que vivemos”. O passado é o contínuo surgir do presente e o futuro é o nosso modo de viver o presente que vivemos, imaginando sua contínua transformação. Essa conservação do viver é o fundamento de todo o possível nos seres vivos, explicam eles ao afirmar que de um modo particular de Habitar do ser vivo como organismo no suceder das gerações constitui e realiza a identidade desse viver como uma classe particular de existência. E, se isto deixa de ocorrer, esses entrelaces de fluência de sentires íntimos e de coordenações de fazeres, o ser vivo morre e o modo de viver desaparece.

Maturana pergunta: O que aconteceu com o fluir dos sentires em nossa história?

Somos Natureza. Sempre soubemos disso. Mas não queremos ser Natureza, porque existe o sentimento forte de querer dominá-la. Vimos a Natureza fora de nós e por isso, a desrespeitamos. Em nossas mentes, deixamos de sê-la para nos apossarmos, para dominá-la. A fragmentação analítica da unidade sistêmica que originam dores e sofrimentos em nossos existires pode desaparecer, se quisermos assim porque habitamos uma trama de sentires entrelaçados, relacionais e operacionais que se postam no linguajar e no emocionar – no conversar humano consciente ou inconsciente. Nossos habitares são multidimensionais.

Na Epigênese histórica-operacional das diferentes eras psíquicas da humanidade, conservamos desejos, sonhos, gostos, preferências, os quais tem estado vivos no habitar do presente que se vive. A dinâmica histórica da transformação da psique humana em todas as suas fases conserva o sentido do humano e a sua pertença na Biosfera. Ainda existe a dinâmica-recursiva a qual a sabedoria acumulada, a maturidade das vivências ampliam e influenciam a próxima geração, o qual podendo ocasionar a ampliação da consciência sistêmica e da sistêmica-recursiva. Assim, o ser humano é um ser vivo que pode reflexionar sobre o seu próprio modo de vida e reflexionar sobre os mundos que são gerados por esses viveres.

Desde a Era Psíquica Arcaica onde a família ancestral surge de forma espontânea e assim surgem o languagear, o conversar e o emocionar, os seres humanos vivem em Redes de Conversações que se culminam por um conviver e um amar. As famílias de primatas-bípedes já viveram uma convivência espontânea de Homo Sapiens Amans Amans, embora a explicação seria a “vida pelo reino de Deus”. Novos viveres psíquicos geram novos viveres relacionais e novos pensares e novas conversações.

A Era Psíquica Matrística centrada na maternidade do cosmos que acolhe e nutre organiza-se em grupos pequenos que colaboram e compartilham, unidos pela sensualidade e sexualidade como bem-estar que surge em sintonia com um mundo natural. A colaboração experimentada no plantio e na colheita dos alimentos, no cuidado com as crianças, nos feitos dos instrumentos, nas relações amáveis com o sol, a lua, o céu, o rio, as árvores – um modo de viver cultural-se conserva e constitui o fluir da vida humana, mediados pelo bem-estar de viver em companhia, em grupo. Entretanto, quando as diferenças começam a ser discriminadas e passam a sofrer preconceitos, esta cultura matrística do acolhimento e da nutrição afetiva passa a ser desfigurada por uma era psíquica de poder.

A Era Psíquica de Apoderamento surge na perda da confiança, explicam melhor Maturana e Ximena. Expande-se o desejo de apoderamento de tudo, de acumular e de possuir tudo sem se importar com o outro. Amplia-se o poder de manipulação e controle do mundo que dá origem a uma linhagem humana em que a emoção que guia o conviver é a agressão e que se dá em redes de conversações de dominação, de servilismo e subjugação. Essa linhagem biológico-cultural surge e se conserva sob a forma de sociedades imperiais e escravistas, afirmam esses autores.

Já na Era Psíquica Moderna a dinâmica emocional fundamental é o domínio da autoridade e alienação no poder, que se instala na obediência do outro, na imposição do saber, posse de verdades únicas, lutas de verdades, posse da razão. Nesse jeito de viver pouco se compreende. Nessa era, o amor não surge espontaneamente, porque é sufocado por relações imperiosas da razão.

Segundo Maturana e Ximena, a Era Psíquica Pós-Moderna traz a dominação da ciência e da tecnologia, as alienações ideológicas, os homens semi-deuses, uma cegueira intencional frente à dor. Cegueira intencional porque não quer ver a sistêmica-recursiva da existência do viver humano na Biosfera e na Antroposfera. Ver implica a responsabilidade ética da transformação. Nesse caso, é melhor não ver. Em um dos grupos focais, um diálogo de desabafo neste sentido .

“Queria dar um exemplo. Iniciei numa quarta série em outra Escola, e quando estávamos, um certo dia, discutindo sobre a vida, perguntei às crianças, numa dinâmica, como seria se não existisse o ser humano. As crianças, em maioria, responderam que não teria Vida. Aquilo me chocou. Fico pensando no grupo 2, daqui da Escola, pequenos de três anos. Eles olham uma formiga, uma minhoca, uma folha de árvore com respeito e carinho. É um trabalho que a gente começa desde o grupo 1 com respeito à Vida e nós,

como parte da natureza. Em outros espaços, a gente vê como é difícil esta conscientização.”

“Mesmo nosso Projeto Escolar ter todo este diferencial, nem tudo são flores . . . isso é importante dizer” . . .

“É, a criança que está aqui está construindo pensamentos de respeito à Vida. Mas, às vezes, o pai que coloca esta criança aqui não pensa desta forma. É uma coisa complicada, porque tem que se submeter ao jogo. Às vezes, os pais colocam seus filhos aqui porque tem um espaço legal para os seus filhos conviverem, mas ele, em casa, não vive essas práticas. Mas, por outro lado, o filho chega em casa e ensina à família. . . Parece que todo mundo que está aqui, incluindo as famílias, são pessoas que agem desta forma. . . nem todos. Por que será que colocam os filhos aqui? Fico pensando. . . .”

“Alguns pais acham que a criança precisa aprender a se defender, numa briga, por exemplo. Ela vai aprender a se defender, brigando? Pode se defender, argumentando. E isso precisa ser mostrado a ela – essa possibilidade de superação. ”

Estamos todos precisando superar a cultura de individualização e de competição que nós mesmos criamos. Maturana e Ximena Yñez apresentam-nos a Era Psíquica Pós-Pós-Moderna. Nesta era a reflexão e a ação ética surgem como possibilidades para esta superação. Talvez nossa grande oportunidade.

“Desejamos soltar nossas certezas e nos orientar para a reflexão e ação ética consciente em nosso viver e conviver na antroposfera. Vemos e sentimos a dor e o sofrimento gerados, nossa sensorialidade íntima se amplia. O fim da era pós-moderna ocorre ao se iniciar a Era pós-pós-moderna com nosso perceber e aceitar a responsabilidade de saber que somos nós mesmos que, com nossas cegueiras éticas e ecológicas, somos criadores tanto do mal-estar de nosso viver cotidiano como do dano que geramos na antroposfera e na biosfera com o que fazemos, destruindo ao mesmo tempo nossa própria possibilidade de existência.”(MATURANA E YÑEZ, p. 69, 2009)

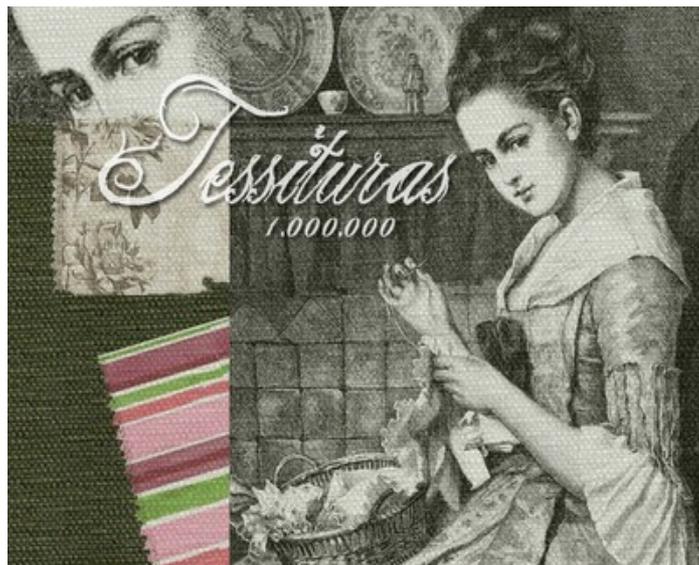
Sabemos que esta é uma era que, em seu tempo de existência, existe a dependência de nós. Dependerá de nossas consciências e compreensões. Dependerá de nossas atitudes conscientes e de nossos fazeres éticos para afirmarmos essa era como um tempo que desejamos constituir e conservar. Precisaremos estar atentos sempre, ampliando nossas consciências de que “somos nós mesmos que geramos dores e sofrimentos como as alegrias e os prazeres que vivemos na antroposfera e na biosfera”, segundo Yñez. Tem sido através dessa dor e sofrimento que temos ampliado nossas consciências e percebido que não queremos perder nossas capacidades reflexivas e nossas responsabilidades que precisamos ter em nossos viveres. Os fundamentos psíquicos do nosso viver estão no Amar e na realização cotidiana de nosso conviver como seres primariamente amorosos desde o início de nossa linhagem na conservação de uma geração a outra de nosso viver e conviver biológico-cultural Homo Sapiens Amans-Amans, afirma Maturana.

Se conseguirmos centrar em um conviver ético, que nos impulse para o reencontro com os fundamentos psíquicos-biológicos-culturais de nosso existir humano amoroso, estaremos “retornando às fontes cósmicas”, como coloca Morin (2007,p. 36):

“Todo ato ético, vale repetir, é, na realidade, um ato de religação, com o outro, com os seus, com a comunidade, com a humanidade e, em última instância, inserção na religação cósmica – retorno às fontes cósmicas.”

Retorno às fontes cósmicas para Morin e retorno à boa-terra para Maturana e Ximena:

“A Matriz Biológico-Cultural que gera, realiza e conserva o humano em seu existir gerador do cosmos em que nós, seres humanos, vivemos e convivemos como o âmbito operacional-relacional em que se dá nosso presente em contínua mudança é contraditória com o operar da liderança em sua subordinação à busca da eficiência e do sucesso como valores em si. O fim da liderança possessiva abre caminho para o ressurgir do bem-estar-psíquico-corporal-operacional-relacional da confiança na honestidade como fundamento ético do conviver na psique da pós-pós-modernidade. Abre espaço ao ressurgimento da responsabilidade desejável e desejada, à criatividade espontânea e geradora de mundos e ao surgimento de um viver autônomo no respeito por si mesmo e pelos outros, de onde se possa gerar o espaço de boa terra em que é possível que frutifique a reflexão e ação-ética em todas as dimensões do viver e do conviver”. (MATURANA E YĂÑÉZ, p. 87, 2009)



4.5 PELOS FIOS DA BIOLOGIA DO AMOR: HOMO-SAPIENS-AMANS-ETHICUS

Somos seres primariamente amorosos e éticos. Somos natureza. Somos cultura. Sempre habitamos a era que vivemos. Podemos orientar este habitar. “Se quisermos, poderemos viver o início de uma nova linhagem humana: Homo-Sapiens-Amans-Ethicus”, lembra Maturana (p. 88, 2009).

Nesse sentido, dá para começarmos pelo abandono às razões absolutas, que sempre negam a reflexão e a liberdade de pensar. Isso abre espaços para novos pensares, para a abertura de novas

dimensões psíquicas, para novas possibilidades de pensar, sentir e fazer. Também amplia a consciência de que o fundamento de nosso viver ético é o fundamento biológico-cultural de nosso ser e vice-versa e que novos sentires íntimos vão surgir dessa nova compreensão.

Assim, com tamanho entusiasmo por estes estudos em Morin, o qual propõe as relações e a reflexão mais profunda sobre a Vida e em Maturana e Yñez por nos desafiar um Habitar mais Humano pelos fios da Biologia do Amar, busquei pesquisar algumas experiências que vem se orientando por estas tramas .

Os Projetos que me propôs a investigar são práticas pedagógicas que pensam, sim, a Ética da Vida com crianças, jovens e educadores numa perspectiva duradoura; essa busca implicou em pensar as concepções que orientam a existência destes educadores que as fizeram optar por exercícios vivos éticos – visões de mundo que os guiam para escolher trabalhar e produzir numa lógica de Bem-Viver e Bem-produzir, constituindo, assim, novos viveres .

Quando me dirigi para as conversações de um segundo entrelaçamento, que desejava abordar a Ética da Vida dos professores envolvidos e das suas maneiras éticas de conduzir suas vidas profissionais com suas propostas pedagógicas, me peguei refletindo sobre as suas reflexões de maneira mais demorada, também. A formação ética desses profissionais entrevistados, a sensibilidade com que percebem o mundo e o compromisso com que assumem seus trabalhos me pôs a refletir sobre as condições estruturantes que se fazem necessárias para que uma verdadeira formação humana se dê nos espaços escolares. Está no/em jogo as condições humanas com que o menino traz, do bojo da sua espécie e da sua individuação e das trocas cambiantes com a sua comunidade. Está no/em jogo a proposta dessa Escola em que o menino vai habitar. Está no/em jogo a ensinagem e a aprendizagem. Está em/no jogo o educador com que ele vai se relacionar. Está em jogo e no jogo a formação desse educador, a qualidade dessa formação em relação à busca da inteireza humana, da sensibilidade, da solidariedade e do viver colaborativo. Está no jogo e em jogo as concepções que este educador constituiu na sua formação, a qual também obteve pelos câmbios entre espécie, indivíduo e sociedade.

Ao entrevistar esses educadores, a preocupação de socializar tudo o que vamos desvelando vai aumentando. Preocupação-compromisso. Debrucemo-nos nas falas abaixo e permitamo-nos refletir demoradamente sobre cada uma delas. Retomemos: as questões são sobre a Ética da Vida deles se expandindo em suas Práticas Pedagógicas.

“Li há pouco que “somos todos um monte de poeira de milhares de átomos.” Isso me levou a uma longa reflexão sobre nós. Reflito sempre. Esta é uma das práticas que aprendi e trago para o centro do meu trabalho. Minha prática pedagógica se dá baseada na reflexão, todos os dias.”

“Penso que o que mais trago para dentro das minhas práticas pedagógicas é a escuta dos meus alunos com muita qualidade. O respeito ao que ouço e o que posso devolver a ele, depois de conhecer suas necessidades. Incentivo muito cada um a encontrar o melhor jeito de estar aqui e agora, nesta vida, em busca do melhor.”

“No meu fazer está embutido o que acredito para o ser humano. Sabedora do potencial humano é que busco, por meio da ação-reflexão-ação, emergir nos educandos o que há de melhor em cada um deles, mostrando-lhes que são capazes de serem admirados pelo afeto e não pela força. E que esta força está na palavra, onde conquistará o respeito, e deste modo, poderá ser um agente de Paz. Busco, diariamente, reconstituir a Ética nas relações humanas e, sinto-me gratificada, pois, humildemente, posso dizer que já devolvi algumas estrelas ao mar.”

“Um dia recebi notícias de uma aluna que mandou um recado : “Avisa a professora que ela tinha razão-que tudo que se sonha, com batalha se alcança. Avisa que estou indo para a Faculdade”. Ou outro aluno que teve droga colocada na sua mochila pela Brigada e pediu meu depoimento frente ao juiz, pois alguém precisava apostar nele. O brigadiano retomou, mandando-me o recado de que não precisaria depor.

“Todos os dias consigo presenciar mudanças nas crianças. E isso me anima muito e me coloca um sentimento de responsabilidade muito grande com a vida como um todo. As aulas fluem.”

“Tento ser o mais coerente possível. Minhas práticas trazem reflexões,problematizações, reforçando o sentimento de prender a pensar na Vida como um todo.”

“Minhas práticas são abertas. A minha capacidade de me adaptar e aprender com as dificuldades me ajudam muito. Procuro sempre perceber o que estou/estamos aprendendo.

As falas acima pertencem às duas Propostas Pedagógicas pesquisadas. Embora em realidades muito distintas, os educadores trazem pensamentos que se assemelham pelos princípios e valores colocados.

Entre os laços e os nós e as tramas e os recortes entre Morin, Maturana e Yññez, busco me apoiar justamente na dimensão ética da prática pedagógica. Imprescindível que essa dimensão esteja aqui,nas iluminuras deste estudo,questionando e comprometendo politicamente a feitura deste viver humano, do qual somos todos responsáveis como educadores.

Paulo Freire ,inesquecível educador, em *Pedagogia da Autonomia* (1996, p.32), diz sentir-se absolutamente convencido da natureza ética da prática educativa, enquanto prática especificamente humana. Coloca não ser possível assumirmo-nos como sujeitos da decisão, da ruptura, da opção, como sujeitos históricos, transformadores, a não ser assumindo-nos como sujeitos éticos.

Se somos educadores comprometidos com os nossos educandos de uma forma que ultrapasse o “ensinar” e o “aprender”, mas que transcenda à formação de valores duradouros nas suas vidas, imprescindível em nós é este “estado ético permanente” como lembra Paulo Freire.

A natureza ética está na prática educativa. Mas nem toda a prática educativa se consolida ética. Esta é uma construção cultural que caminha junto com o sujeito educador, no percurso de sua formação, a qual não se finaliza.

É no campo dos viveres, das existências cotidianas, das conversações e das dialogicidades que se inscreve a imprescindibilidade da ética.

Quando estamos conscientes, percebemos a responsabilidade ética existente em nossa dinâmica de viver. Se não estamos conscientes, vivemos sem pensar que a ética seja imprescindível. Não sentiremos falta da ética. Nem desconfiaremos que a sua ausência debilita a sistêmica do viver e do conviver. É o nível de consciência que nos traz a devida dimensão da representação ética no viver do mundo. É a consciência que nos hominiza e humaniza. E é neste processo que a ética se torna imperativa. Ela regula as convivências, organiza as autonomias, democratiza as relações.

Na prática educativa não é diferente. Educador e educando se encontram em estado permanente de hominização e humanização. São pessoas que convivem diariamente, tecendo saberes e afetos umas com as outras. Esse educador que se coloca como um mediador de conhecimentos é uma referência para este educando que lhe observa, olha seus fazeres, analisa suas posições, concorda ou se interpõe, deixa-se seduzir ou polemiza esta convivência. Esse educando que se coloca como aprendiz busca sua formação, tem consciência de que a Educação vai lhe acrescentar. Esse educando tem fé na Educação e no seu Educador. Sua família também. Existe uma postura ética nesta fé. Existe confiança, produto da ação ética. Existe a confiança de que os valores humanos universais, que provêm da Ética Humana Universal, estejam sendo pensados, refletidos, abordados e vivenciados nos espaços de formação, como neste caso da Pesquisa, a Escola. Todas essas experiências ótimas, saudáveis, as quais são práticas de bem-viver, consolidam valores.

Foi uma preocupação dessa Pesquisa abordar as conversações, com os professores, de maneira muito prática de viver a Ética da Vida que eles tem proposto. Estudos, reflexões, vivências que tem sido pensados e realizados para ajudar na consolidação dos valores éticos e ainda, de como os estudantes tem percebido, compreendido e assimilado estas intenções foi o eixo deste terceiro entrelaçamento.

Os professores do Grupo Focal evidenciaram a qualidade do Planejamento Pedagógico que a Escola Amigos do Verde proporciona como a plataforma fundamental na qual eles organizam todas as práticas. Assim eles foram fazendo esta constatação:

“Temos nossos encontros de estudos coletivos que são muito sagrados. Planejamos muito juntos.”

“Planejamos com Projetos, que nos dão uma visão integral do que será trabalhado”.

“A gente tem um planejamento coletivo e um individual. Um precisa estar integrado 100% com o outro”.

“Nosso planejamento tenta dar conta das necessidades que eles nos trazem . O coletivo é sempre pensado muito, mas a pessoa de cada um é fundamental. ”

“A gente não tem noção do quanto uma sementinha mexe com a vida de uma criança. . . um menino que foi nosso aluno estava em Ipanema, na beira do Guaíba e tinha um chuveiro que estava pingando sem parar. Convidou a mãe para arrumar. . . tentaram, não conseguiram,então enquanto a mãe não ligou para a Prefeitura, ele não sossegou. Quis voltar depois lá, dias depois, para ver se haviam consertado. Certamente, tatuamos nele um jeito de observar a vida com mais compromisso. Pode ter sido fruto de nosso trabalho intencionalmente político acerca da Vida. ”

“Pensamento e Liberdade são duas coisas muito importantes . Essas crianças são muito livres e pensam muito. E se são muito livres é porque pensam muito. Inclusive a liberdade delas nos trazerem o que elas querem aprender. Essas palavras são chaves na Escola. E são as chaves da minha proposta pedagógica. ”

“Não é um fenômeno isolado. . . faz parte da Teia. . . tudo o que estudo, reflito, reinvento no meu trabalho. Experimentar, perguntar,ousar,vivenciar, ler, degustar,inquietar-se. . . tudo está no mesmo caldo rodução que ajuda a consolidar a Ética. ”

Do Projeto Brincar, os educadores trouxeram as respostas voltadas para ações relacionadas com o cotidiano.

“O meu fazer está centrado no vasto universo das ações cotidianas, na observação, na discussão. Busco, com eles, repensar modos de ser, de viver e conviver, visando alargar horizontes e estreitar relações. ”

“A reconstrução da Ética no sujeito é uma tarefa que demanda muita paci~encia e amorosidade. Porém, as novas configurações começam a surgir devagar, nos pequenos gestos e palavras. O próprio fazer do sujeito começa a modificar-se e, como a lagarta que morre para virar borboleta, a metamorfose começa a se processar. Inicialmente, pouco perceptível. Porém, vão surgindo novas posturas e novos posicionamentos. ”

“Todas as minhas ações que planejo para o dia, tento seguir, sem fugir do foco, para obter realmente aquilo que eu espero . Não improviso. ”

“Os estudantes são os que mais percebem e relatam o valor do trabalho da gentetem como ferramenta principal a discussão do papel do eu na formação do outro e do todo, e de quanto somos responsáveis pelo que cultivamos. ”

“O cotidiano do meu fazer pedagógico é refletir com eles sobre tudo o que estamos estudando ou fazendo, buscando um viés de transcendência”.

Ao serem convidados a contar como eles tem se nutrido para trabalhar dessa forma tão comprometida com os valores humanos éticos, os educadores trouxeram um feixe múltiplo de fazeres que abastecem os processos por eles começado. De todos, o mais comum entre eles foi o investimento em suas formações. Estudos, leituras, cursos, congressos, pós-graduação, palestras foram apontados como elementos imprescindíveis para consolidar suas práticas pedagógicas e tê-las como referências vivamente contemporâneas. Além dos estudos e preocupação em realizar Pós-Graduação,surgiram as falas abaixo, que trouxeram elementos igualmente importantes. Vejamos:

“Gosto muito de ler porque me aguça, me ensina e me desafia. Gosto também de dialogar com pessoas que me trazem seus conhecimentos e opiniões. ”

“Gosto de trocar com os meus pares que tem os mesmos ideais que eu, pois vejo que não estou sozinha. E invisto em minha formação. ”

“Estou atenta às mudanças na Educação e na vida como um todo. ”

“Estou sempre muito atenta a tudo. Sempre buscando crescer. Inquieta. ”

“Procuro realizar atividades de auto-conhecimento na minha vida pessoal. Realizo leituras para desenvolver a espiritualidade, procuro observar os ciclos da vida e compreendê-los, plantar, cuidar de animais. Tento meditar, para manter quieta a mente por alguns momentos. ”

“Sou uma aprendente. Serei sempre assim. Estou sempre estudando”.

“Junto às leituras de trabalho tenho leituras mais espirituais. Formo um elo entre elas”.

“Meditar e harmonizar tem sido um caminho essencial para mim. ”

Quando investigados sobre seus olhares acerca da auto-afirmação destes valores, à sustentação, à capacidade dos meninos se auto-organizar, as respostas foram bem diversas, embora todas em uma composição harmoniosa.

“A nossa comunidade emerge de um contexto crivado de todas as carências, onde a força bruta é sinônimo de respeito e, e a violência é algo trivial. Neste contexto, a ética tem outros perfis. O trabalho da Escola como um todo e, em particular, o Projeto Brincar, me mostram que é possível mudar o que está posto e reconstruir a Ética nos sujeitos e nas relações. ”

“Precisamos sempre ver que filhos e alunos estamos criando para o mundo. Não podemos desistir fácil deles. É preciso perseverar. ”

“Num processo solidário, as crianças consolidam a solidariedade. Isto é fundamental”.

“As crianças vão se organizando a partir daquilo que elas vão vivendo. Procuramos assumir meu lugar de referência para elas. Um lugar bem bacana. ”

“Tento aprender para entender que as dificuldades vão existir o tempo todo. Porque depende da vivência de cada um, a dificuldade muda. E quem disse que tudo isso não é necessário? Viver as dificuldades também fortalece a ética da Vida. É preciso estar forte para viver eticamente. E isso é preciso ensinar. ”

“Nada é tão certinho. Nada cai do céu. Trabalhar para organizar os sujeitos como pessoas éticas dá muito trabalho, mas é muito possível. Está nos educadores em desejar se envolver desta maneira. É preciso nos responsabilizarmos pela mudança no mundo. ”

“Meus alunos são pequenos. Tem 2, 3 anos. Mas estão começando esta caminhada. Percebo que eles procuram conhecer o lugar em que estão, as pessoas que convivem. E são constantemente incentivadas para procurar o equilíbrio nestas relações. Acredito que vão aprendendo e se fortalecendo. ”

A Educação carrega em si mesmo a sua natureza ética. Quem educa, naturalmente não pode abrir mão da ética. Quem educa carrega este sentimento ético com toda a significação que isto possa representar. Quem educa necessariamente porta a ética como um imperativo na sua ação de formador.

Nossa ação-mundo de educadores, nosso lugar como seres histórico-sociais que intervêm e transforma, nos faz éticos. A ética nos aborda ,comprometendo-nos com a existência de uma forma mais inteira, mais política, mais responsável. Freire coloca a ética no lugar da imprescindibilidade:

“Mulheres e homens, seres histórico-sociais, nos tornamos capazes de comparar, de valorar, de intervir, de escolher, de decidir,de romper, por tudo isso, nos fizemos seres éticos. Só somos porque estamos sendo. Estar sendo é a condição entre nós, para ser. Não é possível pensar nos seres humanos longe,sequer, da ética, quanto mais fora dela. Estar longe ou pior, fora da ética, entre nós, mulheres e homens, é uma transgressão.”(1996, p. 36).

Presente nessa ética educadora está a assunção da identidade cultural do professor. Assumir-se como sujeito produtor de conhecimentos, ser pensante, crítico-reflexivo, revolucionário, transformador, mediador de sonhos e de saberes, comunicante,desafiador frente a difícil tarefa de assumir-se. Assumir-se sujeito porque capaz de perceber-se como objeto, nesta trama e troca de lugares que o campo educativo sugere é uma das difíceis tarefas do ser educador.

Viver a experiência do assumir-se é uma experiência em si muito forte. Na dinâmica que vivemos, muitas são as linhas de fugas para que não vivamos esta experiência dramática de nos buscarmos mais inteiros. Nossa “inteireza”, muitas vezes, é camuflada sob os interesses do mundo mecânico que ainda vivemos. Viver esta experiência como educador e permitir que nossos educandos vivam é um duplo desafio.

A Aprendizagem da assunção do sujeito é um processo contínuo e doloroso. Assumir-se implica constituir sua própria história, tomar as rédeas de sua existência, evoca a Autonomia. Evoca o viver ético. Evoca o ensaio ético-estético no cotidiano, na própria e única experiência do viver. Aquilo que Freire chama de “Boniteza do Viver” implica assunção, compromisso comigo e com os outros, busca permanente da Autonomia. Implica historizar e historizar-se. Implica exercício da criticidade, curiosidade epistemológica, reconhecimento do valor das emoções, a importância da sensibilidade, da afetividade e da intuição. Implica reconhecimento das Potências Humanas, concepção de humildade para reconhecer as interligações que se dão nessa trama-vida.

Constituir Práticas Pedagógicas capazes de pensar a Ética da Vida requer a constituição de um conjunto de ensinares e aprenderes entrelaçados. Entrelaçados porque neste rizoma fecundo da aprendizagem e ensinagem se confundem onde uma acaba e começa a outra.

A Constituição desses ensinares e aprenderes passa pela rigorosidade metódica do educador. Passa pela pesquisa. Pelo respeito aos saberes dos educados. Também passa pela reflexão crítica sobre a prática, pela consciência do inacabamento, pela humildade, pela apreensão da realidade, pela alegria e esperança. A constituição destes ensinares e aprenderes passa pelo comprometimento, pela liberdade, pela disponibilidade para o diálogo. Passa pela ética e pela estética. Passa pela assunção da identidade cultural. Saberes todos estes necessários que se aprendem e se ensinam – aprenderes e ensinares, como recupera Paulo Freire.

Constituir práticas educativas que pensem, produzam e criem a Ética de Viver e que gere a beleza de viver, conectando-nos com o mundo vivo, estabelecendo assim, as mais amplas relações com a vida e com tudo o que há de vivo nela, implica desejar a busca profunda do sentido da vida. E implica viver todas as demandas que esta busca exige, o que é bastante complexo. Implica buscar o amanhecer lá onde o sol se faz como os pescadores ou os garimpeiros fazem. Implica disposição para o garimpar das pedras preciosas e o compromisso com o seu polimento.

A Formação de Professores que está em jogo numa perspectiva dessas é, necessariamente, aquela que está apoiada em uma base ética, imprescindivelmente.

Pesquisar Práticas Pedagógicas que vislumbram a formação ética dos educandos, permitindo assim, a vazão de suas potências, o respeito pelas suas capacidades de constituírem-se como sujeitos autônomos e livres, criativos e fazedores de sonhos, é uma tarefa bonita e árdua, dualmente. Bonita no sentido de colocar-se como garimpeiro-pesquisador que, com olhar sensível, percebe esse fazer e toma como possibilidade de se fazer mais no sentido de colaborar mais em nosso habitar humano. Árdua no sentido de distinguir práticas educativas que persistam na formação da inteireza dos sujeitos em plenos tempos de neoliberalismo, educação capitalizada e remetida a lugares de clientelismos e gerenciamentos.

Mas essa foi a minha linda opção: a de desvendar também, entre tantas “vendas”, aquilo que impulsiona esse educador a realizar Práticas Pedagógicas que pensem a Ética e se comprometam com os seus educandos a constituírem-se como sujeitos éticos; a desvendar as suas concepções de mundo e de vida e as suas inspirações que projetam essa escolha em trabalhar com a inteireza do outro e com a sua própria inteireza.

Assim, cá estou. Tentando perceber essa pesquisa como um instrumento que me esclareça a vivência prática dessa Bioantropoética que Morin alude e a vivência prática desse exercício da potência humana autopoietica que Maturana insiste. E que, de alguma forma, tenha promovido em todos nós, envolvidos nessa Pesquisa, pesquisadora e pesquisados, mais consciência das práticas que temos constituído em nossas vivências de educadores que somos, como preconiza Carlos Rodrigues Brandão.

Apreendi que o desenvolvimento científico de conhecimentos a respeito da identidade, da inteligência, da aprendizagem e das emoções de pessoas como você e eu, poderia estar fundado em um persistente desejo de decifração de quem somos e de como e por que somos desta maneira ou daquela. Poderia estar fundado aí para, a partir daí e pouco a pouco, contribuir para criar aquilo que nos possa fazer, e aos outros que virão, pessoas mais sábias, mais amorosas e mais equilibradamente fecundas e felizes (BRANDÃO,2003).

Desejo, intensamente, que esses dados aqui levantados venham a contribuir na ampliação da consciência das pessoas envolvidas em relação ao que estão desenvolvendo e seus desdobramentos práticos no cotidiano.

Também gostaria que esse trabalho venha nos remeter a um lugar mais esclarecedor do valor dos estudos de Bioantropoética e Autopoiese.

Desejo, também, que esta Pesquisa me remeta, definitivamente, como pesquisadora para o campo da indagação, da reflexão, da problematização e da constatação. Se desejo, como pesquisadora, decifrar práticas de conteúdo ético desenvolvidas por educadores que tenham um diferencial e que interferem na formação destas crianças e jovens os quais são educandos destes educadores, eu mesmo preciso habitar este lugar da Ética Prática.

Quanto mais pesquisar e me adentrar num campo de significações tecidas por outras pessoas, mais necessária se fará a minha postura ética naquilo que irei anunciar como material pesquisado.

“Pesquisa para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade”(FREIRE, p 32,1996).

Para atingir todas essas expectativas, a Pesquisa teve um caráter qualitativo, o qual considerei as possibilidades de trazer à luz o universo de significados e sentidos, os motivos e desejos, as crenças e os valores, devido esse tipo de Pesquisa transitar por ciências como Antropologia, Sociologia e Sociologia da Educação.

Como estou estudando as bases da Teoria da Complexidade e da Matrízica, naturalmente optei por práticas de pesquisa que estão alinhadas com um paradigma que reconheça os estudos da complexidade e sistêmica de Morin e Maturana como estudos de valor.

“Para a Teoria da Complexidade, a realidade é dinâmica e multidimensional, estando a mudar sempre, num movimento contínuo e descontínuo, estável e instável. Esta forma de pensar destaca a multidimensionalidade da realidade, dos processos e dos sujeitos, bem como a presença do indeterminismo, da incerteza, do acaso, a qual se constitui de processos globais, integradores, não-lineares e auto-eco-organizadores.” (Moraes e Valente,2008).

Tentando me situar epistemologicamente em relação à pesquisa que desejei realizar ,nesta perspectiva da complexidade e da sistêmica, fui percebendo a trama tecida por relações subjetivas e intersubjetivas, efetivando-se o caráter ativo e histórico do sujeito, que reconhece a sua subjetividade e a dinâmica relacional que se dá entre ele e o meio em que vive. Nessa ótica, não existem separações de realidades objetivas e experiências subjetivas.

“A realidade manifesta-se a partir do que somos capazes de ver, de perceber, de interpretar, de construir, de desconstruir, de reconstruir tanto o conhecimento como a realidade. Consequentemente, a realidade revelada pelo pesquisador não é uma representação fiel do real, mas uma de suas possíveis interpretações, a partir de processos co-determinados ocorrentes nas relações sujeito/objeto. Portanto, é uma realidade revelada pela pesquisa e dependente do sujeito observador que a está pilotando”(MORAES e VALENTE,2008).

Assim, como pesquisadora, enredei-me, também, em minhas metanarrativas, pois objetividade e subjetividade são complementares, um influenciando e alterando o estado de ser do outro.

Para Maturana, toda a objetividade é sempre uma objetividade entre parênteses, pois o pesquisador/observador está sempre incluído naquilo que observa e pesquisa. Para ele, todo pesquisador participa da realidade que busca conhecer. Para Morin, a objetividade é sempre impura. Não é possível isolar nossas crenças,emoções, desejos e afetos nem o espírito humano, diz ele.

Quando iniciei a pesquisa, fui deparando-me com princípios do Pensamento Complexo de forma muito visível. Como estou em um movimento de estudos e leituras, há algum tempo, em relação aos princípios dessas referências teóricas, o surgimento dos mesmos, de uma forma viva e presente foi se dando naturalmente. Fiquei admirada, mais, fiquei fascinada, por poder constatar, bem na frente dos meus olhos, a postação de práticas reais, os estudos que ainda estão muito no campo teórico, para nós, da Escola.

Não desejando aprofundar esses aspectos nessa Dissertação de Mestrado, pois a essência do meu trabalho está nas relações a estabelecer Bioantropoética e Autopoiese com experiências vivas de Ética Prática, mas não podendo, jamais, deixar de mencionar algumas dessas experiências que me fascinaram e me deram um novo elã e um desejo de, no futuro, debruçar-me sobre esse véu que se levantou a frente dos meus olhos, trago a seguir algumas reflexões sobre as Práticas Pedagógicas pesquisadas enlaçadas com esses Princípios de Pensamento Problematizador, os quais também são chamados de Operadores Cognitivos do Pensamento Complexo.

Também a abordagem paradigmática Eco-sistêmica sugere trabalhar com alguns Operadores Cognitivos do Pensamento Complexo como instrumentos ou categorias de pensamento que possam estar ajudando a compreender e colaborar na própria pesquisa desta prática de

pensamento, e esse dado se revela, também, importante salientar, como uma das aproximações vivas e práticas entre o Pensamento Complexo e a Sistêmica.

Esses operadores cognitivos podem dar suporte para uma pesquisa que se dê no universo da visão sistêmica. Eles podem representar categorias que indique por onde caminhar, sempre orientando pelo conhecimento científico que uma pesquisa pressupõe.

Os seguintes princípios-guias são os indicados por Morin :

- o Princípio Sistêmico-Operacional que faz a liga entre as partes e o todo
- o Princípio Hologramático que alerta para a composição interdependente das partes e do todo
- o Princípio Retroativo que rompe com a Causalidade Linear
- o Princípio Recursivo que discute o sistema evolutivo espiralado
- o Princípio Dialógico que recorta a indissociabilidade das próprias dicotomias
- o Princípio da Auto-Eco-Organização que trata das auto-produções e produções em rede
- o Princípio da Re-Introdução do Sujeito Cognoscente que aborda o sujeito como autor de sua história e co-autor de construções coletivas resgatado no processo de construção do conhecimento
- o Princípio Ecológico de Ação que revela o escapamento da ação frente à observação
- o Princípio da Enação que traz o pesquisador para participar da realidade e do mundo do outro e o Princípio Ético nutridor de todas estas relações.

Em toda a pesquisa, consegui visualizar a presença desses Princípios. Poderíamos recorrer a um pensamento mais naturalizado e afirmar: afinal, se a Pesquisa se dá em base de Teoria da Complexidade, nada mais certo desses princípios estarem apresentando-se. Poderíamos afirmar assim, se fôssemos casuais ou superficiais ao extremo. Sabemos que não é esse o funcionamento, na prática. Aliar a Teoria da Complexidade à prática não se faz de forma simplificada. Encontrar, na prática, o que esta Teoria (ou mesmo outra) preconiza, não é tarefa das mais simples. Por isso, meu fascínio. Desconfiava que deveria ser assim, mas quando as constatações foram aparecendo, “morri para viver”, parafraseando Heráclitos, experimentei a Alegria Cultural, parafraseando Snyders, “me encharquei de vivas alegrias, parafraseando Freire”. Vibrei!

Quando organizei-me para iniciar a Pesquisa nas Práticas Pedagógicas que eu havia elencado, imaginei que estaria pesquisando Boas Práticas Pedagógicas que evidenciassem a Ética Prática, a partir da Natureza do sujeito e da Potencialização deste sujeito frente às demandas de sua

própria Vida. Esperava que fossem exatamente o que imaginei: Boas Práticas. Ao iniciar as tecituras, fui percebendo a grandeza delas – eram mais do que boas práticas; o tamanho da produção ética delas era bem maior do que eu imaginara; o impacto positivo delas nos sujeitos de interação é, sem sombras de dúvidas, grandioso.

Tanto no Projeto Brincar quanto na Amigos do Verde encontrei produções que poderíamos chamá-las de Experiências de Totalidade. Poderíamos chamar de Experiências de Totalidade, pois as Práticas Pedagógicas vão acontecendo numa Circularidade Retroativa, que se ampliam e se irradiam em todo o espaço escolar e pessoas envolvidas.

No Projeto Brincar, desde o objetivo da produção inicial que é o de atingir a Paz no Recreio, elaborando a aprendizagem de Brincar até o objetivo de, no processo, alcançar a constituição de Valores Humanos Éticos nos próprios jovens que trabalham na Pacificação do Recreio, até na percepção de que ao ter esse Fazer, conhecimentos se promovem e podem ser socializados como Formação e Formação Pré-Profissional, tudo isso pode ser categorizado como uma Experiência de Totalidade. Na Amigos do Verde, a mesma projeção, com a singularidade importante de que se dá na Escola como um todo, este processo.

Poderíamos, sem sombras de dúvidas, dizer que o Projeto Brincar também tem como Princípio a Recursividade, quando se auto-organiza, numa espiral evolutiva de produtor e produção – os protagonistas dele são, ao mesmo tempo produtores e efeitos produzidos. Assim vão constituindo aquilo que chamamos de Corpo Ético: a partir da própria produção ética, se produz sujeito ético e vice-versa.

Não é poderia.É “posso”. Eu posso dizer que o Projeto Brincar tem um grande valor ético-estético em seu espaço de existir - a Escola Lidovino Fanton. Posso dizer que o Projeto está na Escola e a Escola está no Projeto – que aí tem uma relação Hologramática: o Todo está nas partes, as partes estão no Todo. E que nese pertencer um ao outro, criou-se uma Interdependência vital. A Escola já não seria a mesma sem o Projeto. Como o Projeto está nas pessoas que dele fazem parte e ele está nas pessoas. Assim, a Escola Amigos do Verde, que existe na vida de sua comunidade de forma intensa e marcante. E que as pessoas que fazem parte da Escola possuem a Escola naquilo que há de mais sagrado: como uma experiência vital de amor à vida, a qual insere as crianças, desde a mais tenra idade, na dimensão da Sócio-Ética .

Também posso afirmar que o Projeto Brincar foi se tornando sistêmico-operacional e sistêmico-organizacional. Nessa trajetória de sete anos, o Projeto foi ligando o conhecimento das partes ao conhecimento do todo. Essa reflexão vem de Pascal, pelas mãos de Morin, quando ele lembra-nos que é impossível conhecer o todo sem conhecer as partes e de conhecer as partes sem

conhecer o todo. Se teimarmos em afirmar que conhecemos “parte” de algo, estaremos nos referindo a um conhecimento fragmentado.

Para Morin, a parte não tem sentido quando separada do todo e vice-versa. Vejamos: Quando o Projeto Brincar foi projetado, reduzir a violência no recreio era o objetivo geral. Essa era “a parte” do Projeto, ou o próprio projeto era “a parte” do Todo (que era a Escola). À medida que o Projeto foi existindo, acontecendo, se realizando, se nutrindo, ele foi se relacionando com outros movimentos necessários da Escola, como Inclusão, Atividade Pré-Profissional, Formação Ética, Formação Técnica. A Escola (o todo) foi reorganizando muitas de suas ações a partir do Projeto. Dá para dizer que houve um Acoplamento Natural entre as partes e o todo. Houve interpenetrações sistêmicas de matéria, de energia e de informações. Na Escola Amigos do Verde, nestes vinte anos de trajetória, certamente essas interpenetrações foram acontecendo ao longo desse tempo, como experiências abertas que foram fortalecendo o que existe hoje: uma maturidade humana no trato do que se quer desenvolver com aquela comunidade, em que a prática de acoplamento natural vai acontecendo permanentemente, pois as condições principais para tanto já foram criadas.

Quando os integrantes do Projeto Brincar sentam em uma roda para aprender e ensinar e para superar as visões antagônicas, dá para afirmar que esse projeto tem um Princípio Dialógico. Um princípio de diálogo e encontro, reconciliação e aceitação, ternura e compaixão, que nutre a convivência ética humana e prenuncia o inacabamento e a inconclusão da vida. A Amigos do Verde já não sobreviveria sem essa prática. Um dos elementos mais presentes no seu Projeto de Existência são as conversações, as rodas de diálogos, as rodas dialéticas, as problematizações, as falas, os manifestos pelos linguajares.

O Princípio da Auto-eco-organização, o qual discute a autonomia e a dependência se coloca em ambos os projetos pesquisados neste trabalho. Visuliza-se processos inteiros de autonomia e de dependência. Dependência no sentido Moriniano de que para o sujeito constituir autonomia, ele deve estar em relação com determinado contexto que o nutre, através dos seus fluxos. Para Maturana e Varela (1995, p.125), cada componente de um sistema está profundamente comprometido com todos os outros componentes, se revitalizando e eco-produzindo uma rede sistêmica.

Eu posso dizer que o Projeto Brincar, por ter a presença de todos esses princípios citados acima que fazem parte da compreensão da Teoria da Complexidade, é complexo e é sistêmico . Mas eu posso, depois de refletir e observar e refletir, que o Princípio mais visível e explícito do Projeto é o Princípio da Re-Introdução do Sujeito Cognoscente. Esse é o princípio que abraça e inclui metodológica e epistemologicamente o sujeito esquecido pelas epistemologias tradicionais, como afirma Morin (1996,p.212). Assim, o sujeito é resgatado da margem e recupera, nele, a potência, a

auto-estima, a auto-imagem, o auto-respeito, retomando sua reconstituição, auto-produção e dignidade humana.

O Projeto Brincar está aberto para todos os estudantes que a ele desejarem fazer parte. O Projeto Brincar, ao estar para todos, está para aqueles que os mecanismos mais tradicionais aboliram, degredaram, excluíram sua participação. E tanto os que desejaram estar no Projeto como aqueles que foram convidados e buscados se fundem num universo de convivência sensível, onde a aceitação do outro passa a ser um princípio ético natural daquele grupo. Na amigos do Verde, a inclusão de estudantes com múltiplas necessidades especiais não é exceção. Estão lá, em um número significativo em relação à totalidade de estudantes matriculados, convivendo com todos e sendo potencializados tanto quanto os demais, acrescido de um preparo técnico da Escola para tratar das peculiaridades dos mesmos.

Elenca-se, também, o princípio Ético, que se coloca como o princípio nutridor dessas outras relações estabelecidas, nos demais Princípios-Guias .

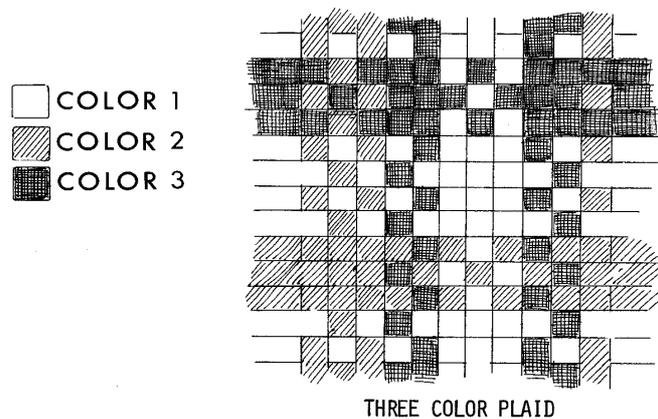
Na Entrevista Semi-estruturada, a Professora Coordenadora do Projeto Brincar, Silvana Bittencourt demonstra toda a sua preocupação em constituir, no Projeto, a base sólida da Convivência, que é a Ética. Quando perguntada sobre os valores que sustentam a sua própria Ética de Viver, ela coloca-se:

“Afeto, Respeito e Justiça sempre foram valores humanos que sustentaram minha vida. Eles formam uma alquimia que conduz à construção da Harmonia. Quando a Harmonia se dissemina, gera Energia, que se expande entre a Ética de sua vida e sua Vida Profissional. Assim tenho trabalhado, inspirada por estes valores éticos”.

Uma trama é feita de muitos elementos. Alguns visíveis e tocáveis, outros, plenamente invisíveis, os quais moram na sabedoria do ofício dos tecelões. Assim, os princípios-Guias da Complexidade e da Matriz Biológico-Cultural da Existência Humana nas Práticas Pedagógicas pesquisadas se encontram, ora bem visíveis, ora invisíveis, mas existentes nos entremeios dos saberes de quem com eles interage. Quando iniciei as reflexões sobre as Práticas Pedagógicas pesquisadas, fiquei muito impressionada e feliz por encontrar os Princípios-Guias da Complexidade e Sistêmica. Mas trouxe-os até esse trabalho com a intenção de constituirmos um exercício de percepção, em que pudéssemos visualizar, concretamente, a presença deles nas Práticas Pedagógicas, e elas, neles. Imagino que pelo grandeza com que cada um existe, somente uma Dissertação ou Tese focada neles, exatamente neles, daria conta de realizar um aprofundamento à altura desses conhecimentos. Que, nesse trabalho, os Princípios-Guias sirvam como indicadores fundamentais concretos, possíveis de orientar Práticas Pedagógicas que se constituem num viés mais transcendente, de uma forma visível e real, passível, portanto, de nossa confiança e crença.

Assim experimentei a visualização e a vivência desses paradigmas em estudo, co-habitando com Práticas Pedagógicas que pensam a Ética da Vida, de forma muito serena e satisfeita, pois nessa experiência afirmei muitos pensamentos, valores, princípios, sonhos. Reorganizei, em meu próprio pensamento, muitos conhecimentos. Aprendi a pesquisar, a investigar, a problematizar com mais qualidade. Religiei muitos saberes.

Acima de tudo, constatei que a Teoria da Complexidade, na prática, é possível. Que a experiência de viver uma Educação para a Inteireza é possível e acontece, vias de fato. Constatei que a Matriz Biológico-Cultural da Existência Humana pode ser prática. Que a afirmação racionalista radicalizada de que estes pensamentos, tanto de Morin quanto de Maturana são inviáveis no cotidiano da Vida são infundáveis e registram a ausência de aprofundamento nas bases epistemológicas defendidas por esses estudiosos. A vida não é feita só da terra e chão, do que se enxerga e se toca. A vida também é feita de estrelas outras e de universos outros. A vida não é só feita daquilo que cada um de nós acredita. Tem mais na vida, por isso ela é grande. Bioantropoética também. Autopoiética Também. Imanente e Transcendente possível de convivência. Tão grande é a vida que o Universo se expande nesse minuto. E se o Universo se expande, a Vida, as Vidas, o Pensamento, os Pensamentos, o Conhecimento, os Conhecimentos, o ser humano, os seres humanos, se expandem. Nada de todos esses concluídos. Mas em expansão .



4. 6 A AUTO-ÉTICA, A SÓCIO-ÉTICA, A ANTROPOÉTICA : TRAMAS PARA TECER A BIOANTROPOÉTICA

Uma trama é feita mesmo de muitos elementos. Alguns visíveis e tocáveis, outros, plenamente invisíveis, os quais moram na sabedoria do ofício da tecelã, como já escrevi há pouco. Quando a tríade inseparável Espécie, Indivíduo e Sociedade trama a consistência da existência da Ética, trama junto os âmbitos para esse existir.

Como Categorias de Pensamento ou Âmbitos Ativos de Universo Ético, trago-os para um patamar de fundamentos desse trabalho, importando-lhes como fios mestres dessa tecitura.

Desejo demonstrar minha preferência em chamá-los de Âmbitos Ativos de Universo Ético, por questão de alinhamento de nomenclatura com os estudos como um todo elaborados até aqui.

Os Âmbitos Ativos de Universo Ético se configuram como campos de ação, os quais recebem e acolhem as influências intensas que seus elementos propõem; nesse caso, os elementos são o indivíduo, a espécie e a sociedade .

Âmbitos Ativos porque são espaços subjetivos, os quais possuem uma profundidade e espaçiosidade, caracterizando-se por espaços ampliados que possam acomodar, acamar, abarcar todas as interações que se dão entre os elementos em suas naturais moções, mobilidades, intensidades e ebulições. Os Âmbitos Ativos desse nosso estudo são a Auto-Ética, a Sócio-Ética e a Antropoética. Poderemos pensá-los em Âmbitos, por se localizarem em espaços interdependentes, não flutuantes, que podem servir como um receptáculo, uma botica, uma adega, uma cisterna, é melhor, a qual acolhe a água da chuva, onde a água, por sua vez, cai exatamente no espaço que lhe é, que lhe tem, que lhe existe para isso. Assim, o Âmbito Ativo acolhe a cada uma, a Auto-Ética, a Sócio-Ética, a Antropoética, em processo amplo, aberto, sujeito a estar cheio de fendas, de resquícios e orifícios. Caso a cisterna Auto-Ética não abarque todas as águas dos movimentos do indivíduo, e elas se derramarem e se misturarem com as águas da cisterna Sócio-Ética, ou essa última abarcar águas da Auto-Ética, por exemplo, não causará estranhezas, pois os âmbitos dialogam, não tem tramas nem fechaduras. Eles se comunicam e interagem, também.

Os Âmbitos são ativos porque estão em movimento, ebulem, fervem, agitam-se ,produzem efeitos. Nessas suas abrangências, se auto-banham, com águas próprias, e banham-se em águas de outro e outro. São rios que se comunicam, se afluenciam e correm na direção do mar. Nesses arquétipos que uso, o mar pode representar a Bioantropoética, a síntese da Auto, Sócio e Antropoética, ou seja, o coração da Ética a partir de uma linhagem humana que se percebe complexa e sistêmica.

Também posso recuperar a Trama, insígnia desse estudo. Temos o Tear, temos o tecelão, temos os fios. Temos o fio transversal que se entrelaça com a urdidura ,temos a urdidura, passagem dos fios longitudinais pelos pregos/ganchos do tear, fio transversal e fios longitudinais dialogam, interagem, resultando na Trama. A urdidura acolhe a trama. A trama entende que ali tem suporte para ela existir.

Para Freire, uma Trama é sempre complexa, densa, fugidia e dinâmica. Diz ele: “Carregamos conosco a memória de muitas tramas, o corpo molhado de nossa história, de nossa cultura”(1994,p.67).

Luiz Augusto Passos (2008,p.416) assim traz uma fala de Freire:

“Nunca nos prendamos às palavras, isoladamente, mas às tramas as quais elas entretidas estão submetidas”.

Assim, Âmbitos Ativos de Universo Ético se constituem. Os sujeitos, a espécie, a sociedade são compósitos, elaborados por múltiplos elementos onde a Auto-Ética ,a Sócio-Ética e a Antropoética se gesta, na emoção e no languagear, atravessados pela beleza ímpar da heterogeneidade de vivências, experiências, conhecimentos .

As Práticas Pedagógicas dessa Pesquisa, as quais inspiram todos esses estudos ,se posicionaram nessas três categorias ou melhor, nesses três Âmbitos Ativos de Universo Ético, integralmente. Os movimentos iniciais de estrutura da Pesquisa, tanto para os Grupos Focais (como conversação)como para a Entrevista Semi-Estruturada evidenciaram a intencionalidade de partir do sentimento de ética do educador consigo mesmo, atravessando os enlaces de suas produções com sentido ético até a partilha com as crianças e jovens, chegando à preocupação da consolidação dos valores éticos problematizados com os estudantes. Pelas leituras e estudos que foram realizados anteriormente, havia a indicação desses âmbitos nos campos gerais dos escritos produtivos de Morin, nos Métodos, em especial, no Método 6 – Ética e, igualmente, nos estudos profundamente reflexivos de Maturana, mais precisamente na árvore do Conhecimento, junto com Varela, depois no Habitar Humano com Yànéz, e mais adiante (minha leitura última) Amar e brincar, dele também com Gerda Verden Zöller. Nunca categorizados, por não haver necessidade. Mas muito explícitos em relação à existência, bem concreta, deles em quaisquer existências humanas, como grandes chaves, grandes insígnias, grandes pegadas do caminhar humano. De todos os humanos, porque ninguém escapa de ser tocado e problematizado pela Ética no curso de sua existência.



4. 6. 1 A Auto-Ética

A Ética que vai se fazendo constituir no sujeito, na sua individuação, que não tem cunho ingênuo, nem cristão, não é reificada, mas se gesta nas interações desse sujeito com seu contexto real e vivo, suas condições históricas e culturais e forma-se no nível da autonomia individual é a Auto-Ética.

Segundo Morin,

A Auto - Ética alimenta-se de fontes vivas – psicoafetivas, antropológicas, sociológicas, culturais - o sujeito sente o apelo do princípio altruísta e o apelo da solidariedade. Mesmo assim, a autonomia ética é frágil e difícil a partir do momento em que o indivíduo experimenta mais o mal-estar ou a angústia das incertezas éticas que a plenitude das responsabilidades (2007,p. 92).

Auto-análise, auto-crítica, honra, tolerância, tomada de responsabilidade, resistência à lei de Talião são parte daquilo que Morin chama de “Nova cultura psíquica”, mais complexa do que a cultura material. Para uma Ética de Si para Si, precisaríamos exercitar essas maneiras, essas posturas cotidianamente, como exercícios permanentes. Morin indica necessária uma Ética da Compreensão, também. Que nos remeta a um olhar compreensivo dos desvios humanos, com abertura para o perdão. Indica uma Ética da Cordialidade, em que possamos exercitar todo o nosso processo acumulado de hominização e humanização, em que posturas de cordialidade e civilidade possam cotejar nessa busca intermitente de nos fazermos mais e mais amorosos. Uma Ética da Amizade, em que a fidelidade esteja sacramentada como um valor que se vive com os amigos.

Tanto a Ética da Compreensão, quanto a Ética da Cordialidade, quanto a Ética da Amizade fazem parte da Ética da Religação, do âmbito da Auto-Ética, para Morin.

Nesse âmbito de Auto-Ética, Morin (2007,p.93) afirma que o problema ético central para cada indivíduo é o da sua barbárie interior, do seu egocentrismo, o que exige dos sujeitos um longo

trabalho de aprendizagem e de enraizamento da reflexividade. Para isso, é necessário reabilitar a introspecção e a reflexão.

Quando iniciei essa Pesquisa pelo enlace “A Ética na Minha Vida”, desejava estabelecer uma conversação com os professores no sentido de que pudessem estar pensando para dentro de si, das suas próprias caminhadas, dos envolvimento éticos que faziam consigo mesmo. As respostas que vieram deram conta disso. Os professores pesquisados de ambas as Práticas Pedagógicas falaram de si, de suas caminhadas, de suas reflexões, como vimos anteriormente. Conseguiram colocar do quanto é árduo reorganizar suas visões e concepções, e do quanto é necessário refletir. Como colocou uma professora da Amigos do Verde:

“A reflexão é como um canal. Tem que estar aberto para que por ali todas as outras coisas fundamentais possam jorrar.”

Auto-Ética é a Ética da Auto-religação. Portanto, ela estará sempre fadada a lutar com as contradições do fechamento egocêntrico e a abertura altruísta. E é claro que nessa luta, para que haja a religação, ela exigirá a abertura ao outro e a compreensão do outro. Solidariedade e responsabilidade consigo que será, também, para os outros. São qualidades simultâneas a lealdade e a honestidade, nesse processo, afirma Morin (2007,p. 100). Ainda ele enfatiza: “A Ética para si, no sentido em que comporta lealdade, honra e responsabilidade, conduz a Ética para o outro”. Eu vejo nisso uma Poesia! Uma Poiesis! Uma produção possível, linda, como alternativa de viver, que passa pela escolha e pela decisão, pela Autonomia. Ética de Liberdade, dirá Morin (2007,p.107).

“Se a liberdade reconhecida na possibilidade da escolha-possibilidade mental de analisar e de formular a escolha, possibilidade exterior de exercer uma escolha-a Ética de Liberdade para outro pode ser resumida pelo que diz Von Foerster: “Age de maneira que o outro possa aumentar o número das escolhas possíveis”.

Ainda na Auto-Ética, a Ética do Amor é trazida para o meio da conversação. Como o Amor é a experiência fundante de ligação e religação, ele precisa ser pensado no âmbito da individuação, quando o sujeito está gestando seus afetos por tudo o que lhe rodeia, num processo de construção de vínculo.

Nas duas Práticas Pedagógicas observadas, as crianças e jovens são envolvidos num processo muito explícito de que ali vai se viver o Amor. No Projeto Brincar, uma das jovens que trabalha na pacificação do recreio, através do brincar, coloca:

“O Projeto Brincar é um projeto que ensina a gente a ser aquela pessoa que tem que entender a criança, porque se a gente não entender a criança, a gente não vai se entender”.

Outra jovem explicita o motivo pelo qual veio para o Projeto. Fica claro o prazer da construção desse vínculo:

“Eu vim para o Projeto para ajudar as crianças a se divertirem e conviverem em harmonia. É um lugar onde elas tem o que aprender, aprendem muito com a gente e a gente aprende muito com elas. Elas vem com um sorriso largo no rosto, perguntando se vai ter corda, bola, rádio. . .”

Quando no *Habitar Humano*, obra em Maturana e Yànéz trazem a conversação da Biologia do Amor e querem, conosco, conversar sobre o caminho do Amar, eles colocam o Amor como a emoção que é a fundante do viver. Mas, para esses autores, amar é indescritível. Vejamos:

“Precisamos cuidar e resguardar o sentido do Amar. O Amar que pode ser descrito não é o Amar. Pode ser um Amar manipulado. O Amar é visionário. Ocorre na ampliação do ver, do ouvir, do sentir, do cheirar, do tocar, próprio dos espaços das condutas relacionais que ocorrem sem preconceitos, sem expectativas, sem ambição. Mas consciente de si. O caminho do Amar é sempre social. É o viver da convivência, que flui no conviver social. O conviver fora do amar não é social”. (2009, p. 86)

Para Maturana e Yànéz, o Amar é a única emoção que amplia o olhar que o expande nas múltiplas dimensões relacionais e amplia o ver, o ouvir, o tocar.

“De fato, como o Amar consiste precisamente no abandono das certezas ,das expectativas, das exigências, dos juízos e dos preconceitos, é a emoção que consiste na realização do caminho do desapego em todas as dimensões do viver como um resultado espontâneo de seu mero ocorrer na aceitação unidirecional da legitimidade de tudo no viver, inclusive da rejeição do que não se quer que aconteça. O caminho do Amar é o caminho do viver que evoca a noção oriental do Tao. Viver na Biologia do Amar implica sair da cultura patriarcal-matriarcal que a nega. (2009,p. 86).

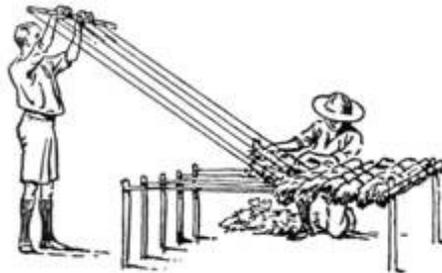
Assim, o Amor se gesta na reflexão e na emoção. Em si e no outro. Em si e para o outro, com o outro. Origina o *Homo Sapiens Amans Amans*, para Maturana. A pedra fundante da Matriz Biológico-Cultural da Existência Humana. Nessa perspectiva, a linhagem humana *Amans Amans* surge na convivência do conversar, do linguagear, no entrelaçamentos das emoções e dos fazeres juntos como modo de viver. Lugar em que o emocionar é o Amar. Em que o conversar é o Amar. Em que conservar o Bem-estar é o amar. Conhecer é o Amar. Gerar mundos é o Amar.

“Os mundos que vivemos existem em nosso viver. Quando nos perguntamos sobre o nosso viver e conviver, deparamos com o fato de que nosso viver ocorre em nosso fluir no conversar, como um conviver em coordenações de coordenações de fazeres e de emoções. A Biologia do Amar é a Biologia do Conhecer. O que chamamos de Matriz Biológico-Cultural da Existência Humana é a compreensão da dinâmica relacional em que surgem e

existem os seres humanos como Homo sapiens amans amans e todas as condições que fazem possível sua existência (2009,p. 124).

O Homo Sapiens Amans Amans em Maturana é o Homo Sapiens Ethicus, para Morin. E sua evolução vai se dar de forma plena, efetivamente, na relação com o outro . Na Sócio-Ética.

4. 6. 2 A Sócio-Ética



Como este sujeito sai de uma relação ensimesmada e busca o outro, numa dimensão ética é o que o âmbito da Sócio-Ética deseja desvelar .

Morin chama a Sócio-Ética também de Ética da Comunidade (2007,p. 147). Mesmo que em sociedades históricas ,os conflitos e agressões desenvolveram-se, a Ética da Comunidade, mesmo adoecida, nunca se extinguiu. Foi o que fez com que chegássemos até aqui. Se existiram e existem a ordem que se estabelece pelas forças e poder, é tão verdade que a Ética de Comunidade liga os indivíduos por um sentimento de Nós, de coletivo, de irmandade.

Historicamente, a sociedade se organizou pelos credos, pelas forças, pelos regimes, pela igreja, pela fé cristã, pelo poder,pela família patriarcal, pela pátria. E estas relações geraram mundos e unidades. Unidades permeadas pela submissão e pelo adestramento, pela desconstituição e pelo medo, pelos egocentrismos. As famílias foram e continuam encolhendo, pelo desaparecimento daquilo que a Sociologia chama de Grandes Famílias, os poderes foram e continuam caindo, as poderosas religiões foram e continuam se desreificando. E ficamos e estamos nós aqui, existindo. Na desordem, caos para alguns. Cada vez mais nus. Desejando nos encontrar em nossas verdadeiras humanidades, em nossas verdadeiras capacidades de nos relacionarmos.

“Os atuais comunitarismos, surgidos nas grandes nações tentam proteger identidades coletivas, mas não ressuscitam a influência da comunidade na vida do indivíduo de forma mais sólida. Então, a Auto-Ética permanece necessária para obter solidariedade e responsabilidade pela via individual e consciente,embora tenhamos cuidado, pois um grande problema surge na contemporaneidade que é o subdesenvolvimento da Auto-Ética. Quanto mais uma sociedade é complexa, menos são rígidos ou coercitivos os limites que pesam sobre os indivíduos e os grupos, de maneira que o conjunto social pode se beneficiar de iniciativas, estratégias, invenções ou criações individuais. Mas o excesso de complexidade destrói os limites, flexibiliza o laço social e, no extremo, a própria complexidade dilui-se na desordem. Nessas condições, a única proteção de alta complexidade está na solidariedade vivida,interiorizada em cada um dos membros da sociedade. Quanto mais a sociedade se complexificar, mais ela precisará de Auto-Ética (2007,p. 149).

A Vida democrática que sugere nossa contemporaneidade e nossa condição de seres políticos é um artefato da complexidade social. São instituídos direitos e liberdades, em que os sujeitos definem escolhas e decisões, formas de viver e conviver. Embarçam-se nas produções históricas e culturais, econômicas e sociais que eles mesmos tecem para viver. Embora a presença dos dissabores da vida social, é ela que afirma nosso processo de convivência, de solidariedade com o outro, de responsabilidade consigo, com o outro, com o meio ambiente, com o planeta. Entrelaçamo-nos no outro para ficarmos potentes, para lutarmos por uma vida maior e melhor, mais plena e mais transparente, mais produtiva, mais criativa. Superar os egocentrismos que a própria sociedade gerou só será possível na aliança com o outro. É no pensamento coletivo, nas identidades coletivas que poderemos enfrentar os fenômenos multidimensionais, compreendendo-os, e refletir para aprender a ver e atuar numa sociedade complexa, de fato.

Pelas mãos de Morin, surge Pascal que lembra que:

“Todas as coisas sendo causas e causadoras, provocadas e provocadoras, mediatas e imediatas, e tudo se inter-relacionando por um vínculo natural e sensível que liga os mais distantes e os mais diferentes. Assim, considero impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, assim como conhecer o todo sem conhecer particularmente as partes (2007, p. 152).

Yànéz introduz aquilo que na Escuela Matriztica, junto ao Maturana, está sendo estudado e aprofundado: as Conversações Liberadoras da Dor. Essas Conversações somente se efetivam com o outro. Desenvolvem-se nas inter-relações, nas relações em dinâmica da convivência, na essência do existir da Matriz Biológico-cultural da Existência Humana. O conversar, o languagear, o emocionar, o refletir, o pensar geram redes de conversações, os quais se operam num presente cambiante contínuo.

Conversar é doloroso. Viver junto é doloroso. Compactuar é doloroso. Negociar com a diferença é doloroso. Partilhar é doloroso. Construimos um modo de viver que o mando e o poder se colocaram como referências. Estabelecer um pacto com o outro, o outro que não sou eu, é uma forma de sofrer, já que nos organizamos egocêntricos e individualistas. Perceber as diferenças, diferenças reais de mim, das minhas escolhas, dos meus pensares é doloroso, pois aprendemos que o confortável é o homogêneo. Partilhar igualmente é doloroso. Construimos uma maneira de viver que o acúmulo pessoal é ganho, é lucro, é esperteza, é competição, e isso nos beneficia materialmente. Também criamos que o ter prevalece o ser. Por isso e muito mais, tanta dor.

A proposta do Conversar Liberador em Yànéz e Maturana vem no sentido de uma alternativa prática para a superação dessa dor.

“O Conversar Liberador não suprime nem muda as dores, mas de sua realização surge, espontaneamente um ver-ver-se que traz à mão o como existiu. No conversar liberador várias são as dimensões que se tornam possível expressar: psíquicas, relacionais, sensoriais, operacionais. Escutar, escutar-se, escutar-nos, encontrar-me com o outro, ver melhor, soltar as certezas.”(2009,p. 248,249).

O Conversar Liberador é uma forma de Amar. A Reflexão só é possível no Amar, afirma Maturana, pois é a única forma de soltar as certezas que permitem viver sem medo, sem preconceitos e sem expectativas o presente que se vive.

“É somente na reflexão que a consciência sistêmica da responsabilidade ética surge e se abre a possibilidade de não ficarmos prisionados na conservação de uma configuração de sentires, de desarmarmos-nos que não queremos viver, tomando consciência, dia a dia, de que somos geradores do mundo em que vivemos.

.....

.....

Será somente desde nossa autonomia reflexiva e de ação que poderemos escolher sem medo fazer-nos ou não perguntas reflexivas como: Onde nos dói a vida? Que desejamos conservar em nosso viver? Que modo de viver e conviver desejamos que aprendam nossos meninos e nossos jovens? (2009,p. 249).

Nessa amplitude de viver a vida, compartilhando com sujeitos da mesma espécie que nós e de espécies diferentes, a Sócio-Ética se coloca e se trama. A ela é exigida uma convivência de Homo Sapiens Arrogans ou de Homo Sapiens Amans Ethicus.

Como nos ensina Morin, vivemos em contradição e nas contradições. Assim nos forjamos Arrogans, outrora Ethicus. Mas isso não é um determinismo. Poderemos, como espécie, e tramados pela história de toda uma civilização, superarmos esta dicotomia em sua plenitude. Poderemos desejar construir nosso Bem-estar, sentimento dos que amam ou querem amar como um valor mais duradouro, como um Bem-Viver. Estaremos assim, caminhando para uma opção consciente de desejarmos constituir uma nova linhagem humana, baseada na Matriz Biológico-Cultural da Existência Humana, o Homo Sapiens Humans Ethicus, que vive a Antropoética, que tem fome da Bioantropoética.

4. 6. 3 A Antropoética



Fiandeiras – Portinari

Nessas tramas que se tecem entre indivíduo-espécie-sociedade, numa urdidura cambiante de Auto-Ética e de Sócio-Ética, também tramados, surge a Antropoética.

Penso que seja importante trazer, nesse texto, que os Âmbitos Ativos de Universo Ético ,Auto-Ética, Sócio-Ética e Antropoética, não se gestam isoladamente, muito menos numa sequência linear. Elas vão se tecendo muito simultâneas, à medida que os elementos de vida, de mundo, de existência, vão se atravessando, embaraçando, desembaraçando, tecendo, destecendo, tramando, destramando, trançando, sejam eles históricos, culturais, sociais, econômicos, em quaisquer contingências ou contextos.

A Antropoética compõe-se como trinitária nesse circuito indivíduo-sociedade-espécie. Com esse caráter, orienta-nos a viver nosso estado de humanidade e hominidade na plenitude. Quer recuperar a história de nossa espécie, de nossos ancestrais, dos acúmulos que fizemos nesses aproximados 12 mil anos, ou se pensarmos na Gaia, mais ou menos 4 bilhões e meio de anos. Nesse sentido, coloca-se com dimensão de cuidadora, como traz Morin:

“A Antropoética ergue no nível ético a consciência antropológica que reconhece a unidade de tudo o que é humano na sua diversidade e a diversidade em tudo o que é unidade; daí a missão de salvaguardar por toda a unidade e a diversidade humanas” (2007, p. 160).

A Antropoética fala da Ética universal, que até então existia em níveis muito abstratos. Estamos vivendo hoje uma comunicação planetária jamais vista, o que coloca-nos como humanidade em conexão para pensarmos e gestarmos uma era mais solidária. Estamos superando distâncias geográficas. O desafio está justamente em tentarmos superar as distâncias nas relações.

A Antropoética deseja problematizar a lógica egocêntrica/altruísta do indivíduo, assumindo a abertura à compreensão, mantendo a “racionalidade no ardor da paixão, a paixão no coração da racionalidade, a sabedoria na loucura”, coloca-nos Morin (2007, p. 159).

O estado em alerta da Consciência ou a Consciência de Si, a qual permite-nos a auto-crítica e a crítica é uma das fontes necessárias para a Antropoética beber. A Antropoética exige nossa assunção de uma consciência mais ampla e espiritualizada, de forma que estejamos no mundo mais atentos, situados e cuidadosos.

A Fusão desses Âmbitos Ativos de Universo Ético ,existentes a partir da tripla fonte bio-antropo-sociológica ,indivíduo,espécie,sociedade, constitui aquilo que chamaremos de Bioantropoética.

4. 6. 4 A Bioantropoética



As Fiandeiras - Velásquez

Morin inicia seu Método 6 – Ética com os seguintes escritos:

“A Ética manifesta-se para nós, de maneira imperativa como exigência moral. O seu imperativo origina-se numa fonte interior ao indivíduo, que o sente no espírito como a injunção de um dever. Mas ele provém também de uma fonte externa: a cultura, as crenças, as normas de uma comunidade. Há, certamente, também uma fonte anterior, originária da organização viva, transmitida geneticamente. Essas três fontes são interligadas como se tivessem um lençol subterrâneo em comum”(2007,p. 19).

No Método 5, Morin traz-nos a formação da tríade inseparável indivíduo, espécie, sociedade. Aprofunda a formação biológica e cultural do ser humano e que o ser humano é 100% biológico e 100% cultural. Coloca o ser humano na concepção hologramática, o qual contém o todo da espécie e da sociedade, sendo singular. Afirma a carga genética e as normas culturais que o ser humano carrega. Esse sujeito humano provém de fontes biológicas, individuais e sociais, que jorram, intermitentemente, as águas do viver humano.

Vejamos que essas fontes constituem uma Ética de Vida, poderemos dizer de Vida da Vida, de Vida de Verdade, de Vida Prática – uma Ética da Vida, uma Ética para ser vivida, pensada, tramada e depois reinventada. Uma Ética que fale em nome da humanidade e da hominização dos sujeitos alcançadas até então. Uma Ética que permita ser vivida sem as sombras da Moralina, parafraseando Nietzsche. Uma Ética livre, democrática, do Bem. Que possa sintonizar as vidas em comunhão, sem regular. Que possa conceber a alegria, o prazer, a realização, a vitalidade, a vibração das combinações coletivas como compromisso a ser honrado por puro respeito e consideração. Uma Ética que aposte muito nas conversações, nas falas humanas, nos sentimentos, nas emoções, nos linguageares, nas potências humanas. Uma ética que exija assunção da condição

humana na sua plenitude, no seu melhor, na sua potência. Então, uma Bioantropoética, síntese do Bem-Viver.

A beleza da Bioantropoética é que ela reconhece a vida do ser na sua plenitude. Tece a sua biologia. Reconhece a sua cultura. Para Morin:

“Tudo o que é biológico no homem está, ao mesmo tempo, embebido, enriquecido, misturado de cultura e faz parte da cultura: comer, beber, dormir, sonhar, acasalar-se, nascer, morrer. Podemos dizer que o mais irremediavelmente biológico é, ao mesmo tempo, o mais irredutivelmente cultural: o nascimento, o casamento e, sobretudo, a morte”(2005, p. 462)

A natureza biocultural do homem é, em cada instante, a cada dia, incessantemente recomeçada e reconstituída por todo o ser, todo o grupo, toda a sociedade humana.

Assim, não se justificam os cortes separadores entre natureza e cultura, entre bios e antropos. Não somos seres sobrenaturais, das alturas, etéreos. Somos vivos, temos vida, temos a vida e a vida nos tem e vivemos a vida que é nossa e a vida que é de outros seres. Prestemos atenção na beleza de compreensão que Morin tem acerca disso:

“Vivemos a vida vivendo vivendo a nossa vida. Vivemos a vida mais antiga e a vida mais atual. Somos, como todos os outros vivos, provenientes do mesmo antepassado, e este antepassado que não cessou de se desdobrar, vive em cada uma de nossas trinta bilhões de células, assim como em todo o nosso ser. Somos vivos. Nenhuma das dimensões do nosso ser surgiu fora da evolução biológica que conduz à hominização. Somos diferentes dos outros seres vivos porque esta cabeça viva desenvolveu novas formas de vida: vida das ideias, vida do espírito, vida da sociedade”(2005, p. 474).

Assim, a Bioantropoética coloca-nos, entre muitos, esse desafio: o da tomada de consciência da nossa responsabilidade pela vida e diante da vida. Defender a vida implica defender os valores da vida, os valores éticos da vida. E nos exige “ reagir com o amor da vida e com uma política de vida”, reforça Morin.

Pensar políticas de Vida que constituam valores humanos éticos duradouros é possível. Quando conhecemos ou vivemos, observamos ou pesquisamos a Vida com um olhar mais cuidadoso, conseguimos enxergar dezenas de práticas de Bem-Viver. Assim, nas Escolas. Existem milhares de educadores que colocaram suas intenções pedagógicas no âmbito do Amor Político. Constituem, diariamente, exercícios de viver eticamente com suas crianças e jovens, nutrindo sua natureza e cultura com novas referências de se fazer humano. Milhares de educadores investem, como as Práticas Pedagógicas observadas por esse estudo, na infância e na juventude, despertando-lhes a consciência política e a assunção de suas condições humanas com responsabilidade e amorosidade.

Quando falamos em Filosofia Prática, referimo-nos a esta Filosofia do chão da Vida, do chão do viver, do chão do mundo, em que as pessoas, dela, possam se nutrir e abastecer em suas formas de conversar com a própria Vida e organizar alternativas para viver melhor na plenitude desse termo.

A Bioantropoética é uma forma de pensar a Ética em outras bases. Uma das bases em que pode ser pensada, porque se alinha na concepção de Valores Éticos, e se aproxima, assim, é da Matriz Biológico-Cultural da Existência Humana. A consideração da natureza humana em toda sua multidimensionalidade emerge de uma nova linhagem humana que estamos tentando construir. E essa Matriz chama a todos para que assumamos a responsabilidade pelo próprio mundo que geramos com nossos viveres e conviveres. Essa Matriz acredita que é no jogo sistêmico entre nossas condições individuais e sociais que temos vivido é que repousa a gênese das transformações culturais e sociais.

Se para Morin é o Mundo Complexus e para Maturana o Mundo Ethicus, compreendemos que são apenas nomenclaturas distintas, pois existe Complexidade na Ética e existe Ética na Complexidade nas tecituras que ambos fazem, e não existem antagonismos nessas suas produções, então o mundo pelo qual estamos lutando é um mundo para todos, um mundo feito de partilha, de solidariedade e de dignidade. Esse mundo é gerado por nós. Tanto a Amigos do Verde quanto o Projeto Brincar estão, potencialmente, construindo esse mundo, gerando possibilidades de novas éticas para crianças e jovens bem-viver.

5 QUINTO ENLACE:

E TRÊS SENTIMENTOS: A ALEGRIA CULTURAL, O ENORME SENTIMENTO DE REALIDADE E O COMPROMISSO INTELECTUAL RESPONSÁVEL

Quando encontro-me diante de algo muito sagrado, meu pensamento, muito reflexivo, sempre me priva da pressa. Por mais que eu tente apurá-lo, ele pede suavidade e serenidade, em plenas turbulências. Desejo admitir o quanto me demorei para iniciar a escrever esse capítulo. Com precisão, sei o motivo: Por estar diante de algo que foi e é muito sagrado, as palavras se fazem em silêncio respeitoso.

Talvez eu vá tratar de algo, que aqui, soe repetitivo com o que escrevi no Primeiro enlace, mas sinto necessidade de reinterar o meu assombro, frente a essa moção de existência: ter conseguido fazer o Mestrado. Meu assombro não dá-se pelo lugar onde chega-se enquanto classe cultural. Meu assombro se dá pelo que o Curso de Mestrado em Educação, nessa Universidade, trouxe à minha existência, em plena maturidade. Lembro, então de Snyders, na obra *Alegria na Escola* (1994,p.19), desenvolve um estudo muito bonito, intitulado *Alegria e Alegrias Culturais*. Snyders inicia seu capítulo, tomando Spinoza, que expressa : “a alegria é a passagem de uma perfeição menor a uma perfeição maior”. Snyders apoia-se nessa escritura para afirmar que “ali onde há alegria, há um passo à frente, crescimento da personalidade no seu conjunto. Um sucesso foi atingido e a alegria é tanto maior quanto o sucesso é mais válido”.

Snyders elabora que, na alegria, “é a totalidade da pessoa que evolui”. Refere-se aos sentimentos que ampliam-se, à capacidade de compreensão que redimensiona-se, à força de agir que multiplica-se, então, mais tarde, Snyders alia o sentimento de Alegria com a Cultura. Fala de uma Alegria que é provocada pelo novo estado de saber, pelos saberes iluminadores e pelo sentimento de riqueza que se adquire ao aprender aquilo que, antes, era “escuro”. Estabelece relação entre essa Alegria Cultural que descobre nas interações com o meio e o seu gosto pelo presente, já que o presente é o lugar da existência onde pode experimentar as Alegrias Culturais exatamente como projeto de viver agora. Além de que as Alegrias Culturais abrem os horizontes, os corpos tomam posse, o afetivo se recoloca, as emoções ressurgem, e estamos em companhia, com outros, em puro estado de deleite, vai compondo Snyders. Assim, me coloco: fascinada por ter

mantido-me durante todo o Curso como uma aprendiz, reencontrei-se com parte de minha própria intimidade – a alegria genuína de aprender. Essa verdade e autenticidade de me postar, com humildade, frente a esse presente da vida que foi o Mestrado, torna-me mais consciente de mim mesmo. E de como esse bem estar que me tomou conta tem revolucionado partes de mim, ao aprender, ao ler, ao pesquisar, ao compartilhar com outros. Poderia falar aqui sobre as muitas Alegrias Culturais que esse trabalho e período promoveram em minha vida. Mas quero dedicar-me à Alegria Cultural mais potencializada em mim: A Alegria para Agir.

Entendi, na plenitude do que isso significa: o Mestrado nos impõe, definitivamente, a agir. Quando construí essa clareza, tudo se iluminou. Compreendi que o Mestrado cria uma convergência para que teoria e ação se entrelacem, para que a contemplação não tome o lugar da ação e para que a nova cultura constituída esteja pertencendo ao campo político da atuação coletiva. Nesse sentido, a Alegria Cultural do Mestrado me recolocou nesse campo político da ação coletiva. Tomei o Mestrado como uma cultura de luta, que me reorienta para os campos da efetiva construção coletiva em Educação e da alegria do Intercultural. Toda essa Alegria promoveu o meu amor pela vida, pelos homens e mulheres, pelos processos do existir, pela chamada urgente à construção mais coletiva, no sentido de eu me recolocar na pauta do mundo, com certa pressa em agir e contribuir também, fora do meu casulo “sala de aula”. O Mestrado trouxe uma colaboração indescritivelmente emocionante para a minha vida: o desejo de não deixar o meu Amor pela Humanidade entre parênteses.

Nessa mesma direção, a Alegria Cultural se desdobra, recuperando-me aquilo que Nietzsche chama de “Enorme sentido de realidade”, o qual interpela meu estado de meditação e reflexão sobre os acontecimentos do mundo, da vida, da Educação, e revoluciona o meu lugar nesses mundos. Coloca-me a chamada direta da necessidade de minha colaboração mais ampliada e com sentimento de maior responsabilidade. Creio que eu também poderia nominar de “Enorme sentimento de realidade”. Trouxe-me para o lugar do sentir a realidade. Desde os estudos primeiros de como desenvolver essa Pesquisa, formas, espaços, sujeitos até organizar todos os achados, dessa busca, fui tomada pelo “estado de sentir mais a realidade”. E esse movimento, trouxe-me um termo cunhado de um estudo que realizei com Brandão (2004, p.30), em que ele nomina de “Compromisso Intelectual Responsável”.

5. 1 DO COMPROMISSO INTELECTUAL RESPONSÁVEL: A ORIENTADORA

Desejo iniciar a abordagem desse viés pela referência maior, a qual coloquei num lugar muito sagrado: a experiência concreta e impactante que tive de Compromisso Intelectual Responsável - a convivência com a minha orientadora Leda Lísia.

Tendo constituído, ao longo de sua existência humana um olhar delicado sobre o outro e sua potência, Leda Lísia constitui uma aliança dessa construção com o trabalho produtivo de ensino e pesquisa que realiza no PPGE da PUC. Coloca a construção desse olhar amoroso sobre seus orientandos e a sua capacidade de escuta sensível na feitura de seu ofício de pesquisadora e intelectual comprometida e responsável. Assim, acompanhada por dois anos, o primeiro como aluna, em seus seminários, durante os dois semestres, em que fomos convidados a pensar a aliança entre Educação e Espiritualidade com muita profundidade e responsabilidade, mediados por excelentes leituras, de diferentes autores, em múltiplas abordagens, em processos de conversações permanentes, de escutas respeitadas, de aulas culturais, definitivamente amorosas e comprometedoras.

Em todas as suas aulas, experimentei as mais diferentes situações e emoções. Não foram poucas as que saí com a sensação de que devia muito à Vida, no sentido de ainda não ter apurado tanto em mim, o sentido de minha existência, com tanta emergência postulada nas falas de Leda Lísia. Seu compromisso intelectual perpassa o que esperamos de um educador de um PPGE. Ser sua orientanda por um ano foi a constatação sensível e real de que as Práticas Pedagógicas que pensam a Vida também estão presentes, muito presentes, e “como presentes”, na Universidade, num Curso de Educação, espaço efetivo, portanto, de Formação de Professores.

Experimentei, com a Leda Lísia, durante todo o percorrer do curso, o senso de justiça, verdade, alegria cultural, enorme sentido de realidade, podendo afirmar e bradar, aos sete cantos do mundo, que experimentei, como orientanda, no meu próprio exercício de pesquisadora, o que me propus a pesquisar: A Bioantropoética e a Autopoiese. Experimentei, com Leda Lísia, Os Operadores Cognitivos do Pensamento Complexo em estado de vida latente, os Âmbitos Ativos de Universo Ético, que se fundiram, realizando a Bioantropoética.

Experimentei, com essa educadora de fina sensibilidade, o valor maior, para mim, como pesquisadora, nesse momento de vida madura: a instigação forte e rigorosa de assunção de minha condição humana política de estar no mundo.

Jamais imaginei que o mesmo processo de Pesquisa sobre as Práticas Pedagógicas que pensam a Vida se instalaria, naturalmente, no meu próprio processo de orientação. À medida que eu vivia a Pesquisa em si, para fora, com outros sujeitos, eu vivia a Pesquisa para dentro, nessa

experiência de orientanda e orientadora. Valor duradouro que vitalizou, em mim, um estado autopoietico, o qual permaneceu durante todo o Mestrado e continuará comigo para sempre.

Trago esses três sentimentos, de maneira muito destacada, para constituir a introdução desse estado de conversação mais concluinte dos estudos porque eles se fizeram desse Curso, as três grandes “pontes sobre as águas turbulentas”, para lembrar Bridge Over Troubled Water, de Simon e Gurfunkel (na voz, claro, de Elvis Presley). Foram essas pontes que fizeram com que eu me sentisse, embora pesquisadora iniciante, sempre tomada pelo Compromisso Intelectual Responsável.

A Alegria Cultural esteve presente, do início à conclusão (provisória) desse trabalho ,honrando a “Aletitia”- estado de experimentar alegria.

5.2 DO COMPROMISSO INTELECTUAL RESPONSÁVEL: DA PESQUISADORA APRENDIZ E SUAS ESCOLHAS

Ao desejar pesquisar Práticas Pedagógicas que pensam a Ética da Vida e ter colocado para os professores do Curso minhas intenções em relação a sua linhagem, de todos, tive o aceno da viabilidade. Alguns se colocaram, para mim, como estudiosos de pensadores de outras linhas, trazendo às reflexões, em que linhas/tendências eu poderia abordar a Ética. Fiz-me clara que eu desejava abordar a Bioantropoética, em Morin, como uma prática filosófica despretensiosa, humilde, baseada na vida, no chão dos espaços, nesse caso, a Escola. E que eu desejava tratar da Autopoiese, da Matriz Biológico-Cultural, de um novo Habitar Humano, em Maturana. Como fazer? Os estudos com Isabel Carvalho e Nadja Hermann ajudaram-me a aprofundar referências teóricas outras, a tratar suas semelhanças e diferenças, percebendo suas verdadeiras aproximações ou distâncias, bem como as Escolas e as Tendências. Também orientei-me com o Professor Marcos Villela, o qual “ajudou-me a ver”. Quando vim, somente no segundo ano, como orientanda para a Leda Lisia, cheguei definida e fui extremamente bem acolhida em meus desejos de pesquisa e autores. Definimos juntas quais as essências que eu estava desejando trabalhar, e aprofundei meus estudos nas aproximações entre esses dois autores, ambos da mesma ancestralidade filosófica - Realismo. Morin, para nós, educadores, um Pós-Marxista, como Foucault ou Bouerdiou, mas que desejou aprofundar seus estudos na Complexidade e se tornar livre de quaisquer categorizações ou pertencente a essa ou aquela escola; Maturana, nas suas teorias biológicas com repercussões

filosóficas, pelas criações, junto com Varela, da Biologia do Conhecimento e Autopoiese e propositor da Sistêmica – ambos confluindo e se encontrando em muitas dimensões, como apresentei ao longo desse trabalho.

Ao apresentar o Projeto de Pesquisa, nosso Coordenador de PPGE, Prof. Marcos Vilella, fazendo parte da mesa de orientação, sugeriu-me algumas possibilidades, uma delas a potência do trabalho para experimentar Grupos Focais como metodologia da Pesquisa. Posteriormente, foi encaminhado à Comissão de Ética/Pesquisa, o qual também recebeu aprovação.

Durante todos esses trâmites e processos, senti-me muito feliz com a escolha de Tema/Problema de estudos para o Mestrado. Embora sempre muito alertada sobre os autores que escolhi para sustentar o trabalho, de como ainda havia resistências com a Complexidade e Sistêmica, com a concepção de Ética Prática, da presença da Ética em si, do quanto isso seria complexo, por sermos da Pedagogia e não da Filosofia, e mais algumas preocupações que, nesse sentido, precisei viver. Nada que o acompanhamento sensível de Leda Lísia não desse conta. Sua forma de trabalhar com confiança sobre o orientando realmente é muito singular. Fortaleci minhas convicções e enfrentei os medos um a um.

Vim feliz e nua de certezas para esse estudo, desejando experimentar, na prática, as flutuações e incertezas que a Complexidade tanto nos fala. Bem responsável. Mas nua de pretensões de que poderia dar conta de tudo, ou que conseguiria responder a tudo, ou controlar a tudo, ou que os próprios Maturana e Morin seriam, então pensadores superiores a outros, ou que como pedagoga não tocaria em Ética Prática, porque isso é “tema” da Filosofia, como ouvi algumas vezes, o que fortaleci e argumentei que se vamos falar de Ética, vamos falar de Pessoas, e eu trabalho com pessoas, portanto Ética está organicamente colocada em meu trabalho e produções. Vim nua, acenando, isso sim, com o que Paulo Freire reparte conosco: “a boniteza da minha ética é a de respeitar tudo e a todos”. Vim com a alegria genuína das crianças – de estar pensando, apenas isso, junto com outras pessoas, se aquilo que elas estão produzindo não seria experiência de Ética Prática, e se o que estão produzindo não situariam-se em algumas abordagens contemporâneas da Complexidade e da Sistêmica.

É claro que sempre percebi e compreendi que da Pedagogia não temos os mesmos saberes que a Filosofia, ao longo de sua fascinante história, construiu acerca do Mundo, do Homem, da Ética. É claro, bem claro e iluminado que em nossa formação de pedagogas não tivemos toda a formação que uma discussão dessa exige. Mas o que desejo defender aqui é a capacidade de partilha que a própria Filosofia tem no seu âmago. É uma Ciência que construiu uma interpenetração na vida, de forma que ela mesmo se faz componente primário da vida. O que seria da Vida se não existisse as interrogações sobre ela? O que seria da Vida se não tivéssemos quem

nos perguntasse: o que devo fazer? Se não problematizasse quem somos, da onde viemos, o que estamos fazendo aqui, para onde vamos e com que propósito? Na amplitude do seu existir, ela se interpenetra em toda a vida, portanto, em todas as demais ciências, provocando inquietudes. Algumas ciências a vêem isolada e desejam, por sua vez, existir na prepotência de que darão, sozinhas, conta de si mesmos. Algumas ciências, porque estão muito próximas da reflexão sobre o ser humano reagem ao convite da Filosofia, e se colocam a filosofar. Visualizam os atravessamentos inerentes à Vida. Reconhecem que sua essência também é filosófica. Reconhecem, pois, que também fazem movimentos de pensar. Compreendem-se, pois, como legítimas para pensar a Vida. A Vida vivida, a Vida fazendo-se, a Vida a viver. É o caso da História, da Biologia, da Sociologia, da Antropologia, da Geografia Humana, da Psicologia, das Artes. É o caso da Pedagogia. A Pedagogia, por tratar da educação formal humana, precisa tecer com todas as demais ciências, consolidando uma base teórica ampliada interdisciplinar e transdisciplinar - complexa - para trabalhar com os sujeitos, os quais estão ávidos de significações que processem seus desenvolvimentos humanos.

Como Pedagoga, carrego, desde sempre, a necessidade dessa interlocução, da construção dessas interfaces todas com a vida das demais ciências. Sempre precisei alimentar-me desse cruzamento interdisciplinar, compreendendo a minha incompletude, os meus limites e as minhas ignorâncias. Essa busca, imagino, tenha sido pelo fato de ter concebido desde há muito, que a natureza é inteira, que o ser humano é inteiro, que a vida é transdimensional. Esse olhar de inteireza vêm contribuindo, em minha trajetória, para ler melhor a mim e ao outro, as minhas e as suas necessidades e desejos. Isso tem qualificado minha experiência de viver. Assim, fui entendendo que nenhuma ciência se sustenta isolada, que nenhuma ciência é tão onipotente que se satisfaça plenamente em sua redoma, que ninguém é dono de ciência alguma, que a coragem de atravessar os muros, as fronteiras e os latifúndios de cada uma delas precisa ser criada. Fui entendendo que a Pedagogia se alimenta de todas as outras, em especial, muito da Filosofia. Pois a formação humana se justifica para que homens e mulheres possam alcançar o nível de consciência crítica que lhes provoque a velha e sábia questão: Quem sou eu? O que devo fazer? Qual é o sentido da minha Vida? O que é Vida? Quais os meus propósitos de Vida? Como viver? O que é Ética da Vida, dessa vida que eu vivo? Só na busca das respostas dessas perguntas tão essenciais é que o ser humano poderá construir, emancipatoriamente e bem feliz, a sua caminhada de vida.

Desde jovem professora tive essa maneira de me organizar com a teoria e a prática: me apropriava de alguma questão teórica e tentava praticá-la, não por puro teste para ver se funcionava ou para anunciar minha contestação ou aceitação, mas muito bem intencionada: de fazer a vida daquela teoria existir, vias de fato.

Assim foi com os estudos piagetianos em relação de como a criança aprende, assim foi com a Psicogênese da Alfabetização com Ferreiro, assim foi com a construção do número ,com as Zonas Proximais em Vigotsky, com os Círculos de Cultura, com os Temas Geradores,e com toda a obra de Paulo Freire, com os Projetos, com os Complexos Temáticos, com Pistrak. . . as observações mais delicadas sobre as violências simbólicas com Boerdieu e os poderes com Foucault. . . assim com Maturana e Morin. E assim tenho me organizado na vida, e isso me tem trazido uma construção do bem, que eu chamo de coerência teórico-prática; na vida de um educador, isso é essencial.

Muitas vezes equivoquei-me, atrapalhei-me, ou desconfiei que eu não estudara aquela teoria suficientemente, por isso não estava dando certo em sala de aula, então, com serenidade, retomava os estudos e ia de novo, sem medo de errar, mas com um grau de responsabilidade com minhas crianças que, caso errasse, deveria rapidamente retomar as bases seguras até novas e próximas intervenções. Num processo pedagógico emancipatório ,dialético, com um viver pedagógico baseado na reflexão-ação-reflexão e na amorosidade minha sala de aula, por mais de vinte anos, foi esse lugar-laboratório de práticas sustentáveis e sustentadas por teorias as quais eu acreditava para a realidade das minhas crianças e para as minhas possibilidades como educadora. É verdade que em muitas vezes, busquei temas ou estudos acima das minhas forças. Precisei, então, de ajudas. Uma prática muito inquieta, muito crítica, muito em andanças e em movimentos destemerosos, porém muito convicta e responsável com minhas crianças tem sido até hoje.

5.3 DO COMPROMISSO INTELECTUAL RESPONSÁVEL

_____ DOS SUJEITOS PESQUISADOS

Assim, destemerosa de me enroscar e me entrelaçar na Filosofia, assumindo as lacunas de cunho epistemológico filosófico que, obviamente, ficariam, convidei educadores e educadoras que desenvolvem Práticas Pedagógicas as quais considero que pensam muito acerca da Vida, para relatar sobre seus sentimentos do que vêm produzindo e os efeitos dessas produções nas crianças e jovens com quem trabalham. O que encontrei emocionou-me muito. Encontrei grupos inteiros de pessoas, de idades muito diferentes, profundamente engajadas em mudar realidades, com a preocupação primeira de construir essa intenção com Ética, na Ética, pela Ética.

Perguntadas sobre o que entendiam de Ética, responderam o que e de que forma viviam. Atrélaram a pergunta relacionada, naturalmente, ao seus viveres, às práticas de vida. Nenhum entrevistado se preocupou em conceituar Ética, embora a pergunta poderia encaminhar ou induzir para esse sentido. Assim com a questão sobre Vida. Assim com as demais. Estou para pensar que eles quiseram dizer que a Vida é muito maior que os conceitos que fabricamos acerca dela. Vivemos antes. Não conceituamos primeiro para depois vivermos. E estarmos vivendo fornece-nos uma sapiência que a teoria não dá conta, muitas das vezes. Mesmo que seja uma teoria profundamente comprometida com uma prática e uma prática envolvida com a teoria, e ainda, ambos mediados, em suas tecituras, por um processo permanente de reflexão-ação-reflexão, e assim vida afora, a Vida é maior, ainda. Nesse sentido, a existência dessas pessoas produzindo Vida e Sentido, me toca sempre. Apropriaram-se não do que é certo ou errado ou de moralinas confusamente entendidas como Ética, mas da essência ética do existir, do habitar humano, construindo como coloca Maturana, uma nova linhagem humana.

Quando perguntados sobre vida profissional e vida pessoal, como já não as compreendem separadas, expressaram, contundentemente, que vivem algo mais pleno, mais inteiro que às vezes não sabem nominar, que é enorme, mas não é completo, e tem que estar reinventando sempre. Colocaram seus valores mais consolidados e os que desejam consolidar, falaram em valores para toda a vida, querem repartí-los, partilhá-los, anunciá-los. Têm esse compromisso com a Vida. Assim as crianças e jovens: tão problematizadores e responsáveis com o processo de viver, com fome de alegria, de felicidade, de harmonia, de fé, de ética. E assim, esses já desdobrando em outros esses mesmos sentimentos, numa fluência e conexão permanentes.

Frente a isso tudo que me aconteceu, que me acontece, que eu vi, que eu vejo, que eu senti e sinto, como não ficar alegre e feliz? Essa experiência, de A a Z, me tornou melhor. Minha Alegria Cultural foi instigada e fomentada. Muitas desconfianças se confirmaram, muitas reflexões aconteceram, muitos saberes se interligaram, respostas desabrocharam.

Os educadores se entregaram para a Pesquisa, entenderam que era uma Pesquisa de cunho Qualitativo, gostaram de estar se pensando em grupo, de estarem respondendo ou escrevendo sobre seus fazeres de viver, num processo de reflexão. As crianças estabeleceram comigo uma relação acolhedora e aproximada mesmo, os jovens entenderam o que eu estava buscando e participaram, com plenitude, desse propósito. A Alegria Cultural que está nessas Práticas Pedagógicas que pensam mais a Vida está nas pessoas que as produzem e as vivem e está nos efeitos que isso, em cadeia, provoca no mundo. E isso é produção de sentido, é produção de viver, é produção da compreensão da infinitude do viver. Isso me emociona. E me cala.

O Enorme Sentimento de Realidade que me tomou esse estudo foi magnífico pela imponência de um olhar urgente para a vida da vida. Tudo aquilo que me parecia em suspenso, ou simplificado, ou sem a urgência do tempo, ou naturalizado, ou olhar cansado, ou linguagem viciada, ou ato mecânico, ou silêncio confortável, foi profundamente alterado, constituindo um sentido diferente para a realidade ou múltiplas realidades e um sentimento de realidade avassaladora, que sei, não tem volta. Fui dominada pelo sentimento de urgência com a realidade. Nesse sentido, um amor político me toma, um compromisso rigoroso me impõe novas maneiras de lutar e realizar bem-viveres para outros, para mim.

5.4 DAS ALEGRIAS, DAS REALIDADES E DOS COMPROMISSOS DESSA PESQUISA E DA PESQUISADORA

O Sentimento de Enorme Sentimento de Realidade expressado acima entrelaça-se com esse termo muito utilizado por Carlos Rodrigues Brandão “Competência Intelectual Responsável”(2005,p. 30) como tomo de abordagem.

A necessidade de conhecer, durante esse Curso, incitou-me aos estudos e reflexões como exercícios permanentes de uma forma mais faminta. Aprofundou-se, em mim, o valor do conhecimento. Assumi a necessidade de um pensamento mais rigoroso. Comprometi-me com a busca do conhecimento de uma maneira mais disciplinada, organizada. Fortaleci a busca permanente dos sentidos daquilo que estou produzindo, numa infinitude de significações e num desejo de que todos eles encontrados desdobrem-se em valores éticos humanos duradouros. Sobretudo, afirmei meu compromisso com a aplicabilidade desses achados, então. Conhecimentos que fortaleçam os valores ético-estéticos e que sejam duradouros, do ponto de vista do permanecimento deles na história dos sujeitos por eles afetados. Conhecimentos que se desdobrem em Práticas Pedagógicas como as pesquisadas, formas de agir as quais criem Bem-Viver e Dignidade. Conhecimentos que sejam capazes de criar uma cidadania mediada pela consciência e pela sensibilidade.

Muito evidente ficou o Compromisso Intelectual Responsável dos professores desse estudo. A assunção da urgência do mundo, da necessidade de responder rápido às demandas de crianças e jovens, a consciência ampliada de que uma das formas de mudar o mundo é trabalhar com as consciências e com as inteligências humanas, numa dimensão sensível e amorosa está presente, de forma muito, muito qualificada, em todas as duas Práticas.

Essas Práticas Pedagógicas pesquisadas são maneiras de reinventar o mundo competitivo e individualista que criamos. Mas elas exigem permanente protagonismo, criatividade, autoria e assunção dos compromissos estabelecidos pela Ética. Exigem capacidades de dialogar, de enfrentar, de associar, saber conviver, cooperar, colaborar, desejar aprender com o outro, conspirar, pensar mais. Exigem sobretudo, capacidade de reinventar o que existe que precisa ser reinventado e criar o que não existe. Por isso, a criatividade e a autoria: criarmos os próprios conhecimentos e assumirmo-nos como protagonistas faz toda a diferença.

Tê-las pesquisado provocou-me forte reflexão sobre esse sentimento de realidade urgente e esse compromisso intelectual responsável. Iniciei, durante o período da Pesquisa em si, a perguntar-me o que eu faria com o Mestrado de forma mais comprometida; além do primeiro desejo de aprender a pesquisar e qualificar meu trabalho, o que desejarei desdobrar dessa experiência única. Quanto mais pensava, mais o turbilhão de idéias-força se aproximava.

A amplitude de minha consciência sobre o mundo, fortalecida nessa experiência, não me deixará de braços cruzados. Ela projetou-me para além de onde estive, até então. Minha consciência social e espiritual se fundiram de maneira mais sensível. Meus olhares políticos enlaçaram-se nos meus olhares espirituais, fundindo-se. E esse fenômeno não esgota-se nele mesmo. Deseja, avidamente, desdobramentos.

O primeiro desdobramento que me ocorreu, movida pela paixão da Pesquisa sobre práticas em Educação, foi o de dar continuidade formal aos estudos iniciados. A continuidade formal do Mestrado é o Doutorado. Então, com o sentimento que me tomou, Alegria para Agir, decidi participar da sua seleção, na PUC, ainda nesse ano de 2010. Fui selecionada, para minha grande Alegria. Mesmo com possibilidade de mudar o rumo das minhas intenções, durante a trajetória do Doutorado, desejo, ardentemente, desdobrar o Projeto de Pesquisa do Mestrado e dar continuidade aos estudos em Bioantropoética e Autopoiese, ampliando os cruzamentos teórico-científicos e elaborando uma proposta, aprofundando, assim, os estudos nele iniciados.

O Projeto se destina a realizar uma investigação propositiva, a qual pretende analisar Práticas Pedagógicas que constroem a Ética da Vida, a partir de práticas positivas e experiências ótimas, amparando os estudos teóricos em bases da Matriz Biológico-Cultural da Existência Humana e do Pensamento Complexo, propondo, assim, um Programa em Práticas de Valores Éticos para Escolas desejantes de viver experiências básicas e autênticas de cooperação, que reorientem o viver humano de crianças e jovens, de forma prática e duradoura.

Pretendo investigar como os conhecimentos de valores humanos éticos entendidos como duradouros se constituem, na caminhada viva da juventude escolar com a contribuição que a Escola faz a partir da formação dos seus professores, das suas visões de mundo e das suas

concepções de vida e de ser humano, investigando as dimensões da Formação, Aprendizagens e Campos de Saberes constituídos dos educadores que trabalham com a juventude em Pesquisa. Que propostas de práticas pedagógicas podem ser pensadas e organizadas para a construção da Ética da Vida nas Escolas ? Para esse problema, proponho investigar Práticas Pedagógicas que constroem a Ética da Vida, e a partir delas, constituir um programa de trabalho alternativo que elenque a latência e potência de crianças e jovens.

O segundo desdobramento foi buscar um estudo para 2011 que ampliasse meus estudos em Ética Prática (ou Aplicada), e que auxiliasse meus estudos em Bioantropoética, pela Sociologia do Conhecimento com repercussões filosóficas, como expressa-se Morin, e pela Biologia do Conhecimento em Maturana, que me ajudasse a pensar melhor a Matriz Biológico-Cultural. Encontrei algo precioso, que está embalando minhas esperanças em constituir um corpo bem mais sólido de conhecimentos em Ética Prática: O Curso de Especialização em Bioética que a Puc estará promovendo em 2011. Já fiz minha inscrição. Com o tom de “um entusiasmo juvenil em idade madura”, fui a primeira a me inscrever. Esse Curso terá a duração de um ano, o que não colocará em risco meus tempos de estudos no Doutorado, mas constituirá um corpo ampliado de estudos sobre Bioética que certamente estarei cruzando com conhecimentos em Bioantropoética e Matrízica. Todo o conhecimento lá construído, desejo associar aos meus estudos do Doutorado e a outras alternativas de estudos (pesquisa de campo ou pesquisa teórica ou documental. . .), bem como a produzir materiais didáticos que possam chegar como explicativos mais simples às comunidades escolares.

Como um terceiro desdobramento que evidencia minha preocupação intelectual responsável é assumir dois procedimentos práticos, os quais não consegui realizar no Mestrado, por alguns outros fatores que aqui, prefiro não mencioná-los. Os procedimentos que faltaram nessa rica experiência de dois anos de Mestrado foi a participação efetiva em um Grupo de Pesquisas e a publicação de artigos em revistas ou periódicos. Essa ausência de produção mais coletiva, no caso do Grupo de Pesquisa, ou de reflexão teórica a partir de escritas, provocou-me uma certa solidão, difícil de elaborá-la. Fez-me muita falta. Amadureci, com minha orientadora, a impossibilidade, mas ficou a sensação de não estar partilhando o que eu estava produzindo, mesmo sozinha. Já afirmei com Leda Lísia a minha participação no Grupo de Pesquisa da nossa Linha Pessoa e Educação.

O Mestrado trouxe-me um encorajamento inédito muito bonito de ser vivido: fui convidada a ministrar algumas palestras, alguns cursos e uma Conferência, o que soou-me como um enorme desafio: partilhar com um número maior de pessoas, todas juntas, e ter a certeza da incerteza do que será, cada vez que a experiência se repete. “Borboletas no estômago”, velho dito popular, foi o

que senti, em todas as vezes que encontrei-me nessas situações. Mas, apesar das borboletas e das incertezas de como as coisas aconteceriam, foi uma experiência muito provocadora. Precisei estudar mais, pensar muito no compromisso do que seria falado ou contado como experiência, preparar outras formas de abordagens, vencer agendas e relações de tempos e distâncias muito complexas, assumir minhas incompletudes frente a um grande público, dizer “isso eu não sei” para mais de quinhentas pessoas, atrapalhar-me em algumas posturas de praxe de eventos, adaptar falas aos tempos mínimos que reservam para o trabalho convidado, e assim teria muito o que continuar citando. Bem provocadora essa experiência. Mas amável, bem possível de amá-la. Saí dos meus micro-cosmos, que me asseguram, me acolhem, me aceitam sempre. E fui, para uns mundos diferentes, viver umas desordens, uns caos, umas desintegrações bem desejáveis de continuar vivendo-as. Isso foi fruto do Mestrado. Os convites vieram, um atrás do outro, pelo Mestrado. E eu os aceitei, feliz e tremendo e feliz e tremendo. Pretendo continuar essa experiência, caso surjam novos convites. Enxerguei nela a possibilidade maravilhosa de realizar partilhas das produções que estamos fazendo com um número muito maior de pessoas.

Entre tantas pensamentações levantadas a partir da experiência da Amigos do Verde, uma, bem concreta, foi o desejo de retornar, em 2011, para a sala de aula, com crianças em fase de letramento e alfabetização pequenas, na Escola Municipal onde trabalho, com o propósito de constituir uma experiência sistêmica em Valores Éticos, estabelecendo relações com a Bioantropoética, a Autopoiese e a Matríztica.

Essas serão as profundas mudanças planejadas que ocorrerão em 2011 e que já encontro-me assim organizada, e que foram, sem sombra de dúvidas, desdobramentos concretos que o Curso de Mestrado provocou, exigindo-me um compromisso intelectual responsável.

No que se refere a possibilidade, aberta e verde, a qual embalo como um sonho precioso num colo de cuidado e ternura, que é o ingresso no Magistério Superior, no Ensino e Pesquisa, na Pesquisa, na Docência de um campo de saber afinado com a minha trajetória, algo assim, tão sagrado, pretendo construir uma plataforma prática direcionada e disciplinada, abrindo os braços para todas as novas bonitas experiências que surgirem, estudando muito, aprofundando minhas leituras, perdendo o medo de ler alguns autores, publicando aquilo que possa contribuir nas discussões e estudos de outras pessoas, participando de grupos de estudos comprometidos com uma sociedade mais justa e solidária, continuando a tratar o meu trabalho com paixão e rigor metódico. Desejo produzir conhecimentos, qualificando mais minhas maneiras de estabelecer pontos de contato, de entrelaçamentos, de conexões entre os múltiplos saberes e as múltiplas dimensões em que eles existem. Preciso aprender, de maneira mais concreta, como isso se dá em uma escala maior. Esse deverá ser um foco a tratar com rigor, pois uma das preemências da Educação é a

superação dos saberes fragmentados. Tudo isso com o compromisso intelectual responsável com o mundo/os mundos que faço parte.

Numa relação imediata e urgente com a Pesquisa realizada, pretendo radicalizar a discussão sobre Práticas Pedagógicas que pensam a Ética da Vida e também o contrário disso – as que não pensam ou simplificam esse pensar e quais as interdições políticas sofridas. Pretendo radicalizar a discussão, munindo-me dos dados levantados e do anúncio das realidades pesquisadas, a partir da publicação de artigos e do uso das tecnologias, utilizando espaços afins com o teor da pesquisa para problematizar a preocupação (ou não) dos educadores de tramarem suas Práticas Pedagógicas com valores éticos, na perspectiva bioantropoética e autopoietica.

Desejo retornar às Escolas pesquisadas para apresentar o trabalho como um todo, devolvendo minhas impressões e levantamentos realizados para os próprios grupos participantes da Pesquisa no primeiro semestre de 2011, como uma atitude respeitosa da partilha do que produzimos juntos.

Também imagino ser possível apresentar esse estudo em Mostras Científicas, Congressos ou Seminários, com o intuito de fomentar a discussão dos valores éticos no campo da Educação inseridos no currículo formal da Escola e com o intuito de pressionar o debate sobre essa temática.

Buscar parcerias que também possuam essa preocupação temática para fortalecer a publicização e o debate do tema é uma das ações de desdobramento da Pesquisa que considero muito viável, pois são inúmeras as iniciativas nesse campo. Tanto com pesquisadores de PPGE quanto com ONGS, escolas, movimentos sociais é possível construir ações concretas .

Penso que no decorrer dos estudos do Doutorado terei tempo suficiente para pensar a constituição de outras ações que envolvam o aprofundamento das referências teóricas que entornam e envolvem essa temática em discussão, tanto para o meu processo de pesquisadora quanto para outros que por esse estudo, por ventura, se interessarem. Grupos de estudos pensados como espaços para discutir a Bioantropoética, a Autopoiese, a Bioética (a exemplo dos que já existem na Universidade), a Complexidade, como grupos inteligentemente práticos e transgressores, propositivos e comprometidos.

5. 5 DAS PROVISORIEDADES E DOS COMPROMISSOS A HONRAR

O Objetivo Geral que essa proposta de Pesquisa carregou foi buscar Práticas Pedagógicas que pensassem a Ética da Vida com Crianças e Jovens, refletindo sobre as mesmas e identificando em quais os valores de natureza antropológica elas tem se apoiado para realizar exercícios de Bem-Viver, objetivo esse entrelaçado, obviamente, nas ideias de Bioantropoética e Matríztica. Encontrei as Práticas que desejava encontrar. Encontrei professores que são os propositores dessas Práticas, que acreditam e vivem esses processos amorosos com muita intensidade na Escola.

A intenção política desse trabalho também perpassa o desejo de mostrar que tais Práticas existem, que professores as praticam com suas crianças e jovens, e que elas existem numa proporção bem significativa, o que contraria algumas radicalizações e exacerbações de que da Educação pouco se espera, que tudo está indo de mal a pior , que o mal-estar está tomando a maioria dos professores, que a Escola está fracassando. Temos capacidade de análise crítica, e já sabemos que estamos em crise, e que a Escola não está bem, de fato, mas a crise na Educação não está isolada do processo mundial. Na verdade, estamos em aguda crise civilizatória, o que repercute profundamente na Escola, pois lá as pessoas estão em relação, a Escola é habitada por pessoas, as quais são e estão cada vez mais atravessadas por sistemas. Lá estão professores, que apesar das formações que possuem, tem seus paradigmas conservadores, o que ajuda a frear os processos emancipatórios, claro. Temos, portanto, Práticas que desenvolvem-se em metodologias, avaliações e posturas nada identificadas com o momento social que vivemos. Temos esses e muitos outros atravessamentos de ordem político-cultural que mantém a Escola lenta, triste, reprodutora de sistemas vigentes perversos. Mas não serão essas as Práticas que nos ajudarão a pensar saídas com certa urgência e compromisso social.

Acredito que, simultaneamente ao olhar crítico sobre a realidade atual da Educação, um olhar grande em que se trame a análise dos contextos políticos, sociais, econômicos, culturais, precisamos nos apoiar nas experiências que experimentem valores éticos profundos, capazes de promover outras e outras experiências similares que possam contagiar grupos e comunidades inteiras, como no caso das Práticas pesquisadas. Elas são experiências muito ricas, com potência para serem referências nas Escolas, sejam públicas ou privadas.

Penso que essa experiência científica é extremamente importante para estudos que se desejam entrelaçados como Práticas Pedagógicas / Valores Éticos/ Bioantropoética/ Autopoiese/ Complexidade/ Matrízica, principalmente porque os sujeitos da Pesquisa foram pensados, observados em processos dinâmicos, naturais, de produção real dos seus fazeres. Apresentaram-se como seres da cultura, existindo como processos e também como produtos de imaginários, visões de mundo, de afetos, de escolhas, de desejos, de paixões. Partilharam suas vivências de existências humanas, deixando-se acompanhar, observar, até fotografar. Estiveram respondendo, contando, relatando, pensando, reflexionando, linguajeando, refletindo, para também participarem desse processo científico, desejando também comunicar ao mundo suas produções vividas em estado bioantropoético e autopoietico.

Parece-me, assim, que como pesquisadora, sentindo-me bem feliz, bem situada, bem responsável, resta-me assumir essa vivência em toda a sua plenitude. Isso implica em concretizar os compromissos pensados e escritos nesse trabalho com Amor Político pelas pessoas, pelo Mundo, em nome da Vida. Da Vida da Vida.

Assumir os compromissos implica em respeitar todos os elementos pertencentes e participantes dessa trama social . Respeitar as tramas já tecidas, aprender com elas a iniciar novas tramas, reinventando essas e criando novas. Pacientemente, como as velhas tecelãs que viviam as experiências de tecer na plenitude, desde a colheita cuidadosa do algodão, da fiação amorosa do fio para ele não arrebentar e ter continuidade na sua vida de fio, ao processo emocionante do tecer, tecendo as grande mantas de cama, abrigos, feitiços de casa, que abrigariam a grande família dos rigorosos invernos. Assim esse compromisso. Pelas mãos do mundo que fiam e que tecem. Pelas mãos do trabalho de tecer. Pelas mãos, pensamentos e conhecimentos que tramam e tecem todos os tipos de Vida. Pela Poiesis. Assim,assumo, esse compromisso.



Fiando,tecendo - Leon Augustin

O compromisso de fiar e de tecer, para repartir.

REFERÊNCIAS

BAUER, M. W.S GASKELL.G (Editores). **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som-Um Manual Prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ, Vozes, 2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Pergunta a várias mãos: a experiência da pesquisa no trabalho do educador**. São Paulo, Cortez, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOULART, Mônica Riet. **As Espirais da Subjetividade reveladas na inteireza do educador para a construção do seu processo autoformativo**. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação, PUCRS, Porto Alegre, 2009.

MARTINS, André. **O Mais Potente dos Afetos**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

MATURANA, Humberto e VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano**. Campinas, Editorial PSY II, 1995.

_____; YÑÑÈZ, Ximena. . **O Habitar Humano**. São Paulo, Palas Athenas, 2009.

_____; Gerda Verden-Zoller. **Amar e Brincar, Fundamentos esquecidos do humano**. Edit. Palas Athena, 2006.

MORAES, Maria Cândida, VALENTE, José Armando. **Como pesquisar em Educação a partir da complexidade e da transdisciplinaridade?** São Paulo: Paulus, 2008.

MORIN, Edgar, **Introdução ao Pensamento Complexo**. Editora Sulina, 2007

MORIN, Edgar. **O Método 1. A natureza da natureza**. Publicações Europa-América. Portugal, 1977.

_____. **O Método 2. A Vida da Vida**. Sulina. Porto Alegre, 2005.

_____. **O Método 3. O Conhecimento do Conhecimento**. Sulina. Porto Alegre, 1999.

_____. **O Método 5. A Humanidade da Humanidade.** Sulina. Porto Alegre, 2002.

_____. **O Método 6. Ética.** Sulina. Porto Alegre, 2004.

PASCHOAL, Domingos. **Dicionário Escolar Cegalla.** Edit. Nacional, São Paulo, 2005.

PINTO, Álvaro Vieira. **Ciência e Existência: problemas filosóficos da pesquisa científica.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

SNYDERS, George. **Alegria na Escola.** Editora Manole Ltda, São Paulo, 1998.

ANEXO A - FOTOS

O CAMINHO DE ENTRADA NA ESCOLA E O MEU CAMINHO TAMBÉM

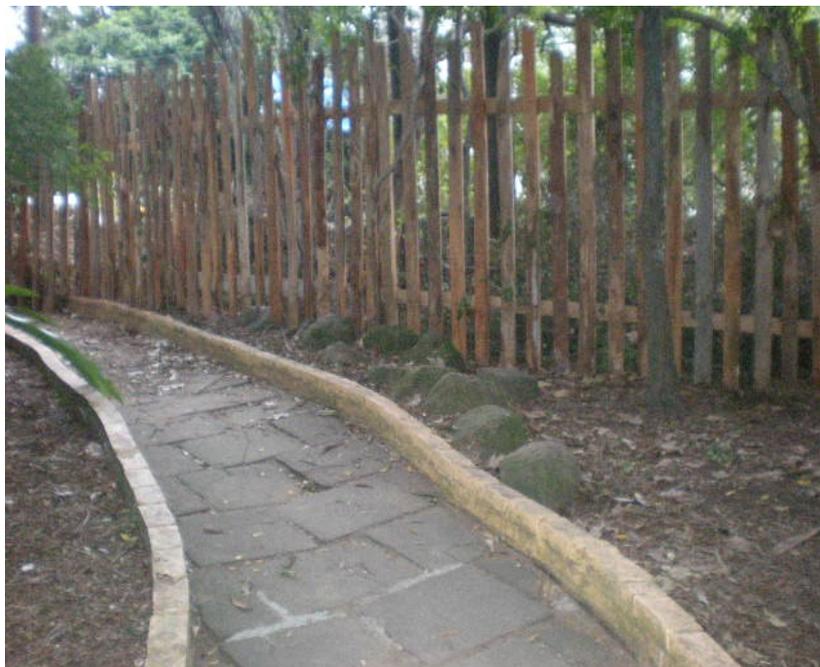


Figura 1: A entrada da Escola Amigos do Verde
Fonte: A autora (2010)



Figura 2: Flores para as visitas - As orquídeas do sofazão
Fonte: A autora (2010)

A ESCOLA AMIGOS DO VERDE FICA DENTRO DE UM BOSQUE
E O PÁTIO É O LUGAR DE MUITO CONVÍVIO



Figura 3: o verde maravilhoso da Escola muito cuidado por toda a comunidade
Fonte: A autora (2010)

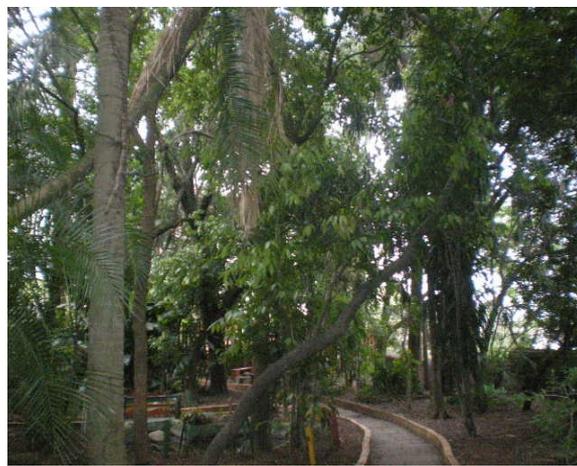


Figura 4: caminhos do pátio
Fonte: A autora (2010)



Figura 5: o laguinho
Fonte: A autora (2010)



Figura 6: as amigas tartarugas
Fonte: A autora (2010)



Figura 7: as barracas inventadas para brincadeiras no recreio
Fonte: A autora (2010)



Figura 8: galos, galinhas, todos circulam livres pelo pátio e são alimentados e cuidados pelas crianças

A ESCOLA TEM UM ESPAÇO ENORME NA ZONA SUL, ONDE AS CRIANÇAS SE ENVOLVEM O ANO INTEIRO COM ATIVIDADES AGRÁRIAS E PERMACULTURA. PLANTAM E CUIDAM DO QUE PLANTAM.

EM NOVEMBRO, ELAS FAZEM A COLHEITA, QUE VIRA “A FESTA DA COLHEITA”



Figura 9: Produtos colhidos pelas crianças que foram plantados por elas meses antes
Fonte: A autora (2010)

APÓS A FESTA DA COLHEITA, VEM O FEIRÃO, ONDE AS CRIANÇAS VENDEM OS PRODUTOS PARA A COMUNIDADE ESCOLAR.

NO DIA DO FEIRÃO, A ESCOLA TAMBÉM VIRA FESTA! OS PAIS FAZEM PIQUENIQUES COM AS CRIANÇAS, TEM BRECHÓ, TEM MÚSICA, AS CRIANÇAS CANTAM E DANÇAM O QUE APRENDERAM !



Figura 10: A Escola se prepara para a venda dos produtos
Fonte: A autora (2010)



Figura 11: A colheita vira festa! Um dia após a colheita, os produtos são comercializados
Fonte: A autora (2010)



Figura 12: “Alface fresquinha”, grita o pequeno vendedor de alfaces na festa da Colheita
Fonte: A autora (2010)



Figura 13: “Ora, por que as flores estão desanimadas?”, perguntou uma criança
Fonte: A autora (2010)

A ESCOLA SE PINTA DE AMARELO NA PRIMAVERA!



Figura 14: O espetáculo do chão amarelo na primavera encanta todos
Fonte: A autora (2010)



Figura 15: Até o recanto das pedras se amarela
Fonte: A autora (2010)



Figura 16: A Biblioteca dos tapetes no chão
Fonte: A autora (2010)



Figura 17: As Harmonizações
Fonte: A autora (2010)



Figura 18: Uma conversa liberadora da dor
Fonte: A autora (2010)



Figura 19: Aulas musicais com Herbert
Fonte: A autora (2010)



Figura 20: pintura com areia -mistura estranha,mas dá alegria. No fundo, o brinquedão.
Fonte: A autora (2010)



Figura 21: merendas naturais – frutas e sucos
Tudo compartilhado!

Fonte: A autora (2010)



Figura 22: trabalho de aula - coletivo
Fonte: A autora (2010)



Figura 23: Alguém conta histórias
Fonte: A autora (2010)

PROJETO BRINCAR



Figura 24: Profª Silvana, coordenadora do Projeto
Fonte: A autora (2010)



Figura 25: Divisão de brinquedos
Fonte: A autora (2010)



Figura 26: O jogo como aprendizagem
Fonte: A autora (2010)



Figura 27: O jogo e a concentração
Fonte: A autora (2010)



Figura 28: Grupos de jogos em recreio
Fonte: A autora (2010)



Figura 29: O xadrez
Fonte: A autora (2010)



Figura 30: um dos jogos preferidos
Fonte: A autora (2010)



Figura 31: também é bom desenhar
Fonte: A autora (2010)



Figura 32: jogo de botão – todo mundo quer!
Fonte: A autora (2010)



Figura 33: Jogo de bola
Fonte: A autora (2010)



Figura 34: envolvimento coletivo e recreio pacificado
Fonte: A autora (2010)

ANEXO B – AUTORIZAÇÕES DAS ESCOLAS PESQUISADAS

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO

Porto Alegre, 22 de setembro de 2010.

Senhora Diretora,

No momento em que cumprimento Vossa senhoria, venho por meio deste apresentar minha proposta de pesquisa intitulada "Práticas Pedagógicas que Pensam a Ética da Vida com Crianças e Jovens", para o Curso de Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

A Pesquisa tem como objetivos investigar a vivência de práticas pedagógicas que pensem a Ética da Vida, como a Escola tem vivido estas relações, que lugares e tempos existem na Escola para pensar a Ética e como estas práticas pedagógicas tem trabalhado o valor da vida com as crianças.

Para realizar a Pesquisa solicito a permissão para observações, registros e entrevistas com educandos e educadores. As informações serão tratadas com todo o caráter sigiloso e confidencial que requer uma pesquisa científica, bem como a preservação cuidadosa das identidades dos entrevistados e entrevistadas.

O Desenvolvimento desta Pesquisa poderá contribuir com outras Escolas, outros processos educativos bem como outras práticas pedagógicas mais abrangentes, como também apontar alternativas para a construção de uma Escola qualificada e humanizadora.

Atenciosamente,

Ana Felícia Guedes Trindade
Mestranda em Educação / Pesquisadora Proponente



Aceite / Permissão da Instituição

Carimbo da Instituição

89731855/0001-04

ESCOLA AMIGOS DO VERDE
SOCIEDADE SIMPLES LTDA.

AV. CRISTÓVÃO COLOMBO, 3437
HIGIENÓPOLIS - CEP 90560-005

PORTO ALEGRE - RS

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em contribuir com a pesquisa “ Práticas Pedagógicas que pensam a Ética da Vida com crianças e com jovens” , que a Mestranda Ana Felícia Guedes Trindade , sob a orientação da Profª Drª Leda Lísia Franciosi Portal ,desenvolverá no ano de 2010, em minha Escola e em nossos espaços de sala de aula e de reuniões.

A Pesquisa prevê observações, entrevistas semi-estruturadas, registros de imagens conversas e grupos focais.

Todas as informações obtidas que se desejar serem de caráter sigiloso serão respeitadas e confidenciais, bem como as imagens que forem realizadas .Existirá sempre a preservação da identidade dos entrevistados e a consulta prévia de qualquer movimento diferente, nesse sentido.

A Pesquisa tem como objetivo investigar boas práticas pedagógicas em Ética. Isso confere à Pesquisa um teor de que os dados a serem levantados devam ser olhados , percebidos e socializados sempre na direção construtiva.

Assim, nesses termos , assino e confirmo minha contribuição.

Nome: *Lyna Carneiro Behrunds*
Escola: *Escola Amigos do Verde*
Assinatura: *Lyna Behrunds*
Data: *27/10/10*

Contato com a Mestranda:

Telefone: 93081699

E-mail: escidada@hotmail.com

